



PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO – PROGRAMA DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

WALDINEI COMERCIO DE SOUZA GUIMARÃES

O CREPÚSCULO EM SANTIAGO
A Jornada do Peregrino Rumo à Religiosidade e a Descoberta Analítica.

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

SÃO PAULO

2008

**PONTIFÍCIA UNIVERSIDADE CATÓLICA DE SÃO PAULO – PUC-SP
SETOR DE PÓS-GRADUAÇÃO – PROGRAMA DE CIÊNCIAS DA RELIGIÃO**

WALDINEI COMERCIO DE SOUZA GUIMARÃES

**O CREPÚSCULO EM SANTIAGO
A Jornada do Peregrino Rumo à Religiosidade e a Descoberta Analítica.**

MESTRADO EM CIÊNCIAS DA RELIGIÃO

Tese apresentada à Banca Examinadora como exigência parcial para obtenção do título de Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, sob a orientação do Prof. Doutor Eduardo Rodrigues da Cruz

SÃO PAULO

2008

Banca Examinadora

Esse trabalho só se tornou possível graças ao apoio de minha mãe, Neyde, e dos meus amigos Ideo, Simone, Fernando e Alejandro.

RESUMO

A redescoberta da peregrinação no Caminho de Santiago de Compostela, observada no final do século XX, desperta um desejo de investigação sobre suas causas e desdobramentos na vida de quem se propõe a percorrê-lo em plena pós-modernidade. Essa investigação toma corpo na medida em que definimos as áreas de conhecimento que podem nos auxiliar a compreender o fenômeno, e nesse sentido a análise inicia-se pela Antropologia, que permitiu iluminar a peregrinação considerando os movimentos sociais em torno dos ritos de passagem, da religião, espiritualidade e busca de sentido ao longo dos séculos até os dias de hoje. Os significados de cada rito, símbolo, gesto, sofreram modificações ao longo da história, mas preservam sua essência.

Em busca da visão do peregrino moderno sobre as transformações do Caminho de Santiago, realizamos uma pesquisa com peregrinos de Santiago, cidadãos de classe média urbana brasileira. Observamos pelas entrevistas que o Caminho, de fato, é capaz de reconectar o indivíduo com sua religiosidade e com a possibilidade de transcendência através do rito.

Estes resultados são analisados em conjunto com a descrição da jornada do herói em Joseph Campbell, segundo o pensamento Junguiano, aproximando a estrutura do mito com as manifestações arquetípicas. Buscando o aprofundamento no conteúdo obtido com a pesquisa, encontramos elementos que revelam a capacidade de transformação proporcionada pelo ritual de peregrinação a Santiago, um ingrediente fundamental no processo de encontro com o *si-mesmo* e de reintegração com as próprias experiências religiosas dos entrevistados.

Palavras-chave: Peregrinação, Herói e Autoconhecimento.

ABSTRACT

The rediscovery of pilgrimage to Santiago de Compostela observed during the last couple of decades of the twenty century inspire the investigation upon the causes and to follow the events that come in the lives of those who are determined to accomplish the journey in the course of Post Modern age. This investigation takes place effectively when we define the field of knowledge that is able to help us to understand the phenomena; according to this statement we started with Anthropology, which help us to illuminate the pilgrimage considering the social movements around the rites, the religion, spirituality and the search of meaning present in the human history until these days. The meanings of each rite, symbol, and gesture, have suffered modifications along the history, however they preserve their essence.

The pursuit of the modern pilgrim's vision concerning the transformations that happen along the "Caminho", lead us to do research among some of the pilgrims of Santiago and check the hypotheses proposed in this project. In this sense, we observed that the experience is capable of reconnecting the person to his or her religiosity and the transcendence enabled through the rite.

Finally, we analyze the Hero's Journey of Joseph Campbell and according to the Jung's thoughts, establishing relations between the myth structure and the archetypical expressions. Beginning with an analysis of the data obtained in this research, we found elements that reveal the capability of transformation generated by the rite of pilgrimage to Santiago, a fundamental component in the development process of the self.

Key-words: Pilgrimage, Hero and Self-knowledge.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Cabeça de San Guillermo.....	31
Figura 2: Monastério de Santa Maria la Real.....	33
Figura 3: A Cruz de Ferro.....	36
Figura 4: O Botafumero.....	37
Figura 5: O Códice Calixtino.....	39

Todas figuras foram extraídas de: PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>>. Acessado em 5 out. 2005.

ÍNDICE

Resumo	5
Abstract	6
Lista de Figuras	7
Índice	8
Introdução	10
O Caminho até aqui	10
O plano da obra	13
Capítulos	15
1. A via Láctea e a constelação do sagrado	17
1.1 A História	17
1.1.1 São Tiago	17
1.1.2 A peregrinação medieval a Santiago	19
1.1.3 A peregrinação em Santiago após a idade Média	22
1.1.4 A origem das rotas	23
1.1.5 A redescoberta do Caminho	24
1.1.6 Chegadas e partidas	26
1.2 O imaginário do Caminho	28
1.2.1 Fuente de la Reniega - A iniciação	28
1.2.2 A história de Santa Fiega – O chamado do herói	30
1.2.3 Monastério de Santa Maria La Real – O Arauto	32
1.2.4 O milagre do Santo Graal no Cebreiro	34
1.2.5 Foncebadón e a Cruz de Ferro	35
1.2.6 O Botafumeiro	37
1.2.7 O Códice Calixtino	38
1.2.8 Os rituais simbólicos	40
1.3 A Peregrinação na Contemporaneidade – Uma Visão Antropológica	42
1.3.1 Os ritos de passagem	43
1.3.2 A Liminalidade	45
1.3.3 Communitas	48
1.3.4 O turista e o peregrino	50
2. O Caminho e o Herói	54
2.1 Introdução	54
2.2 Os ritos de passagem e a aventura do herói	55
2.3 A pesquisa	58

2.3.1	Objetivo.....	58
2.3.2	Questões	59
2.3.3	Questão 1	60
2.3.4	Questão 2	61
2.3.5	Questão 3	61
2.3.6	Questão 4	62
2.3.7	Questão 5	63
2.3.8	Questão 6	64
2.3.9	Questão 7	65
2.3.10	Questão 8	66
2.3.11	Questão 9	67
2.3.12	Questão 10	69
2.4	A estrutura do mito da jornada do herói segundo Campbell	70
2.4.1	O primeiro passo.....	70
2.4.2	O chamado	74
2.4.3	A aventura	76
2.4.4	O retorno.....	79
3.	Os Novos Peregrinos – Campbell sob a ótica Junguiana	81
3.1	Introdução	81
3.2	Inconsciente pessoal e inconsciente coletivo.....	82
3.3	O Arquétipo	84
3.4	O despertar da consciência e a individuação.....	84
3.5	O ritual e o sagrado.....	89
3.6	O reencontro com a religiosidade	91
	Conclusões.....	94
	Bibliografia.....	100
	Apêndice	103
	Dados da Pesquisa	103

INTRODUÇÃO

A minha trajetória pessoal passa pela formação Católica, Rosacruz, espiritualista e foi profundamente explorada ao longo do caminho de Santiago de Compostela em 2002; e passa também pela vivência analítica – resultado de um processo terapêutico de 8 anos. A partir disto, desenvolvo aqui um trabalho de pesquisa que permite estabelecer um diálogo entre essas experiências, e extraí elementos que demonstram a relevância dessa análise no contexto social do século XXI. Localizando a época em que vivi a experiência do Caminho na minha vida, ela antecedeu em um mês à morte de meu pai, e por conta disso foi, e continua sendo, fonte de inspiração nos momentos difíceis e nas grandes decisões. Considero o efeito mais significativo dessa vivência a aproximação com a dimensão humana e religiosa, juntamente com o sentido de missão que encontrei nesse processo, traduzido nesse projeto, que busca a sua ampliação dentro do universo científico. Todo o aprofundamento foi desenvolvido preservando-se a distância, que se faz necessária para que a imparcialidade entre o pesquisador e o seu objeto seja garantida.

O CAMINHO ATÉ AQUI

Esse trabalho analisa o fenômeno da peregrinação a Santiago de Compostela considerando um corpo de estudos relevantes atuais que pode ser dividido em três partes. Iniciamos pela visão antropológica do fenômeno peregrinação utilizando os conceitos de Liminalidade e Communitas definidos por Victor Turner¹ e ampliados por John Eade², Nancy Frey³, Sandra Carneiro⁴, Roberto DaMatta⁵, que utilizam

¹ TURNER & TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Columbia University, 1978, p. 9.

² EADE, J. e SALLNOW, M. *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*. University of Illinois Press, 2000.

³ FREY, Nancy. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998.

⁴ CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé – brasileiros no Caminho de Santiago*. Rio de Janeiro: CNPq/PRONEX, 2007.

⁵ DAMATTA, R. "Individualidade e Liminalidade: Considerações sobre os ritos de passagem e a Modernidade". In: MANA 6(1), 2000.

Turner como base de argumentação e desenvolvem análises sobre a contemporaneidade. Há uma investigação em curso sobre as semelhanças e diferenças do turista religioso do peregrino, quais os valores envolvidos e como localizar a religiosidade nessas manifestações. Sandra Carneiro traz à tona os horizontes interpretativos da chamada Cultura de Viagem, analisados sob seu caráter contemporâneo, ambíguo e globalizado.

A busca da espiritualidade através da manifestação individual, sob o olhar de Reginaldo Prandi, que partindo do “mundo desencantado” analisa a transformação do caráter público da religião para o privado. A razão não conseguiu cumprir sua promessa de satisfação de todas as necessidades humanas, e em contrapartida a religião adquiriu, desde a década de 70, um caráter muito mais privado do que público, ou seja, as manifestações estão muito mais no plano individual do que no coletivo, fato que corrobora com as manifestações de contato com o transcendente fora do âmbito estritamente religioso.

Lembramos também o homo-religiosus definido por Gilbert Durand, e sua análise antropológica sobre os símbolos religiosos e seus percursos ao longo da história. A ressonância do retorno do mito e dos ressurgimentos das problemáticas e das visões do mundo que gravitam em torno do símbolo, na atração da qual se desdobra o mais profundo pensamento contemporâneo.

Avançando no universo de símbolos e significados encontrados no caminho de Santiago, temos a jornada do herói narrada por Campbell que auxilia a compreensão do fenômeno frente à estrutura do mito. A aventura do caminho é marcada por uma série de etapas, que invariavelmente, se repetem: a partida, a iniciação e o retorno. Nessa instância é importante estabelecer uma distinção dos aspectos do sagrado e dos aspectos místicos envolvidos na constelação de símbolos e significados presentes no itinerário.

Outro aspecto é o encontro com o sagrado, tomando como referência o trabalho de Phil Cousineau, “A arte da peregrinação” e o voltando ao texto de Sandra M. C. de Sá Carneiro, “No Caminho de Santiago de Compostela: significados e passagens no itinerário comum europeu”, no qual a autora busca estabelecer a relação dos significados do caminho de Santiago com os valores católicos – as fendas abertas ao longo do tempo - e a busca do auto-conhecimento. Acrescentamos a

necessidade cristã latente de compreensão primordial da mística no seu próprio seio, utilizando a obra de Faustino Teixeira e seus colaboradores. Apesar de tudo, a unidade continua se impondo como um horizonte em que as experiências místicas de todos os tempos e em todas as culturas podem ser vistas, pelo menos à luz da unidade observável em toda experiência humana, pelo simples fato de ser humana.

A terceira e última instância é a do universo analítico e a sua relação com a religiosidade. Em que medida a jornada do peregrino está relacionada com o processo de individuação e qual sua contribuição para trazer à tona conteúdos inconscientes que auxiliem a compreensão do eu, seus limites e suas potencialidades. Bani Shorter traz uma contribuição fundamental com sua análise sobre a experiência psicológica do ritual. A experiência das formas míticas e imagens tocam e combinam com o despertar pessoal tão profundamente que não são acessíveis à consciência de imediato, pois normalmente possuem um caráter inicial sombrio. Marilyn Nagy aproxima a filosofia de Jung, propondo que o conhecimento verdadeiro é fruto da experiência real, especialmente quando vivenciados de forma numinosa. Além disso, ela analisa a importância do mito religioso para a humanidade.

Se considerarmos a auto-consciência do grosso da população, a religião tem a condição de estabelecer um diálogo com o ser humano em níveis que sistemas políticos ou filosóficos não conseguem atingir. A religião como explicação para o sentido da vida é uma realidade que permeia a sociedade desde os primórdios e preenche a necessidade do homem de buscar uma intervenção transcendente para aliviar sua impotência diante do incontável. A Psicologia, por outro lado, tenta prover o homem de instrumentos para compreender melhor suas limitações e potencialidades e enfrentar os desafios com um pouco mais de consciência. Observar esses movimentos de busca interior e relacioná-los, tendo como pano de fundo nossa sociedade e a visão pós-moderna de religião, faz com que possamos compreender melhor as possibilidades para aliviar a culpa pela imperfeição.

A contribuição, nesse sentido, é a de reunir todos os elementos para construir a idéia de que a manifestação analisada, a peregrinação no caminho de Santiago de Compostela, pode ser compreendida sob diferentes ângulos, que por sua vez

estabelecem diálogos entre si: Antropologia do sagrado, a jornada do herói, os arquétipos, o processo de individuação, o mito e a realidade.

O PLANO DA OBRA

Partindo do fenômeno peregrinação, delimitado pelo caminho de Santiago e seus peregrinos, buscamos o seu significado sob diferentes aspectos. A eficácia simbólica manifestada no peregrino ao longo da sua jornada, e os seus significados frente à realidade contemporânea. Daí, destacamos as transformações do fenômeno ao longo do tempo e estabelecemos uma análise de seu status atual frente às re-significações do sagrado e o seu poder de transformação efetiva.

A análise sob esse recorte demonstra que essa manifestação medieval atravessou os séculos sofrendo diversas re-significações, desde o esvaziamento quase completo no século XVIII até chegar ao século XXI como um fenômeno popular carregado de símbolos que espelham aspectos da sociedade contemporânea. Outro ponto relevante neste trabalho é o significado da existência da rota, que está intimamente relacionado à busca de sentido presente na natureza humana desde os primórdios, ao incômodo gerado por perguntas que insistem em não ser respondidas – de onde viemos, para onde vamos? São perguntas que sofrem releituras com origem na secularização, mas permanecem intocadas no inconsciente coletivo.

Com base no cenário descrito acima, levantamos três hipóteses para serem validadas: a primeira é que para esses peregrinos nem a religião tradicional nem o processo terapêutico são capazes de alimentar suas almas de modo a satisfazer sua fome de sentido. A inquietação e a busca de um sentido para a vida é o fator motivador para a realização da jornada. Nessa linha, o peregrino que estudamos, cidadão brasileiro de classe média, procura respostas, que via de regra não são encontradas; em contrapartida formulam-se novas perguntas que criam condições para a transformação.

A segunda é que o sagrado tradicional destes peregrinos é substituído por novas expressões religiosas, expressas em arquétipos e mitos que transformam os significados da religiosidade para o indivíduo. E a terceira, é que a peregrinação a

Santiago é marcada pela presença de símbolos e significados, que remetem a manifestação arquetípica do herói e de sombras representadas por conflitos internos vividos ao longo da jornada. Sob a perspectiva do processo de individuação, que trata da emergência de conteúdos inconscientes até nossa consciência, a vivência do caminho contribui para semear pequenas porções desses conteúdos, que podem vir à tona e se integrar ao indivíduo.

Com isso, entendemos os aspectos da nova peregrinação a Santiago de Compostela no mundo contemporâneo, analisando os seus fatores motivadores, o papel da religiosidade e da mística e o processo de apropriação de significados presente nessa manifestação. Partindo da estrutura proposta por Joseph Campbell para a jornada do herói, fizemos sua análise sob a ótica da psicologia Junguiana.

A construção desse quadro inicia com a leitura dos ritos de passagem descritos por Victor Turner, que desenvolveu os conceitos de Liminaridade e Communitas. A transformação do fenômeno da peregrinação a Santiago durante o século XX no plano antropológico, e a individualização analisada a partir da migração das manifestações religiosas do âmbito público para o privado.

Outro conceito chave nesse quadro é a Jornada do Herói narrada por Joseph Campbell, no qual poderemos explorar a construção do mito e seu reflexo sobre os conceitos antropológicos anteriormente citados.

Para iluminar a jornada do herói no caminho de Santiago de Compostella, serão utilizadas dois conceitos de C. G. Jung: Arquétipo e Si-mesmo, que deverão contribuir para a compreensão do fenômeno da peregrinação no processo de individuação, além disso esses conceitos são analisados a partir da estrutura proposta por Campbell.

Tudo isso observado pela ótica analítica, que deverá proporcionar as ferramentas necessárias para ampliarmos os conceitos e colocar a Psicologia, enquanto tratado acerca da alma humana e de suas faculdades intelectuais e morais, em uma condição de diálogo com a religião, a antropologia e o universo mitológico.

O desenvolvimento desse projeto vai respeitar a metodologia considerando a revisão bibliográfica e os dados empíricos obtidos através de uma pesquisa feita com peregrinos de Santiago. A partir desse material vamos elaborar as conclusões

sob a luz dos principais autores.

CAPÍTULOS

1. A Via Láctea e a constelação do sagrado

Na primeira metade deste capítulo exploramos a história do Caminho e suas principais lendas, tentando estabelecer uma relação dos principais marcos e a sua riqueza simbólica ao longo do tempo, percorrendo seus principais marcos na história até o século XXI. Esses conteúdos são utilizados na análise desenvolvida ao longo do trabalho, pois eles são fundamentais para a construção do raciocínio sobre a peregrinação na modernidade. Na segunda metade iniciamos a análise partindo de estudos antropológicos sobre peregrinação, situando a religião e o rito de passagem no contexto social de acordo com o tempo. O que representa para o peregrino moderno a realização de um ritual e quais seus desdobramentos frente à religiosidade e o encontro com o transcendente fora do âmbito estritamente religioso.

2. O Caminho e o Herói

Iniciamos a análise apresentando o universo da jornada do herói, sob a ótica mítica de Campbell e sua obra “O Herói de Mil Faces”, para aprofundarmos as hipóteses relacionadas às etapas vividas pelo herói ao longo de sua aventura. Nesse capítulo também apresentamos a pesquisa, que procurou validar as hipóteses aqui propostas, considerando conteúdos relacionados a todos os capítulos. A pesquisa tocou em temas como: o papel da religiosidade na peregrinação, como é a relação entre os peregrinos, as diferenças entre o peregrino e o turista e qual o fator que motiva o peregrino moderno a assumir o desafio, e nos auxiliou a entender melhor quais os símbolos do Caminho de Santiago que permanecem no imaginário coletivo e individual, e qual a relação que o peregrino estabelece com eles.

3. Os Novos Peregrinos – Campbell sob a ótica Junguiana

O último capítulo também utiliza dados da pesquisa para discutir a experiência ritual através da psicologia, e resgata nos primeiro e segundo capítulos a visão do rito de passagem e seu papel frente ao meio que o peregrino está inserido. Partimos da estrutura proposta por Campbell e buscamos na psicologia analítica o apoio conceitual para analisar os aspectos sombrios e arquetípicos presentes na peregrinação. De que forma a experiência é capaz de criar condições para o despertar da consciência a partir da vivência numinosa, e em que momentos podemos assumir que o peregrino subiu um degrau no processo de desenvolvimento do si-mesmo.

1. A VIA LÁCTEA E A CONSTELAÇÃO DO SAGRADO

Na primeira metade deste capítulo vamos explorar a história do Caminho de Santiago – ao longo do trabalho iremos nos referir ao Caminho de Santiago simplesmente por **Caminho** - e suas principais lendas, tentando estabelecer uma relação dos principais marcos e a sua riqueza simbólica. Pretendemos, outrossim, utilizar esses conteúdos na análise a ser desenvolvida ao longo do trabalho. Na segunda metade iniciamos a análise partindo de estudos antropológicos sobre peregrinação, e suas transformações até os dias atuais.

1.1 A História

1.1.1 São Tiago

De acordo com o novo testamento São Tiago, um dos doze apóstolos de Cristo, era filho de um pescador chamado Zebedee, ele e seu irmão João – o Evangelista - foram chamados por Jesus enquanto jogavam suas redes no lago Genesaret. Os jovens receberam de Cristo o nome de Boanerges, homens do trovão, devido ao seu caráter impetuoso, e se tornaram especialmente importantes entre os apóstolos, aparecendo em momentos cruciais no ministério de Jesus, como na Transfiguração e a Agonia no Jardim de Gethsemane.

Uma tradição⁶ anterior ao século VII, conta que Tiago pregou a palavra de Cristo na Espanha, mais precisamente na Galícia - noroeste da península Ibérica – até o final

⁶ Neste capítulo serão utilizadas referências, de maneira geral, das seguintes obras: LAHELMA, Antti. A short guide for pilgrims to Santiago de Compostela. Disponível em: <http://koti.welho.com/alahelm2/Santiago_Guide.pdf> Acessado em 13 jun. 2006. FREY, Nancy. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da Califórnia, 1998. CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé – brasileiros no Caminho de Santiago*. Rio de Janeiro: CNPq/PRONEX, 2007. PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <<http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>> Acessado em 5 out. 2005.

da Terra em Finisterre. A obra “A Legenda Áurea”⁷ narra que a pregação não foi bem recebida, e apesar de todo esforço do apóstolo, ele conseguiu somente nove conversões. Após essa passagem Tiago retornou a Jerusalém, e durante sua rota a Virgem Maria apareceu ao longo do rio Ebro, em Zaragoza, mostrando um pilar de pedra. Essa aparição não só proveu suporte simbólico e literal para sua missão, mas também deu a luz ao culto popular e ao santuário da Virgem do Pilar.

Nos Atos dos Apóstolos⁸ há o relato que Tiago foi o primeiro apóstolo que morreu como mártir, sendo executado pelo rei Herodes Agripa por volta do ano 44 DC. Uma lenda clama que no último minuto antes de ser executado, o seu acusador se arrependeu e teve sua cabeça cortada junto com a dele. São Tiago é conhecido como “o Grande” por causa da existência de outro São Tiago, que foi chamado de “o Jovem”.

Após sua morte seus discípulos levaram seu corpo de volta a Galícia em um barco de pedra divino, que navegou sem velas e remos guiado por Deus. Eles ancoraram em Iria Flavia (16Km de Santiago) e pediram a rainha Lupa um local para enterrá-lo, no entanto a rainha pagã impôs uma série de dificuldades, até finalmente se converter ao cristianismo e transformar seu palácio no sepulcro sagrado. É também nesse retorno a Galícia que o primeiro milagre associado a sua presença na Espanha é invocado, ligando sua figura a concha, o símbolo chave do peregrino: “Como o barco de pedra... próximo das terras de Padrón, um cavaleiro cavalgando na praia foi carregado pelo seu cavalo indomável para dentro do mar no meio das ondas. Ao invés de se afogar, no entanto, ambos, cavalo e cavaleiro, emergiram do fundo cobertos com conchas⁹”.

Durante a perseguição romana, no entanto, os primeiros cristãos foram forçados a abandonar o sítio sagrado, e com o esvaziamento da área e a subsequente queda do império Romano o local foi esquecido. Após um longo período de esquecimento, em 813 DC, sob o reinado de Alfonso II (789-842), um eremita chamado Pelagius teve uma visão na qual o local do sepulcro fora revelado a ele. O local rapidamente se tornou conhecido e passou a atrair muitos fiéis em busca de milagres, com isso o bispo de Iria Flavia, Theodomir, realizou uma investigação no sítio e o declarou

⁷ VARAZZE, Jacopo. *A Legenda Áurea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

⁸ NOVO Testamento, Atos dos Apóstolos, cap. 11-12.

⁹ DAVIES, H.; DAVIES M. H. *Holy Days and Holydays: The Medieval Pilgrimage to Compostela*. Associate University Press, London: 1982, p. 220-21. *apud* FREY, Nancy. 1998, p.9.

legítimo. O rei logo ergueu uma igreja no local e São Tiago se tornou o protetor divino da Espanha.

Uma lenda mais recente atribui a origem da palavra Compostela a derivação de “campos stellae” ou “campos das estrelas”, devido a luz milagrosa que mostrou o local do sepulcro. Filologistas modernos, entretanto, apontam a origem da palavra do latim “compostum”, que significa local de enterro, referindo-se ao cemitério romano localizado sob a Catedral.

1.1.2 A peregrinação medieval a Santiago¹⁰

A descoberta dos restos de São Tiago ocorreu durante um período conturbado da história medieval. Em 711 DC os Mouros invadiram a Espanha Visigoda e conquistaram a maior parte do país, deixando somente alguns pequenos reinos nas montanhas de Astorga – ao norte da Espanha – que resistiram aos poderosos ataques da civilização árabe. As lendas contam que durante a batalha de Clavijo (844 DC) São Tiago fez uma aparição como um guerreiro divino montado em um cavalo branco que auxiliou Ramiro I de Leon a derrotar o exército de Abdurrahman II. Em um sonho Santiago disse a Ramiro: “Nosso Senhor Jesus Cristo... deu a Espanha para que eu olhasse e protegesse-a das mãos dos inimigos da Fé.... E então... amanhã você irá me ver em uma batalha, montado em um cavalo branco com um estandarte branco e uma espada brilhante na mão.” Essa imagem do santo se tornou mais popular do que a figura do peregrino gentil, e permaneceu por séculos como símbolo dos guerreiros espanhóis durante suas conquistas.

Os soberanos das províncias de Aragon, Navarra y Castilla se esforçaram para atrair a seus domínios pessoas ricas e poderosas de outros países utilizando todos os meios para seduzi-los, como troca de presentes, política de matrimônios e proclamação de favores atribuídos à visita ao sepulcro do apóstolo. Conscientes da importância que uma relíquia como os restos de Santiago possuía, as monarquias espanholas colaboraram ativamente no êxito do caminho santo como forma de

¹⁰ FREY, Nancy. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998.

defender seus interesses políticos e militares – necessitavam de guerreiros e dinheiro na sua luta contra os Mouros.

A crença cresceu na medida em que vários milagres foram sendo associados à Santiago, provocando o início da peregrinação em busca da sua graça. O primeiro peregrino conhecido foi o francês Gotescalco, o bispo de Puy, no ano de 950, juntamente com uma importante comitiva; mais tarde recorreria ao caminho Raimundo II, marques de Gothia, que seria assassinado durante o trajeto; e um século depois visitaria a tumba do apóstolo o arcebispo de Lyon. Dessa forma, junto com esses peregrinos ilustres muitos crentes de diferentes origens e condições caminharam pelas rotas em direção a Santiago. A confirmação da presença de um dos mais importantes apóstolos de Cristo na Galícia fez Santiago de Compostela e as centenas de igrejas ao longo da rota com suas relíquias, novos destinos para os peregrinos medievais, e representaram uma excelente alternativa à Roma e Jerusalém, que posteriormente seriam fechadas aos peregrinos pela ocupação muçulmana em 1087.

Nessa época, a popularização do Caminho foi atribuída ao apoio papal vindo de Roma. O sucesso vinha rápido para aqueles que incentivavam o aumento de prestígio a Santiago, como o papa Calixto II, que atribuiu o status de Jubileu ou Ano Santo em 1122 ao santuário, concedendo plenas indulgências aos peregrinos que concluíssem a rota¹¹. Um fator chave para que o culto tenha se espalhado rapidamente no mundo Cristão foi a aparição, no século XII, do *Liber Sancti Jacobi* (Livro de São Tiago), o qual apresenta na sua carta de introdução um texto atribuído ao papa Calixto II, o mesmo que está no *Codex Calixtinus*. Esse texto consiste em cinco capítulos, ou livros, que apresentam com riqueza de detalhes a história, a música e a liturgia do culto a São Tiago, além de um polêmico trecho que liga a Campanha bem sucedida de Carlos Magno para a Reconquista à influência do apóstolo.

No início do século XII a peregrinação a Santiago atingiu seu auge, na mesma época em que o manuscrito *Codex Calixtinus*¹² foi escrito. Ele trata, entre outras coisas, da lenda de Carlos Magno e é considerado o primeiro guia de viagens

¹¹ Anos Santos ou Jacobeos ocorrem quando o dia de Santiago, 25 de julho, cai em um domingo.

¹² Presume-se que esse manuscrito tenha sido escrito por monge francês chamado Aymeric Picaud no ano de 1.130.

escrito que se tem notícias. De acordo com essa obra, Carlos Magno teve um sonho no qual ele recebeu uma mensagem dizendo que deveria seguir a Via Láctea até encontrar o sepulcro de São Tiago. Na obra *Song of Roland*¹³ há relatos das campanhas de Carlos Magno e sua cruzada na Espanha, exaltando sua vitória na batalha de Roncesvalles no ano 778.

Para os peregrinos medievais, a jornada tinha muitos significados. A época era pródiga em misticismo, povoada de devotos dos mais variados cultos. Muitos partiam com a esperança de ter um contato pessoal com as veneradas relíquias do santo que, por sua vez, poderiam salvá-los pelo seu caráter milagroso. Outros esperavam sua própria purificação acreditando na catarse de uma árdua jornada e nos méritos de oração constante. Esses viajantes encontravam outros tipos de viajantes pelo caminho, inclusive alguns “falsos peregrinos” muito desprezados, pois eram pagos por outros para fazerem a peregrinação por eles, além de criminosos cuja sentença era a exigência de completar a jornada.

O compromisso de visitar o túmulo do mártir, em Santiago, não era senão o primeiro passo numa viagem elaboradamente ritualizada, que refletia em grande parte a rotina das peregrinações de qualquer outro lugar. A partida requeria primeiro a bênção especial de um sacerdote local. Naqueles dias, a viagem a Roma, a Santiago ou a Canterbury era considerada tão perigosa, que a volta chegava a ser incerta. Partir em peregrinação sem uma benção era inconcebível, como o era também partir sem antes ter posto os negócios em ordem. Uma carta invocava os testimoniales da igreja paroquial, que lhes permitia evitar acusações de “aventureirismo” ou “exploração”. Com o certificado nas mãos, os peregrinos usavam o traje tradicional: um chapéu de abas largas, uma fita com a concha da Vieira indicando seu roteiro, a mochila surrada presa às costas, a que chamavam de *escarcelas*, e um *bordão*, o cajado do peregrino.

Todas as viagens sagradas eram marcadas pela cerimônia ritual. Na partida era celebrada uma missa, na qual os peregrinos confessavam e comungavam e, depois, havia o ritual de benção das mochilas e das cuias de água. Salmos eram cantados para infundir coragem aos corações dos peregrinos e, então, eles vestiam seus casacos, seus chapéus, recitavam as preces do *Itinerarium* e partiam estrada

¹³ Épico francês de autoria desconhecida escrito no início do século XI.

afora, com seus companheiros de marcha.¹⁴

1.1.3 A peregrinação em Santiago após a idade Média¹⁵

Em meados do século XVI estava em curso a disputa entre a Reforma Protestante e a Santa Inquisição; enquanto a primeira não era favorável a peregrinação, a segunda deixou marcas profundas de violência e repressão, principalmente na Espanha. Essa combinação de fatores afetou muito o fluxo de peregrinos vindos do norte da Europa, além disso, eles passaram a ser associados a criminosos e maltrapilhos.

No século XVII o culto nacional a São Tiago experimentou uma crise quando foi desafiado pelo culto a Santa Tereza de Ávila, uma mística do século XVI extremamente popular. Ele continuou como patrono da Espanha, mas a disputa desgastou ainda mais a crença no santo.

O culto se manteve vivo no século XVII na Europa central graças as confraternidades de São Tiago em Flandres, França, Alemanha e Suíça. Uma evidência da importância do culto para a comunidade católica foi o êxodo de um grande número de irlandeses católicos que buscaram refúgio em Compostela após sofrerem o terror imposto por Oliver Cromwell. Ao final do século XVII a peregrinação viveu uma nova onda de popularidade, que durou até a metade do século seguinte. As organizações de caridade ao longo da rota atraíram novamente um grande número de pedintes e falsos peregrinos, e as guerras na Polônia e na Áustria reduziram a quantidade de potenciais peregrinos. A Revolução Francesa seguida das guerras Napoleônicas colocaram um fim a era das grandes peregrinações européias. As confraternidades que mantinham as hospedarias e outras facilidades ao longo do caminho desapareceram e a peregrinação ficou confinada à Espanha e Portugal.

No ano de 1879 os restos mortais perdidos do santo, que haviam sido escondidos

¹⁴ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação*: Para o viajante em busca de que lhe é sagrado. São Paulo: Ágora, 1999.

¹⁵ LAHELMA, Antti. A short guide for pilgrims to Santiago de Compostela. Disponível em: <http://koti.welho.com/alahelm2/Santiago_Guide.pdf> Acessado em 13 jun. 2006.

em 1518, foram redescobertos durante escavações e uma declaração do papa em 1884 confirmou a autenticidade dos ossos. O ano de 1885 foi considerado o ano abençoado de São Tiago, e peregrinos de todas as partes da Europa fizeram novamente seu caminho até Santiago. O fluxo foi crescendo aos poucos e em 1937 o apóstolo São Tiago foi oficialmente renomeado o santo patrono da Espanha; o culto medieval adquiriu um novo significado ideológico durante as quatro décadas de ditadura fascista de Franco.

1.1.4 A origem das rotas¹⁶

O que hoje comumente é chamado de Caminho de Santiago é na realidade uma rede de rotas, muitas de origem Romana, se estendendo através da Europa, que vinham sendo usadas regularmente por peregrinos desde o século XI para chegar até Santiago de Compostela. Os vários caminhos são baseados em outras rotas históricas de peregrinação a Santiago. O caminho inglês leva os peregrinos do Reino Unido chegando pelo mar ao sul de Santiago em La Coruña, o caminho português trouxe os peregrinos do norte, e a via de la plata foi usada pelos peregrinos do sul e centro da península Ibérica para se juntar ao caminho francês em Astorga.

Atualmente o Caminho geralmente se refere ao caminho francês porque ele é e foi o mais popular pela sua infra-estrutura de refúgios para os peregrinos e pelas cidades, bem como monastérios e igrejas. No final do século XX, assim como no século XII, o caminho francês inicia em St. Jean Pied-de-Port e entra pela Espanha por duas passagens pelas montanhas, Roncesvalles e Somport. Ambas se unem em Puente la Reina e continuam pela ponte medieval de pedra atravessando a rica variedade de paisagens, que passam desde as montanhas dos Pirineus, as corridas de touro de Pamplona, a famosa região de vinhos da Rioja, as florestas selvagens e as antigas habitações nas proximidades de Burgos, os trigais de Castilla e Leon, as suaves montanhas que protegem a Galícia e finalmente a

¹⁶ FREY, Nancy. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998.

floresta de eucaliptos que leva até as portas de Santiago, completando os aproximadamente oitocentos quilômetros de extensão. O Caminho também atravessa grandes áreas urbanas e vilarejos cuja formação e história coincidem com seu desenvolvimento. As rotas de peregrinação são predominantemente rurais, abertas e não pavimentadas, exatamente o que o peregrino espera.

1.1.5 A redescoberta do Caminho

De maneira geral, Sandra Carneiro¹⁷ distingue alguns períodos na história da peregrinação compostelana, em função de sua capacidade de atração em cada momento, da origem social dos peregrinos e de suas motivações. Dessa forma ela situa seis momentos na história do Caminho:

1ª Fase: vai desde a data do descobrimento do sepulcro até meados do século X, em que se iniciam as peregrinações a partir dos países estrangeiros;

2ª Fase: ocorre ao longo do século XI, e é quando o fenômeno se forma e tem início sua expansão;

3ª Fase: os séculos seguintes (XII, XIII, XIV), que constituem o esplendor das peregrinações jacobeanas;

4ª Fase: a partir de meados do século XIV até princípios do século XVI, situa-se a fase mais crítica do fenômeno;

5ª Fase: desde o século XVI até praticamente o século XX;

¹⁷ CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé – brasileiros no Caminho de Santiago*. Rio de Janeiro: CNPq/PRONEX, 2007, p.66.

6ª Fase: século XX, quando começa o processo de revitalização sob novos padrões simbólicos, religiosos, sociais e culturais.

No início do século XX um fato de suma importância histórica levou o arcebispo compostelano a informar ao núncio papal, em Madri: no ano jubilar de 1909, um grupo de 46 pessoas, encabeçadas pelo arcebispo de Westminster, chega até a tumba do Apóstolo, coisa que não acontecia, de forma organizada e com tais efeitos, desde o ano de 1558. As posteriores intervenções de Pio XII e Paulo VI, insistindo na importância dessa prática e, já em época mais recente, o compromisso explicitado pelo papa João Paulo II são aspectos considerados decisivos para a atual revitalização do processo.

Os fatos históricos são aspectos muito importantes para os peregrinos modernos, pois eles normalmente querem percorrer as mesmas rotas como os primeiros aventureiros fizeram, e experimentar da mesma forma. Segundo Nancy Frey¹⁸, a ênfase colocada na jornada em si e no como chegar até o santuário em Santiago marca uma evidente diferença entre outras populares peregrinações da Europa Ocidental, como Lourdes na França e Fátima em Portugal. Nesses outros centros, cuja devoção está focada em torno da Virgem Maria pela maioria Católica, o ato ritual essencial ocorre circunscrito ao espaço sagrado no interior do santuário. O meio de transporte dos peregrinos, ou o modo de chegada ao santuário é usualmente secundário ou irrelevante. O contraste entre os peregrinos de Fátima ou Lourdes frente àqueles de Compostela, de classe média, na maioria europeus é surpreendente. Eles levam de uma semana a até quatro meses caminhando, cavalgando ou pedalando. Apesar de ser um santuário de cura em visitas curtas, a peregrinação contemporânea a Santiago não fica confinada à cidade em si, mas consiste numa longa jornada física e geralmente interna (espiritual, pessoal, religiosa). Em muitos casos fazer a peregrinação se torna para o participante uma das mais importantes experiências de sua vida. Os peregrinos querem sentir e viver a rota passo a passo. Não-católicos, agnósticos, ateístas, e mesmo pesquisadores da sabedoria esotérica andam lado a lado com católicos e protestantes.

¹⁸ FREY, Nancy. *Pilgrims stories* - On and Off the Road to Santiago. Univ. da California, 1998.

No início dos anos oitenta a infra-estrutura de refúgios para peregrinos, administrados por hospitaleiros voluntários e baseados no modelo medieval de caridade, se espalhou pela rota, permitindo aos peregrinos realizar a jornada com a certeza de encontrar um abrigo disponível e economicamente acessível. Essas rotas são marcadas por uma seta amarela ou conchas. Sinais ao longo da rota explicam ao peregrino os numerosos sítios históricos. Os peregrinos também carregam uma credencial, ou passaporte, que é utilizado para identificá-los nos locais preparados para recebê-los. A credencial recebe um carimbo a cada dia, ao final deve ser apresentado na recepção do escritório da Catedral em Santiago para que o peregrino tenha direito a Compostela, documento que certifica a conclusão da jornada. Antes ou depois da jornada os peregrinos geralmente se juntam a confraternidades ou associações dos amigos de Santiago, encontradas pela Europa e com filiais nos Estados Unidos e Brasil. A peregrinação começa com a decisão de realizar a jornada, mas nunca termina quando se chega à cidade.

1.1.6 Chegadas e partidas

Ainda segundo Nancy Frey¹⁹, as histórias contadas pelos peregrinos em seu trabalho revelam o quanto o objetivo da jornada frequentemente varia. Enquanto Santiago é um objetivo geográfico óbvio, não é necessariamente o final da jornada interior. A jornada física pode terminar, porém a interior pode não ter sido concluída. A multiplicidade de finais possíveis é visível no curso da jornada física e no retorno para casa. A peregrinação não termina simplesmente com a chegada do peregrino a Santiago, mas é um processo que normalmente inicia antes da peregrinação atingir os portões da cidade e é prolongada indefinidamente assim como o peregrino continua a interpretar as experiências do dia-a-dia frente suas experiências no Caminho. O final geográfico em Santiago é normalmente precedido por um senso de chegada percebido bem antes do peregrino por os pés na cidade e iniciar o caminho de granito que leva a catedral. A aproximação do final

¹⁹ Ibid, p. 138.

geográfico é sentida mais fortemente na última semana para caminhantes e a poucos dias para os ciclistas. Claramente, o tempo começa a exercer um papel como se tivesse determinado limites específicos e os dias, além de parecerem mais numerosos, começam a passar como uma contagem regressiva.

As mudanças geográficas e o clima também influenciam o sentido de transição nas duas últimas semanas de caminhada. Assim que os peregrinos chegam a Astorga eles deixam para trás a planície marrom, o calor e a passagem através dos campos largos de Castilla e Leon e as grandes cidades de Leon e Burgos. Nesse ponto eles entram em outra zona de clima, geografia e cultura diferentes, La Maragatería e então El Bierzo. La Maragatería é frequentemente mencionada como uma etapa dentro do passado: existem poucas estruturas modernas, a maioria dos habitantes é de idosos e as principais estradas passam ao largo da região. Além disso, a música, comida, e a dança têm sabor especial.

Quanto mais se aproxima de Santiago, o peregrino comumente reage fisicamente ao final da viagem através de mudanças no ritmo de seu movimento e uma grande variedade de emoções afloram, desde a euforia até uma profunda tristeza. Há dois lugares na Galícia que os peregrinos repetidamente associam ao processo de tomada de consciência do final da jornada. O primeiro é o Cebreiro, o último e maior desafio físico que separa os peregrinos de Santiago. O segundo é atingindo o topo do Monte del Gozo, o último aclave antes da primeira visão do tão aguardado destino. Isso não significa que as primeiras sensações de término estejam necessariamente associadas a esses dois pontos, porém são lugares que representam fortes símbolos de conquista, reconhecimento e até mesmo medo do fracasso.

Ao entrar em Santiago geralmente os peregrinos descrevem tanto uma sensação de elevação por ter atingido seu objetivo e concluído a desafiante jornada física e mental quanto a tristeza de ver a experiência chegar ao fim.

Em suma, a jornada é recheada de altos e baixos que auxiliam muito o peregrino a descobrir virtudes e limitações, pois a cada novo desafio ele é exposto a novas emoções, e convidado a encontrar soluções para problemas até então nunca enunciados.

A seguir, vamos entrar no universo das lendas associadas ao Caminho; escolhemos algumas delas para, através de suas narrativas, encontrar elementos relacionados a análise que pretendemos fazer sobre a estrutura do mito do herói apresentada na obra “O herói de mil faces” de Joseph Campbell.

1.2 O imaginário do Caminho

1.2.1 Fuente de la Reniega²⁰ - A iniciação

A lenda da “Fuente de la Reniega” traz alguns elementos importantes para nossa análise, pois através dos seus personagens podemos estabelecer relações com os conflitos vivenciais do Caminho. Trata-se de uma lenda que supostamente ocorreu nas cercanias do Alto do Perdão, à esquerda do caminho, local que atualmente possui uma nova fonte construída sobre a antiga *Fuente de la Reniega*. A lenda conta que um peregrino vindo de Toulouse, na França, seguia seu caminho rumo ao monte Reniega sob o sol intenso do mês de agosto, quando começou a sofrer espasmos devido ao forte calor e refletir sobre sua falta de planejamento ao não levar água para atravessar tal percurso. Nesse momento ele percebe a presença de um jovem bem apessoado que se aproximou e lhe perguntou:

- Irmão, pelo seu rosto e pelo seu corpo cansado acredito que queres beber água?

O peregrino respondeu:

- Sim, por favor dai-me água de beber, pois a sede esta insuportável.

- Te darei água e comida durante toda a sua vida se negares a existência de Deus. Nunca voltaras a passar nem sede e nem fome – falou o jovem.

- Negar a Deus? Isso jamais, saia do meu caminho – falou indignado o peregrino.

- Esta bem – falou o jovem – é só negar a existência da Virgem Maria e concederei água e comida.

²⁰ PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>. Acessado em 5 out. 2005.

O peregrino realizando um grande esforço, pois a sede impedia-o de falar com clareza, contestou:

- Afasta-te, demônio do meu caminho.

Pela terceira vez, o jovem que certamente era o demônio insistiu:

- Nega o Apóstolo Santiago e eu concederei o teu desejo.

Desesperado, o peregrino já não mais estava contestando, começou a orar em voz alta suplicando a Santiago que intercedesse por ele. Enquanto recitava sua oração, o peregrino viu como que uma nuvem sulfurosa a aparecer envolvendo o demônio que desapareceu. Logo atrás da mesma, apareceu uma fonte de água fresquíssima e transparente e ao seu lado o próprio Apóstolo Tiago, em forma de peregrino, que lhe mostra a fonte e lhe dar de beber em sua Vieira. Desde então, a fonte continuou a jorrar aquela água cristalina e fresca, para consolo de todos os peregrinos que, com os seus passos muitas vezes trôpegos, conseguiram atingir aquele local no “Alto do Perdón”. O diabo nada conseguindo daquele peregrino, teve de buscar outros lugares para tentar àqueles que se dirigiam a Santiago de Compostela. A lenda complementa informando: todo aquele que daquela fonte beber, terá a virtude de conservar os ânimos e saberá vencer a tentação de abandonar a missão que se propôs, ao empreender a sua peregrinação ao túmulo do Apóstolo Tiago.

O aspecto relevante nesse conto é o conflito interno vivido pelo peregrino, com os medos se materializando na figura do demônio - representado pelo moço bem apessoado. Aproximando essa figura da experiência do homem moderno, podemos ver uma construção psíquica feita a partir de características socialmente valorizadas e aceitas, que lhe oferece o paraíso em troca de sua essência. Trata-se de um conflito vivido pelo herói no seu período de iniciação²¹.

²¹ A função primária da mitologia e dos ritos sempre foi a de fornecer os símbolos que levam o espírito humano a avançar, opondo-se àquelas outras fantasias humanas constantes que tendem a levá-lo para trás. [...] Ao que parece, há nessas imagens iniciatórias algo que, de tão necessário para a psique, se não for fornecido a partir do exterior, através do mito e do ritual, terá de ser anunciado outra vez, por meio do sonho, a partir do interior. (CAMPBELL, 1998, p. 21-22)

1.2.2 A história de Santa Fiega²² – O chamado do herói

Uma antiga lenda jacobea conta a história de Santa Felicia e seu irmão Guillermo. Felicia, uma jovem e bela filha da casa provençal dos duques de Aquitania, figura entre os devotos da nobreza européia medieval que fizeram a peregrinação a Santiago. Conta a lenda que um belo dia a jovem com somente 17 anos, decidiu peregrinar a Santiago de Compostela. Seu pai e seu irmão, preocupados com os perigos que poderia correr a jovem com tão pouca idade, tentaram convencê-la a não efetuar a peregrinação, no entanto nada foi capaz de movê-la do seu intento, e em uma determinada manhã ela iniciou sua caminhada acompanhada de um importante séquito. Durante a viagem tomou contato com milhares de peregrinos famintos, doentes e muitos com os corpos deformados a procura da redenção de seus pecados. Dormiu em albergues caros, no entanto visitou locais aonde hospedavam os indigentes, enfrentou a morte e ajudou curar feridos nos hospitais. Seu coração ia se transformando a medida que avançava em direção à tumba do Apóstolo Tiago. Quando chegou a Compostela, sua decisão já havia sido tomada; ela enviou uma carta a seus pais através de um peregrino que retornava a Aquitania dizendo que não mais retornaria a corte, pois a partir daquela experiência ela dedicaria sua vida a oração e ao trabalho com os necessitados. Na volta de sua viagem, já como peregrina, Felicia decidiu desfazer-se de todas as suas possessões mundanas e ficar como eremita no povoado de Amocain, dedicando-se ao serviço dos peregrinos jacobeos que passavam por aquela região.

Ao saber da decisão da santa mulher, seu irmão Guillermo, o poderoso duque de Aquitania, a mando do seu pai, saiu em sua busca, e ao encontrá-la pobre e humilde naquele local inóspito e afastado na Espanha morando em uma pequena ermida, que ela construiu com suas próprias mãos, para cuidar dos pobres e louvar a Deus, rogou e suplicou com lágrimas nos olhos que voltasse a sua vida anterior no rico ducado de sua família. Quando esta se negou a cumprir com o mandado de seu pai, Guillermo, cheio de raiva e arrebatado por uma insana loucura, matou-a apunhalada no interior da ermida.

²² PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>>. Acessado em 5 out. 2005.

O duque voltando a si e vendo a atrocidade que havia cometido, arrependeu-se a ponto de ir a Roma pedir perdão ao Papa, que como penitência, obrigou-o a efetuar a peregrinação a Compostela. Depois de efetuar por sua vez a peregrinação à tumba do Apóstolo, no seu regresso, tocado pelo arrependimento e pela fé, permaneceu em Obanos morando na ermida que sua irmã havia construído, continuando as obras pias que havia começado com a sua santa irmã. Chorou seu grande pecado até a sua morte.



Figura 1

Atualmente um humilde sulco a beira do caminho que sobe a Ermida de Santa María de Arnoteguí, recorda estes feitos, bem como a presença dos restos da antiga ermida de Santa María. O corpo de Santa Felícia encontra-se hoje na aldeia de Labiano, ao norte de Pamplona e o de seu irmão está na capela de Arnoteguí, onde passou o resto de sua vida em penitência.

Anualmente em Obanos se representa a peça “El misterio de Obanos”, uma dramatização da lenda dos Santos Felícia e Guillermo, escrita pelo Canónigo Don Santos Beguiristáin, oriundo de Obanos. Na sacristia da igreja de San Juan Bautista, também em Obanos, conserva-se como relíquia o crânio de San Guillermo moldado em prata. Por uma tradição original, todos os anos, na quinta feira da Páscoa, distribuem-se no povoado vinho com água passado pela venerável relíquia. O crânio de San Guillermo, moldado em prata, possui grandes orifícios na parte alta e na sua parte inferior. Colocado em um altar improvisado, derrama-se vinho pelo furo superior que é recolhido quando sai pela base, sendo o mesmo distribuído a todos aqueles que na ocasião estiverem presentes. Diz-se que esse vinho, consagrado pela passagem através do crânio do santo, possui propriedades curativas para muitas das enfermidades.

No segundo capítulo vamos nos aprofundar na visão de Joseph Campbell sobre o mito de herói, e um dos aspectos analisados por ele é o caráter sombrio do *chamado* – conceito que será explorado a frente - para a peregrinação, nesse

sentido a lenda narrada acima nos auxilia a entender de que forma ele pode ocorrer. O erro se apresenta como um evento aparentemente de mero acaso, sem uma conexão direta nem inteligível ao herói, uma visão de mundo insuspeita, com uma relação entre forças que não são plenamente compreendidas. Freud²³ demonstrou que os erros não são um mero acaso; são, antes, resultado de desejos e conflitos reprimidos. São ondulações na superfície da vida, produzidas por nascentes inesperadas. E essas nascentes podem ser muito profundas, tão profundas quanto a própria alma – o erro pode equivaler ao ato inicial de um destino.

1.2.3 Monastério de Santa María La Real – O Arauto

A origem do Monastério de Santa María la Real é contada através de uma lenda que conta que o rei Don Garcia de Nájera, filho de Sancho “o maior”, muito amado no povoado e em toda a comarca, fazia tempo que se encontrava muito preocupado porque os árabes haviam entrado novamente em Calahorra. Passou muitas noites meditando sobre a forma de acabar com aquela marca que a cada certo tempo arrasava o que encontrava em sua passagem, matando o seu povo e enchendo de tristeza os que ficavam.

Numa manhã saiu de casa para caçar com o seu falcão companheiro de aventuras, quando de pronto este saiu voando precipitadamente atrás de uma branquíssima pomba que, por sua vez perseguia uma perdiz. Os três perderam-se dentro do que parecia uma gruta. Don Garcia largou instintivamente a arma que carregava sobre o solo e introduziu-se na mesma. Arrastou-se através de um longo corredor escuro que terminava em uma espécie de caverna parcamente iluminada. Qual não foi a sua surpresa, quando viu no mesmo lugar os três animais pousados pacificamente ao lado de uma lamparina acesa, um jarro com lírios brancos frescos, um sino e a imagem da Virgem com uma criança.

²³ FREUD, Sigmund. *The psychopathology of everyday life*. London: Penguin books, 2002.

O rei a princípio não sabia como interpretar o achado. Depois de muito meditar, deduziu que aquele era o presságio de uma vitória contra o inimigo muçulmano. Dias mais tarde, uma grande batalha teve lugar e as forças cristãs derrotaram o inimigo. No ano de 1044, instituiu em honra à jarra sagrada, uma Ordem cavalleiresca que chamou de “Ordem de la Terraza” e que foi a primeira dessas instituições fundada na Europa. O belíssimo Monastério foi consagrado no ano de 1056. Posteriormente ao Monastério agregou-se um hospital para os peregrinos.



Figura 2

Não satisfeito, trouxe as relíquias de São Vicente Mártir e as do Bispo de Tyarazona e São Prudêncio, que estavam depositados no Mosteiro do Monte Laturce e conseguindo que o papa enviasse dois mártires, Vital e Agrícola bem como um pedaço do corpo de Santa Eugênia. Todos os elementos da lenda: a estatua da Virgem, a lâmpada e o jarro, podemos contemplar no interior da caverna que existe dentro do Monastério.

Mais uma vez temos uma narrativa que coloca o herói frente a um desafio sombrio, o de penetrar em uma caverna com todos os perigos que essa aventura envolve, a presença do desconhecido e o sinal de que uma vez lá dentro pode não haver mais saída. Outro aspecto bastante interessante é a figura do falcão como arauto da aventura, aquele que orienta e direciona, ele pode anunciar o chamado para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa. O chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração, e no caso de Don Garcia ele é precedido pelo desarmamento – ele larga a arma instintivamente antes de entrar na caverna, num ato de entrega plena ao desconhecido. Trata-se de um ritual de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento²⁴.

²⁴ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.61.

1.2.4 O milagre do Santo Graal no Cebreiro

No alto do monte Cebreiro, mais um dos lugares emblemáticos do Caminho, localizado a 1293 metros de altitude, é contada a história de Alfonso VI, que em 1072 confiou a direção do Monastério existente naquela época aos monges franceses da Abadia de San Giraldo d'Aurillac, que posteriormente passou às mãos dos Beneditinos que a administraram até seus últimos dias. No Cebreiro, além das *pallozas*²⁵, se destaca um simples e primitivo templo de “Santa María la Real”, resto do Monastério de característica pré-românica. Na data de oito de setembro comemora-se o famoso “Milagro del Cebreiro”. Naquele local quando chega o inverno, a neve faz desaparecer o Caminho e um manto branco confunde o povoado com as colinas brancas que o rodeia.

Conta a lenda que em um dia de muita neve e tormenta, um camponês do pequeno povoado de Barxamayor, subiu com grande sacrifício e perigo, devido ao forte temporal que caía, até o alto do Cebreiro para orar a Santa Missa. Um monge conclui a celebração da missa demonstrando pouca fé ao fazê-lo, além de menosprezar o sacrifício do camponês, a única pessoa presente na cerimônia. No instante da Consagração o monge murmura:

- A que veio ante tamanha tempestade, se o objetivo é somente o de ver um pedaço de pão e um pouco de vinho!

Nesse instante a hóstia e o vinho se converteram em Carne e Sangue visíveis a ambos, que permaneceu durante muito tempo sobre o altar. Os peregrinos divulgaram este milagre por toda a Europa. Os anônimos protagonistas desse milagre, o camponês devoto de Barxamayor e o incrédulo celebrante estão enterrados na mesma Capela dos Milagres. Atualmente ainda se conserva naquele local o cálice do milagre uma jóia românica do século XII, junto com o relicário que, em 1486, os Reis Católicos doaram quando lá chegaram para contemplar o milagre.

A tradição relaciona também o cálice com o Santo Graal das lendas medievais, se

²⁵ Construção de planta circular, telhado vegetal, destinada em parte para moradia em parte como estábulo. Sua origem é pré-romana, celta. Disponível em < <http://es.wikipedia.org/wiki/Palloza> > acessado em 6 nov. 2006.

trata do último copo da Última Ceia, recolhido por José de Arimatéia e insistentemente procurado pelos cavaleiros da Távola Redonda encabeçados pelo rei Arthur. Neste cálice, José de Arimatea recolheu o sangue de Cristo na Cruz. A lenda informa que o famoso cálice “se encontra em uma inacessível montanha a oeste da Espanha gótica”. Desde o século XV, o símbolo do Santo Graal aparece no escudo da Galícia. O Graal representa o símbolo da pureza moral e da fé triunfante dos heróis cavaleiros e a caridade a serviço dos mais altos ideais do cristianismo.²⁶

1.2.5 Foncebadón e a Cruz de Ferro

Não podemos falar na Cruz de Ferro, sem abordarmos o antigo povoado de Foncebadón, situado na sua proximidade e atualmente reconhecida como “cidade fantasma”. Foncebadón era uma importante localidade existente no Caminho de Santiago, o seu nome aparece em vários documentos do século X. Naquele local o eremita Gaucelmo, por volta do ano 1123, construiu um hospital e um albergue para os peregrinos que passavam pelo penoso vale de Foncebadón. Documentos datados do mesmo ano indicam que o rei Alfonso VI, a pedido do próprio Gaucelmo, concede imunidade à albergaria de Foncebadón e a igreja de San Salvador de Irago. A documentação medieval aponta a existência, no local, de um hospital, uma Igreja - a de Santa Magdalena - dependente do hospital e a já referida de San Salvador. Posteriormente, fixou-se na região uma comunidade de eremitas que passou a depender da Junta de Astorga, a qual criou a dignidade de Abade de Foncebadón. Apesar das ruínas do lugar, facilmente descobre-se a condição de local de peregrinação ao passar pela rua do antigo povoado. Apesar de Alfonso VI engrandecer o povoado dando foros e privilégios, os mesmos não foram suficientes para evitar que seus habitantes imigrassem em busca de terras menos hostis.

²⁶ PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>. Acessado em 5 out. 2005.

Na proximidade de Foncebadón, a 1504 metros de altitude, levanta-se a Cruz de Ferro, um dos monumentos mais simples, porém um dos mais antigos e emblemáticos do Caminho. Sobre um monte de pedras se levanta uma pequena Cruz de Ferro, presa no alto de um tronco de madeira de aproximadamente 5 metros de altura. A mesma fica localizada sobre o temido monte Irago, que serviu de passagem aos antigos e famosos peregrinos como: Aymeric, Kunig von Vach, Arnold von Harff e Laffi.²⁷ Os romanos chamavam a área de Montanhas de Mercúrio.



Figura 3

De acordo com a lenda todos viajantes que passassem por ali deveriam acrescentar uma pedra na base da cruz. A atual cruz de ferro substitui a primitiva, instalada por Gaucelmo - protetor dos peregrinos nesses locais difíceis - sobre um altar romano dedicado a Mercúrio, Deus patrono dos Caminhos, e está a 1.517 metros de altitude.

Hoje em dia muitos peregrinos seguem a tradição atirando uma pedra na pilha formada ao longo dos anos. Alguns peregrinos sugerem que o peso que as pedras carregam simbolizam o nível de responsabilidade ou pecado que cada um carrega. Dessa forma os peregrinos chegam com pedras que normalmente têm suas próprias histórias: onde foram encontradas, o seu significado para quem a carrega, o tamanho. Alguns peregrinos trazem suas pedras diretamente de onde vivem, pois se informaram previamente sobre a tradição, outros pegam as suas a poucos metros da base da cruz. Atirar uma pedra é normalmente um ritual para aqueles que fazem o Caminho a pé ou de bicicleta para satisfazer a tradição ou aliviar um

²⁷PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>. Acessado em 5 out. 2005.

peso simbólico.²⁸

1.2.6 O Botafumeiro²⁹



Figura 4

O Botafumeiro (incensário) é uma das tradições mais conhecida pelos peregrinos, é o elemento histórico e popular da Catedral de Santiago de Compostela. Acredita-se que o início da sua utilização, data dos séculos XIII e XIV. Poucas pessoas sabem que o gigantesco incensário que balança na nave durante as missas dos peregrinos e outros atos importantes, tem uma origem humilde e prática.

Quando a peregrinação a Santiago converteu-se numa verdadeira rota e chegavam milhares de pessoas saturando a catedral, provocava no seu interior um desagradável odor motivado pelo cheiro das roupas dos peregrinos impregnadas de sua transpiração realizada durante a sua caminhada. Este grande incensário tornou-se um símbolo sobre toda a purificação espiritual.

O ritual necessita de um grupo de oito homens conhecidos como “tiraboleiros”, que se vestem de roxo e são treinados para efetuar o manuseio do Botafumeiro através de um conjunto de roldanas e cordas, que causam o efeito impressionante sobre os peregrinos presentes na Catedral. Uma vez desgastado pelo seu uso, ele é recolhido ao museu catedralício. O mais antigo deles que se conserva, data de 1851 e o outro de 1971, presente da Irmandade de Alféreces Provisionales. A atual Botafumeiro tem 1,60 metros de altura e 80 quilos de peso, obra de José Losada é de latão prateado e foi construído em Santiago de Compostela em

²⁸ FREY, Nancy. *Pilgrims stories - On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998, p. 25-26.

²⁹ PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>. Acessado em 5 out. 2005.

meados do século passado.

1.2.7 O Códice Calixtino³⁰

Por volta de 1135 surge a primeira obra escrita que se converte no principal guia aos peregrinos. Um dedicado peregrino francês, o padre Aymeric Picaud, natural da localidade de Poiton – Parthenay-le-Vieux, com o apoio da Ordem de Cluny, escreveu cinco volumes sobre a vida de Santiago acrescentando ao texto comentários sobre a sua peregrinação efetuada a cavalo em 1123. Estas crônicas eram intituladas “Liber Sancti Jacobi”, mas pôr serem dedicadas ao Papa Calixto II, passaram a denominar-se de “Códice Calixtino”. Atualmente existem 6 (seis) cópias do referido manuscrito conservado em Compostela, Londres, Paris, Roma, Ripoll e Alcobaça em Portugal.

Este Itinerário Compostelano, que segue antigos modelos de itinerários a Terra Santa e a Roma, informa das dificuldades do caminho pela sua distancia, pelo seu traçado, por seus riscos, o texto era uma leitura edificante: oração e penitencia como caminho de transformação. O itinerário espiritual era mais transcendente, pois o peregrino colocava a sua peregrinação em um processo espiritual em evolução, fechado em si mesmo. Para ser peregrino jacobita de verdade, não era necessário alcançar a meta, a Basílica e o sepulcro de Santiago. Chegar era uma recompensa aos devotos por peregrinar, por isso Compostela ocupa pouco espaço nas descrições com relação às descrições do caminho. Compostela se reduz a Catedral, lugar de orações, conversão, meditação e centro cultural artístico e econômico da cidade. A vida dos seus habitantes se fazia em torno da Catedral e em suas três ruas. Os que morriam ou não regressavam, eram também considerados peregrinos tal como os que chegavam a Catedral. A peregrinação era uma conversão pessoal e social. Um ideal de um homem novo em atitudes militante, ativa, que se impunha como as cruzadas, os cavaleiros e os monges cristãos.

³⁰ PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>>. Acessado em 5 out. 2005.

No século XII este livro era um perfeito exemplo de literatura clerical moralizadora, exemplar e edificante. O primeiro volume é uma antologia de hinos e sermões; o segundo uma compilação de milagres realizados pelo Apóstolo; o terceiro é outra coleção de histórias relacionadas com a vida do Apóstolo e o descobrimento de sua tumba.

O quarto compreende a história de Carlos Magno e de seu sobrinho Roldán, descrevendo como Carlos Magno viu o Apóstolo sobre a via Láctea incitando-o a libertar a Galícia dos mouros, as campanhas de ambos na Espanha no século VIII e uma sucessão de lendas aonde são narradas a luta do gigante Ferragut com Rondán, as batalhas de Carlos Magno frente a Almanzor e a traição de Ganelón que leva ao desastre de Roncesvalles.

O quinto é conhecido como o “Guia do Peregrino”, que descreve através de notas não muito exatas a sua peregrinação, as principais rotas na França e na Espanha que se unem em Puente de la Reina, as etapas a percorrer, as cidades e povoados, hospitais, restaurantes existentes no caminho, os rios potáveis ou não, informa os principais sepulcros e suas relíquias; descreve as *mirabilia urbis Compostellae* e aos viajantes sobre toda a classe de assuntos.

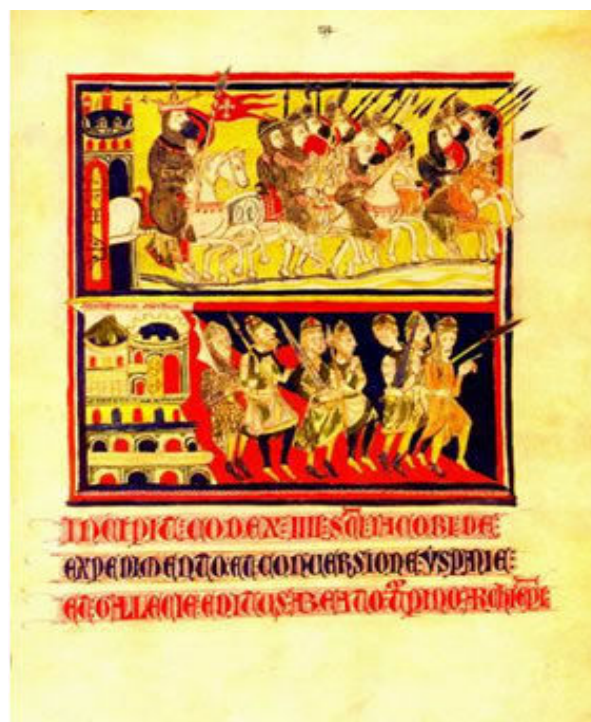


Figura 5

Picaud dividia o itinerário através do caminho Francês em treze etapas perfeitamente delimitadas, cada uma das quais se fazia em vários dias segundo o animo de cada grupo de peregrinos, a uma velocidade média de uns 35 quilômetros diários a pé, ou quase o dobro se fosse a cavalo. Assinala as distâncias entre os povoados, os santuários e os monumentos existente no trajeto, inclui também observações referente à gastronomia, a potabilidade das águas, o caráter das pessoas, os costumes dos povos, assim como um interessante

pequeno vocabulário Basco.

1.2.8 Os rituais simbólicos

Entrar na catedral a partir de sua entrada leste, acima das escadas duplas, garante o encontro com o que é considerado uma obra prima da escultura romanesca, o Pórtico de la Gloria de Maestro Mateo, o qual tem saudado os peregrinos em sua chegada há mais de oitocentos anos. Em ricos detalhes o grandioso arco triplo da entrada inclui representações dos quatro evangelistas, os vinte quatro cavaleiros do Apocalipse segurando seus instrumentos musicais, e figuras do Velho e do Novo Testamento.

Os rituais ao longo do Caminho marcam a passagem dos peregrinos, e geralmente são compostos por experiências sensoriais, como colocar a mão direita sobre uma marca feita na coluna central da Catedral de Santiago, conhecida como a Árvore de Jesse; trata-se de um símbolo importante da longevidade da peregrinação, pois o toque de milhares de peregrinos ao longo dos séculos no mármore moldou a pedra na forma de mão. Esse ritual traz ao peregrino a poderosa sensação de união com o passado, e cria um sentimento de pertencimento ao seletivo grupo daqueles que concluíram a jornada. Trata-se de uma possibilidade de aproximação do sagrado, e da confirmação de que o mistério existe, mesmo num mundo que denuncia o sagrado como objeto de mera superstição. Saudar o apóstolo através de um abraço, prestar respeito ou rezar a ele dentro da cripta, abaixo do altar também são atos comuns. Atrás do principal altar está um grande Tiago, o qual pode ser acessado se escalando uma pequena escada que termina atrás da estátua, nesse ponto o peregrino pode finalmente abraçar o apóstolo, e ao mesmo tempo, olhar para baixo da nave principal. Saindo a esquerda e entrando na cripta abaixo, encontra-se a caixa de prata ornada que supostamente abriga os restos mortais do santo. Para os peregrinos motivados pela religiosidade esses atos provocam fortes emoções, manifestadas através de lágrimas e ajoelhar-se para rezar.

Muitos peregrinos aprendem esses rituais de livros guias, de outros peregrinos, ou

de observações feitas ao chegar. Nancy Frey³¹ relata que alguns deles participam dos rituais como uma celebração de agradecimento, um modo de se conectar com aqueles que vieram antes, uma forma de devoção, ou a ritualização da conclusão da jornada.

Para muitos religiosos e não religiosos a Missa dos Peregrinos serve como um ritual essencial de conclusão, um momento para contemplar o que veio antes e o que está por vir, para celebrar a Eucaristia aos pés do apóstolo, para descansar após atingir o tão aguardado objetivo supremo e viver a ambigüidade do prazer de chegar com a sensação de que a aventura acabou e a vida continua. A Missa também tem uma função social crucial, pois é o ponto de encontro de grupos de peregrinos que se formaram ao longo do Caminho. A Missa é pessoal e coletiva, é ao mesmo tempo um momento para compartilhar a conquista com o outro e experimentar a catarse íntima do momento final da jornada.

Outro rito chave de conclusão do Caminho comum a muitos peregrinos é a obtenção da Compostela na recepção da Oficina de Peregrinos, localizada em um edifício adjacente ao lado sul da catedral. Em meados da Idade Média a Compostela servia como uma credencial para o retorno do peregrino atestando sua conclusão com o efeito de uma sanção religiosa ou civil. Ao final da Idade Média ela tinha uma função adicional que era separar o peregrinos legítimos dos falsos. Atualmente a Compostela serve como uma marca pessoal de completude para os peregrinos, e um importante mecanismo para o controle do significado religioso para a Igreja através de sua distribuição.

Para receber a Compostela o peregrino deve comparecer a Oficina de Peregrinos munido de sua credencial para atestar sua legitimidade, então ele será questionado sobre sua orientação religiosa (se ele é cristão) e deverá dar informações básicas da viagem – quando começou, onde, motivo, idade, endereço. Uma das exigências para receber o documento é ter viajado um mínimo de 100 quilômetros caminhando ou 200 quilômetros pedalando ou cavalgando. Caso o peregrino responda que o motivo da viagem é turismo, cultural ou esporte, ele receberá um certificado diferente, reservado somente para peregrinos-turistas.

Partimos da descrição dos principais rituais que envolvem a chegada a Santiago e

³¹ FREY, Nancy. *Pilgrims stories* - On and Off the Road to Santiago. Univ. da California, 1998, p. 156-157.

seguimos para o universo conceitual dos ritos de passagem, que será abordado no próximo bloco desse capítulo. Nesse ponto é importante destacar o valor dos rituais para os peregrinos modernos, pois como vimos, os rituais estão preservados e recheados de valores essenciais, bem como novos valores que surgem na cadência dos movimentos sociais. Para essa análise utilizamos bases antropológicas como veremos a seguir.

1.3 A Peregrinação na Contemporaneidade – Uma Visão Antropológica

Nesse trabalho queremos explorar os comportamentos de grupos pertencentes a classe média da população, e veremos adiante que o incômodo da falta de sentido normalmente é o maior responsável pelo despertar da necessidade do encontro com o transcendente, da busca do sentido maior, o resgate da religiosidade, ou sociologicamente falando, do encontro de um vínculo social significativo. A peregrinação a Santiago se apresenta como uma resposta possível a essas questões, e provoca uma reflexão inevitável sobre as instâncias envolvidas nessa experiência.

Antes de começar a falar de peregrinação, é pertinente passar rapidamente pelo contexto religioso vivido na sociedade atual. De acordo com Prandi e Pierucci³² estamos iniciando o século XXI com uma ciência insuficiente, não só do ponto de vista de seus resultados, seja ela básica ou aplicada, mas sobretudo quando se focam as instituições responsáveis pela aplicação das conquistas científicas e administração da razão. A questão crucial do sentido da vida no mundo permanece aberta, mesmo sendo possível teorizá-la por diferentes linhas do chamado mundo desencantado. Imaginava-se que aquilo que foi a grande fonte de transcendência e ao mesmo tempo de orientação racional na fundação da sociedade ocidental, que foi a religião cristã desencantada, deveria ter consolidado entre nós princípios de orientação de modo que hoje dependeríamos mais de soluções oferecidas pelo pensamento racional, no entanto não foi isso que ocorreu. A sociedade praticamente tomou novos rumos no que diz respeito à ação no mundo e seu

³² PIERUCCI e PRANDI, *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996, p. 93-94.

sentido por três razões:

- 1) A diluição e conseqüente perda de eficácia do grande código de transcendência da herança católico-cristã;
- 2) A grande religião, isto é, o catolicismo, foi transformando-se numa religião cada vez menos importante como fonte de valor e de norma, bem como outras religiões, sem que as interpretações não-religiosas tenham ocupado este vazio;
- 3) As instituições laicas não foram capazes, ou não puderam, ou foram impedidas de fornecer códigos de referência.

Se tomarmos dois grandes grupos da sociedade delimitados pelo acesso ao conhecimento, temos do lado pobre imensos segmentos da população sem possibilidade de encontrar uma identidade vinculada à sociedade como um todo, pois não se percebe totalidade quando somente se pode estar referido a uma parte excludente dela. Para essa parcela da população, no Brasil dos últimos vinte ou trinta anos, assistimos a uma proliferação de modalidades religiosas que resgatam a magia como fonte de valor. Do outro lado, temos os segmentos educados da população, que passaram a agir de acordo com interesses individualizados, próprios, específicos e privatizados de cada um, guiados por valores meramente pragmáticos justificadores mais da diferença que da igualdade. Por conta disso, nessa parcela identificamos a lacuna deixada pelo esvaziamento dos valores religiosos, que juntamente com a promessa moderna - não cumprida - de paz e equilíbrio obtidos através da razão, jogou o indivíduo na vala incômoda, muitas vezes inconsciente, da existência sem significado.

1.3.1 Os ritos de passagem

Os tempos atuais estão marcados pelo crescimento contínuo do interesse pelo fenômeno da peregrinação, e uma série de intelectuais brasileiros e estrangeiros³³ tem se debruçado sobre o tema para tentar aprofundar a sua compreensão. Nesse

³³CARNEIRO, Sandra. 2004. MEDEIROS, Bianca F. 2004. ABUMANSSUR, Edin S. 2003. STEIL, Carlos A. 2003. MACCANNEL, Dean. 1999.

trabalho tomamos uma porção teórica da Antropologia representada por Victor Turner e seus conceitos de “Liminalidade” e “Communitas”, juntamente com autores que estudam as intersecções das manifestações no plano individual e coletivo.

Nesse sentido, a definição de peregrinação de Cousineau³⁴ é bastante relevante para a análise que faremos a seguir:

Peregrinação é o tipo de jornada que estabelece a diferença entre o atento e o negligente, entre o banal e o inspirado. Essa diferença pode ser sutil ou dramática; por definição, ela é fundamental. Significa estar alerta para a ocasião, em que tudo o que se faz necessário numa viagem a um lugar remoto é tão-somente deixar-se perder a si próprio, e estar atento a ocasião, em que tudo o que é preciso é uma jornada a um lugar sagrado, com todos os seus aspectos gloriosos e temíveis para o encontro consigo mesmo.

Segundo Victor Turner³⁵, para muitos a peregrinação é a grande experiência liminar da vida religiosa. Se o misticismo é uma peregrinação interior, peregrinação é o misticismo exteriorizado. Nas peregrinações das religiões históricas a unidade moral é o indivíduo, e seu objetivo é a salvação ou o perdão de seus pecados e males do mundo estruturado, como preparação para após a morte ou uma pura e simples benção. A peregrinação nesse sentido oferece libertação da estrutura social profana que é simbiótica a um sistema religioso específico; via de regra a peregrinação é estimulada para intensificar os vínculos com essa mesma religião em oposição às outras. Dessa forma ela foi utilizada na idade Média para fomentar as Cruzadas, por exemplo. No cristianismo a peregrinação pode ser considerada a quintessência da liminaridade voluntária, pois ela segue o paradigma da via crucis, na qual Jesus Cristo voluntariamente se submeteu a sua vontade e a vontade de Deus escolhendo o martírio à imposição de sua superioridade sobre o ser humano.

No trabalho pregresso de Turner³⁶, ele amplia o conceito de Arnold van Gennep³⁷ no qual o rito de passagem consiste em um movimento de três partes: 1) A

³⁴ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação* – Para o viajante em busca do que lhe é sagrado. Ágora, São Paulo, 1999, p. 23.

³⁵ TURNER & TURNER, *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Columbia University, 1978, p. 9.

³⁶ TURNER, Victor. *The Ritual Process*. New York: Aldine de Gruyter, 1995.

³⁷ VAN GENNEP, A. *The Rites of Passage*, Anthropology and Ethnography. London: Routledge Library Editions, 1960, p. 1-14.

separação das atividades cotidianas; 2) O envolvimento em uma passagem através de um estado transitório ou liminar, dentro de um universo ritual destituído das noções de tempo e espaço do dia a dia; um ato mimético de uma dimensão de crise sobre a separação, na qual as estruturas da vida ordinária são re-elaboradas e desafiadas (ele chama a coexistência desses dois universos de estrutura e antiestrutura). Trata-se de um momento desprovido de atributos do passado ou do estado futuro; 3) O retorno às suas atividades do dia a dia. Van Gennep define os ritos de passagem como “ritos que acompanham cada mudança de lugar, estado, posição social e idade” e complementa “dentro de uma multiplicidade de formas conscientemente expressas ou meramente implícitas, há um padrão típico sempre recorrente: o padrão dos ritos de passagem”.

Tomando uma outra referência para tratar de rito de passagem, Bani Shorter³⁸ coloca que o sentimento da busca urgente do comportamento ritual raramente é comum ou confortável, e sua origem está relacionada a uma necessidade profunda de comunicação com uma dimensão superior; se transforma numa tentativa de traduzir a sua própria linguagem emocional em uma linguagem inteligível a uma autoridade de fonte desconhecida. Essa é uma derivação das práticas repetidas indefinidamente e que ao mesmo tempo guarda nas entrelinhas um significado majestoso, pouco freqüente e observado uma ou no máximo duas vezes ao longo de uma vida.

1.3.2 A Liminaridade

Para Turner o ponto mais importante do rito - circunscrito nesse trabalho à peregrinação - está na segunda parte, ou seja, na Liminaridade, também chamada de “soleira”, um lugar e momento “dentro e fora do tempo”, aonde o peregrino experimenta diretamente o sagrado através da transformação. Nesse momento, segundo Turner, as distinções seculares de status e posição social desaparecem

³⁸ SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. London: Routledge, 1996, p. 20.

ou são homogeneizadas³⁹ e ele complementa apontando o caráter dessas manifestações frente o status quo, questionando o porquê dos papéis e regras liminais serem sempre associados a propriedades mágico-religiosas e possuírem sempre um caráter perigoso, auspicioso ou mal influente para as pessoas, objetos, eventos e relações que não tenham ritualisticamente sido incorporados no contexto liminar. A sua resposta é que sob a perspectiva daqueles que estão comprometidos com a manutenção da estrutura, todos sustentam que as manifestações liminares que desembocam no conceito de *communitas* – que será analisado adiante – possuem caráter perigoso e anárquico, e devem ser cercadas com prescrições, proibições e condições. E como argumentou Mary Douglas⁴⁰, o que não pode ser classificado pelos critérios tradicionais, despenca entre as fronteiras classificatórias e quase sempre em todos os lugares é tratado como “má influência” ou “perigoso”. No entanto, profetas e artistas tendem a viver a liminaridade plenamente, e por isso mesmo são vistos geralmente como marginais, pois estão sempre à beira da sociedade, lutando com paixão sincera para se libertar dos clichês associados ao status social, e encontrar relações plenas de fato. Nas suas produções podemos ter uma amostra do potencial evolucionário desperdiçado pela humanidade, o qual ainda não foi externalizado e fixado na estrutura.

Liminaridade, marginalidade e inferioridade estrutural são condições sob as quais freqüentemente são gerados mitos, símbolos, rituais, sistemas filosóficos e trabalhos de arte. Essas formas culturais provêm ao homem um conjunto de modelos os quais são, em um nível, reclassificações periódicas da realidade e das relações humanas na sociedade, na natureza e na cultura. Mas elas são mais que classificações, uma vez que inspiram o homem à ação e ao pensamento. Cada uma dessas produções tem um caráter multifocal, possuindo muitos significados, e cada um capaz de mover as pessoas em muitos níveis psico-biológicos simultaneamente. O liminar na visão de Phil Cousineau⁴¹, é uma imagem mitológica que evoca o espírito de resistência que devemos ultrapassar em nossa arriscada jornada, partindo do universo conhecido para o desconhecido, rumo a renovação. As forças que nos mantêm presos ao cotidiano são simbolizadas pelos muros que nos cercam na cidade, sejam metafóricos – projetados nos

³⁹ TUNER, Victor. *The Ritual Process*. New York: Aldine de Gruyter, 1995.

⁴⁰ DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger*. London: Routledge and Kegan Paul, 1966.

⁴¹ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação: Para o viajante em busca de que Ihe é sagrado*. Ágora, São Paulo, 1999.

compromissos assumidos, paradigmas sociais, redes de relacionamento - ou reais, como as fronteiras que delimitam sua casa, sua cidade, seu estado e seu país. A experiência das formas e imagens míticas toca e combina com o despertar pessoal profundamente e é freqüentemente vivida na “escuridão”, pois não é acessada imediatamente pela consciência⁴².

E porque a fase liminar seria a mais importante e intrigante e a que apresenta um simbolismo mais rico nos ritos de passagem? Segundo Roberto DaMatta⁴³, a liminaridade é especial porque engendra uma ambigüidade classificatória. E Turner amplia essa idéia incluindo dimensões sociais e simbólicas que salientam a visão estática do assunto, e que segundo DaMatta limitam a análise ao plano coletivo. Os fatores que caracterizam os estados liminares são os seguintes:

1. Pela evasão da estrutura jurídico-política cotidiana, das classificações cognitivas fundadas na lógica do isso ou aquilo, uma coisa ou outra – no princípio aristotélico do terceiro excluído⁴⁴;
2. Pela associação com a morte para o mundo;
3. Pela impureza, pois os noviços transgridem as fronteiras classificatórias;
4. Pela identificação com objetos e processos anti-sociais ou naturais, com a conseqüente associação dos noviços aos embriões e crianças de peito;
5. Pelo uso de línguas secretas, estranhas e/ou especiais;
6. Pela invisibilidade social plena, com a perda de nomes, insígnias, roupas.

Essa lista sugere, entre outras coisas, um estado de “regressão coletiva” no qual os indivíduos perdem sua consciência de compartimentalização, autonomia e interioridade, para se transformarem em matéria-prima a ser moldada de acordo com certos valores sociais. Ainda segundo DaMatta, a fase liminar dos ritos de passagem é marcada pela experiência da individualidade vivida não como privacidade ou relaxamento de certas regras, mas como um período intenso de isolamento e autonomia do grupo.

Considero relevante a análise elaborada por DaMatta, pois partindo da estrutura de

⁴² SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. London: Routledge, 1996, p. 4.

⁴³ DAMATTA, R. “Individualidade e Liminaridade: Considerações sobre os ritos de passagem e a Modernidade”. In: MANA 6(1), 2000.

⁴⁴ “O Princípio do terceiro excluído pode ser visto como uma forma disjuntiva do princípio da identidade: uma coisa é ou não é. Entre essas duas possibilidades contraditórias não há possibilidade de uma terceira que, assim, fica excluída.” (TENÓRIO, 1993, p. 15)

Turner ele insere outros valores fundamentais para o argumento aqui proposto. DaMatta mostra que faltou a Turner o discernimento das dimensões individualizantes contidas nos processos liminais, E isso não tem nenhuma relação com a ruptura apresentada por Turner, pois pelo contrário, essa individualização é inteiramente complementar ao grupo. Trata-se de uma autonomia que não é definida como separação radical, mas como solidão, ausência, sofrimento e isolamento que, por isso mesmo, acaba promovendo um renovado encontro com a sociedade na forma de uma triunfante interdependência. É, portanto, a experiência de estar fora do mundo que engendra e marca os estados liminares, não o oposto. Em outras palavras, a liminaridade e as propriedades nela descobertas por Turner não têm poder em si mesmas. Mas é sua aproximação de estados individualizantes que faz com que os noviços se tornem marginais. É, em uma palavra, a individualidade que engendra a liminaridade. No fundo, os ritos de passagem tratam de transformar individualidade em complementaridade, isolamento em interdependência, e autonomia em imersão na rede de relações que os ordálios, pelo contraste, estabelecem como um modelo de plenitude para a vida social.

Veremos mais à frente que essa leitura antropológica se aproxima da leitura mítica, pois o neófito ao retornar ao grupo, integra-se como um herói em posição social diferenciada. Nos ritos de iniciação, os neófitos dramaticamente conjugam individualidade e coletividade, pois neles se reafirma que o coletivo e individual constroem-se simultaneamente, sem fendas, descontinuidades ou separações.⁴⁵

1.3.3 Communitas

Para Turner esse processo desemboca no conceito de Communitas, descrito na obra *O Processo Ritual*, o qual indica uma forte e singular coletivização, marcada pelo contato com o que ele, usando as palavras de Martin Buber⁴⁶, chama de “nós

⁴⁵ Se há um denominador comum entre noviços, renunciantes, mágicos, profetas e feiticeiros, este não seria a privacidade ou criação de uma subjetividade paralela e homogênea à sociedade, livre de peias sociais, mas seria, com certeza, a experiência individualizante [...] criando uma perspectiva em que as práticas e os valores cotidianos são invertidos, inibidos ou temporariamente substituídos, para logo se reencontrarem no alívio de uma complementaridade rotineira, mas agora renovada e triunfante. (DAMATTA, 2000, p. 19)

⁴⁶ BUBER, M. e FRIEDMAN, M. *Between Man and Man*. London: Routledge, 2002.

essencial”. Esta é uma das dimensões mais importantes na constituição de um estado “antiestrutural”, um estado destituído de individualidade e compartimentalização. E para discutir antiestrutura, Turner utiliza o conceito de estrutura social descrito por Spencer e muitos outros sociologistas modernos: “um arranjo mais ou menos distinto (o qual pode ser mais de um tipo) de instituições especializadas e mutuamente dependentes e de organizações institucionais de posições e/ou atores os quais são impostos. Nesse cenário todos evoluem no curso natural dos eventos, como grupos de seres humanos, com suas capacidades e necessidades natas, interagindo uns com os outros (em vários tipos e modos de interação) procurando lidar com o meio ambiente.”⁴⁷

Turner distingue dois modelos de inter-relações humanas onde observamos justaposições e alternâncias. O primeiro é marcado pelo sistema hierárquico político-econômico-legal, que diferencia as pessoas em termos de “mais” e “menos”. E o segundo, que emerge dos períodos liminais, é uma comunidade sem distinções hierárquicas, na qual os indivíduos compartilham valores, e em grupos mais rudimentares se submetem a uma autoridade que detém a sabedoria dos rituais de passagem. Turner chama inicialmente esses grupos de “comitatus”, e depois opta pelo termo latim “communitas”, buscando distinguir essa modalidade de relações sociais de uma “área de convívio em comum”.

Partindo dessa definição, John Eade⁴⁸ analisa os três tipos de Communitas, iniciando pelo Puro ou Espontâneo, também chamado de Communitas Existencial, ele representa o oposto da estrutura social, e os peregrinos seguem na sua direção na medida em que se libertam das convenções sociais do seu cotidiano. Os peregrinos seguem rumo a um mundo liminar, no qual eles celebram uma humanidade comum, através da emersão de uma identidade única originada a partir de múltiplos indivíduos.

O segundo tipo é chamado de Communitas Normativo, e diz respeito ao meio no qual o communitas Espontâneo é constituído na prática. Ele representa a tentativa de capturar e preservar o communitas Espontâneo em um sistema de preceitos éticos e regras legais. Especialistas em religião, em particular, tentam controlar peregrinos e o sítio de peregrinação usando um sistema ritualístico estruturado.

⁴⁷ TURNER, Victor. *The Ritual Process*. New York: Aldine de Gruyter, 1995, p. 125.

⁴⁸ EADE, J. e SALLNOW, M. *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*. University of Illinois Press, 2000.

Communitas Normativo pode ser relacionado ao processo histórico de surgimento, desenvolvimento e declínio da peregrinação em determinados sítios, na medida em que eles se tornaram institucionalizados.

A terceira dimensão de communitas é o Communitas Ideológico, que atraiu menor atenção entre os pesquisadores. Ele aponta para o surgimento de um conceito utópico de sociedade baseado na experiência de communitas vivenciado, capaz de encorajar os peregrinos para a formação de um movimento reformista ou até mesmo revolucionário, contrário ao status quo político e religioso.

Apesar de Turner distinguir os três modelos de communitas em relação a práticas institucionais, ele também descreve communitas como um atributo de relações sociais em relação ao seu oposto, a estrutura. Pesquisadores têm utilizado repetidamente o conceito de communitas como um modelo explanatório, no entanto, o trabalho de Turner sobre rituais, simbolismo, liminaridade é tratado mais genericamente. A influência turneriana afeta tanto a discussão sobre a peregrinação secular quanto o crescente interesse sobre a similaridade entre peregrinação e turismo.⁴⁹

1.3.4 O turista e o peregrino

Peregrinos que realizam o caminho a pé ou de bicicleta tendem a chamar aqueles que vão de ônibus ou carro de turistas, e a eles mesmos de peregrinos. Ser rotulado como turista tem uma conotação pejorativa⁵⁰. Como Pfaffenberger⁵¹ disse: “Nativos da língua inglesa tendem a considerar o turismo um fenômeno frívolo e superficial, enquanto a peregrinação é vista como algo genuíno, autêntico, sério e legítimo”. E não é só a devoção que move esses peregrinos a enfrentar a jornada, pois a escolha de se aventurar ao estilo medieval implica na releitura da sociedade onde ele vive, além de seus valores pessoais. Entre esses valores encontram-se a

⁴⁹ Ibid, p. xi.

⁵⁰ FREY, N. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da Califórnia, 1998.

⁵¹ PFAFFENBERGER, Bryan. *Pilgrimage and traditional authority in Tamil Sri Lanka*, Tese (Ph.D. em Antropologia). University of California, Berkeley, 1977 *apud* FREY, Nancy. 1998, p. 26.

apreciação da natureza e o esforço físico, a rejeição ao materialismo, um interesse pelo passado ou simplesmente nostalgia, a busca por significado na vida, atração por relações humanas significativas e a solidariedade.

A questão do peregrino e do turista também é abordada por John Eade⁵², que cita alguns autores que trataram desse tema, como Dean MacCannell, Nelson Graburn e Erik Cohen. Todos contribuíram para o aprofundamento da pesquisa sociológica e antropológica sobre as viagens e o turismo fazendo bom uso do conceito de *communitas*. No estudo de MacCannell⁵³, os turistas são apresentados com uma estrutura equivalente aos peregrinos medievais no que se refere à procura por autenticidade através do fragmentado mundo moderno.

O homem ocidental civilizado vive completamente envolvido nas complexas teias de compromissos profissionais, éticos, morais, sociais e familiares, que cobram sua disponibilidade e comprometimento total, sem direito a imperfeições. Nesse sentido ele encontra no turismo a possibilidade de escapar desse universo, e seguindo o modelo da perfeição, executa o planejamento de sua viagem de modo a garantir sua previsibilidade e segurança. O risco de algo não sair conforme planejado representa um grande temor, pois pode colocá-lo em contato com seus medos, simbolizados aqui pelo desconhecido a ser encontrado no destino de sua viagem⁵⁴. Por esse argumento podemos notar que a peregrinação envolve alguns elementos diferentes do turismo, pois o medo do desconhecido para o turista é equacionado no “pacote”, que de antemão já determina tudo que será experimentado na viagem; o peregrino em contrapartida, pode encontrar no medo a sua motivação, o seu “chamado”. Trata-se do elemento que o impele à busca do desconhecido, dentro e fora de si mesmo.⁵⁵

Ser um peregrino de Santiago não está necessariamente relacionado a realização de uma jornada religiosa, mas freqüentemente significa para caminhantes e ciclistas uma jornada intra ou extra pessoal, um meio de encontrar a transformação. Alguns peregrinos desejam dar um significado ao seu período de

⁵² EADE, J. e SALLNOW, M. *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*. University of Illinois Press, 2000.

⁵³ MACCANNEL, Dean. *The Tourist*. University of California, 1999.

⁵⁴ “É fácil partir de férias; tudo é planejado para que tenhamos dias previsíveis, confortáveis e seguros. Mas uma peregrinação é diferente; somos na verdade convidados a penetrar no lado escuro de nossas vidas. O medo é real.” (COUSINEAU, 1999, p. 109-110)

⁵⁵ “A aventura é, sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e no entanto, todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer.” (CAMPBELL, 1998, p. 85)

lazer, tirar um tempo extra para escapar do cotidiano estressante, e eles são atraídos pela possibilidade de viver uma aventura, de encontrar um vínculo com o passado e uma forma de se conectarem com eles mesmos significativamente, com outros, com a terra, para sentirem seus corpos, usarem todos os sentidos, para ver cada detalhe ao invés de passar rapidamente por uma paisagem sem ao menos se dar conta de sua beleza, para viver com menos e relaxar.

Outro aspecto relevante para a discussão sobre a peregrinação contemporânea é a manifestação desse fenômeno entre indivíduos não-religiosos na sociedade Ocidental. A ênfase na peregrinação religiosa não é somente estreita empiricamente, mas também se estabelece em uma plataforma que pode ser facilmente desafiada pela secularização. Essa discussão tem base no seguinte argumento de Turner: “um turista é meio peregrino, se um peregrino é meio turista”⁵⁶. Trata-se de um desafio sobre a rígida distinção entre o sagrado e o secular.

É importante destacar que essas colocações estão presentes para ilustrar as análises recentes feitas sobre peregrinação, e criar um pano de fundo para a exploração do objeto desse trabalho. Elas apresentam até aqui um caráter de análise sobre padrões coletivos, e não por acaso a decisão foi de partir do coletivo para o individual, afinal eles são indissociáveis.

De fato para muitos peregrinos, a jornada a Santiago assume um caráter altamente individual, internalizando questões de significados que estão muito além das fronteiras das práticas e crenças religiosas. Nancy Frey⁵⁷ em sua análise fenomenológica sobre a peregrinação a Santiago, mostra que alguns peregrinos fazem uma clara distinção entre os motivos religiosos e espirituais, geralmente entendidos como ortodoxos e de devoção pessoal, respectivamente. Tal diferença pode ser acomodada no Catolicismo, mas buscas espirituais podem suscitar uma abordagem relacionada vagamente a procuras pessoais ou jornadas internas de transformação. Essas procuras refletem a ênfase da espiritualidade pessoal ou transcendente, e uma rejeição da ortodoxia religiosa que compõem a formação de um ethos moderno na sociedade Euro-Americana, de onde a maioria dos peregrinos contemporâneos vêm. Apesar da peregrinação a Santiago ter uma

⁵⁶ TURNER, V.; TURNER, E. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Columbia University, 1978.

⁵⁷ FREY, N. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998.

origem baseada na doutrina católica, com ênfase na redenção dos pecados e salvação, na sua manifestação contemporânea esses elementos religiosos permanecem, porém eles dividem o mesmo espaço com a espiritualidade transcendental, turismo, aventura física, nostalgia e iniciação esotérica. O Caminho pode ser a união com a natureza, férias, fuga da rotina do dia a dia, um caminho espiritual para si mesmo e a humanidade. Muitos peregrinos estão mais interessados na experiência física de caminhar e pedalar em direção a um destino. O resgate do interesse pela peregrinação à Compostela não passa simplesmente pelos seus valores estritamente religiosos, mas tem sido amplamente reinterpretada como um ideal de “lazer com significado” para a classe média urbana, educada. Existe uma relação desses peregrinos com o esforço físico que não pode ser substituído por nenhum outro meio de locomoção que torne o acesso ao destino fácil, e com o corpo, que representa não só o condutor de conhecimento, mas também um meio de comunicação, um meio para se conectar e fazer contatos com outros, com você mesmo, o passado e o futuro e a natureza. Nesse sentido cabe o provérbio “Ver é acreditar, mas sentir é a verdade”.

Os aspectos antropológicos abordados nesse capítulo formam uma base importante para a análise que será feita a seguir, pois o ritual, enquanto fenômeno social, atinge o indivíduo nas suas instâncias mais profundas e afeta suas relações com a dimensão externa no plano consciente e inconsciente, como veremos mais a frente. A liminaridade assume um papel fundamental para a construção da idéia de transformação, pois é nela que o peregrino entra em contato com planos até então inacessíveis.

2. O CAMINHO E O HERÓI

2.1 Introdução

Nesse capítulo vamos explorar a narrativa da jornada do herói, inserida no contexto social do século XXI, a partir de entrevistas com peregrinos. No primeiro capítulo exploramos a visão antropológica do fenômeno peregrinação, permitindo a observação da re-significação desse fenômeno ao longo do tempo e trazendo novos elementos para a análise científica. Da mesma forma, sob a ótica mitológica e mística, encontramos correlações entre aspectos presentes na estrutura de mitos e a jornada do peregrino contemporâneo. As manifestações arquetípicas, a serem exploradas no terceiro capítulo, invadem instâncias da vida moderna e proporcionam encontros ricos de significados e evidências da contínua e incessante busca transcendente. O aprofundamento de nossas jornadas tem início no instante em que começamos a nos perguntar o que de fato é significativo: arquitetura, história, música, livros, natureza, comida, tradição religiosa, história familiar, vida dos santos, intelectuais, heróis, artistas?⁵⁸

A chegada propriamente dita ao Caminho é antecipada por alguns tipos de movimentos internos – uma decisão, um impulso, uma causa inexplicável, a realização de um antigo sonho, o cumprimento de uma promessa, a esperança da mudança. O espaço interior está de alguma forma experimentando a aventura antes dela começar, através de sensações como: ansiedade, antecipação, confusão, exaustão, abertura. A jornada a Santiago pode revelar feridas oriundas de perdas, fracassos, medos, vergonha, vícios – deixados à margem na vida cotidiana. Experiências ao longo do Caminho frequentemente atuam como catalisadores que permitem que essas feridas venham à tona. Tem sido uma rota de esperança e milagres da busca do preenchimento de vazios interiores de

⁵⁸ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação* – Para o viajante em busca do que lhe é sagrado. Ágora, São Paulo, 1999, p. 27.

diferentes ordens. Alguns peregrinos, descobrindo a si mesmos, se referem ao Caminho como *la ruta de la terapia*⁵⁹, a rota da terapia.

As orientações interiores dos peregrinos estão comumente relacionadas a questões de transição, perda, ruptura ou marginalidade. Muitos estão passando por uma transição entre ciclos de vida – da juventude para a idade adulta, reflexões da meia idade e crise de aposentadoria. Feridas mais sérias, ou degraus críticos da vida também levam peregrinos para o Caminho.

Outro ponto importante a ser desenvolvido nesse e no próximo capítulo é a exploração do material coletado na pesquisa entre peregrinos de Santiago. Pretendemos enriquecer a análise utilizando os depoimentos como apoio ao pensamento defendido por esse trabalho.

2.2 Os ritos de passagem e a aventura do herói

Nesse ponto retomamos os conceitos sobre ritos de passagem apresentados no primeiro capítulo – utilizando Van Gennep e Turner – e aproximamos o universo mitológico de Campbell deles, que receberá o aprofundamento na segunda metade desse capítulo. O percurso padrão da aventura mitológica do herói é uma representação da fórmula dos rituais de passagem: separação-iniciação-retorno – que podem ser considerados a unidade nuclear do monomito.

A aventura do herói costuma seguir o padrão da unidade nuclear acima descrita: um afastamento do mundo, uma penetração em alguma fonte de poder e um retorno que enriquece a vida. “Um herói vindo do mundo cotidiano se aventura numa região de prodígios sobrenaturais; ali encontra fabulosas forças e obtém uma vitória decisiva; o herói retorna de sua misteriosa aventura com o poder de trazer benefícios aos seus semelhantes⁶⁰”. Os atos verdadeiramente criadores são representados como atos gerados por alguma espécie de morte para o mundo; e

⁵⁹ FREY, N. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da California, 1998, p. 45.

⁶⁰ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.36.

aquilo que acontece no intervalo durante o qual o herói deixa de existir – necessário para que ele volte renascido, grandioso e pleno de poder criador – também recebe da humanidade um relato unânime. Trata-se de uma representação clara da Liminalidade de Turner descrita no primeiro capítulo, a captura do momento vivido na “soleira”.

Segundo Cousineau⁶¹, os rituais marcam o tempo e organizam o espaço – duas maneiras de definir o sagrado. As viagens tornam-se sagradas devido à profundidade de suas contemplações. Como no mito, no sonho e na poesia, cada palavra é saturada de significado. O primeiro passo é ir mais devagar. O segundo é tratar tudo aquilo que lhe chega como parte de um tempo sagrado que envolve a sua peregrinação.

A busca por um novo plano de consciência também está ligada ao percurso do Caminho das Estrelas, também conhecido como Via Láctea, que é tido como o paralelo ao Caminho terrestre no céu noturno. Uma corrente de fiéis acredita que a Via Láctea é um reflexo celestial da rota terrestre tomada por peregrinos na idade média, e que posteriormente se tornou o Caminho de Santiago. As estrelas da Via Láctea também podem ser interpretadas como um caminho das almas mortas; a luz produzida ajuda as almas perdidas a encontrar o caminho para o paraíso, que se encontra após o final da Terra.⁶²

De acordo com Campbell, a primeira tarefa do herói consiste em retirar-se da cena mundana dos efeitos secundários e iniciar uma jornada pelas regiões causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, para torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo (isto é, combater os demônios infantis de sua cultura local) e penetrar no domínio da experiência e da assimilação, diretas e sem distorções, daquilo que Jung denominou “imagens arquetípicas [...] o sonho é o mito personalizado; o mito e o sonho simbolizam, da mesma maneira geral, a dinâmica da psique”.⁶³ A segunda e solene tarefa é, por conseguinte, retornar ao seu meio de origem transfigurado, e ensinar a lição de vida renovada que

⁶¹ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação* – Para o viajante em busca do que lhe é sagrado. Ágora, São Paulo, 1999, p. 96.

⁶² DAVIES, H.; DAVIES M. H. *Holy Days and Holydays: The Medieval Pilgrimage to Compostela*. Londres: Associate University Press, 1982, p. 221-22 *apud* FREY, Nancy. 1998, p. 9.

⁶³ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia e Alquimia*. Petrópolis: Vozes, 2003, par. 58 e 62.

aprendeu. O final feliz deve ser colocado de lado como uma falsa representação; pois o mundo produz apenas um final: morte, desintegração, desmembramento e crucificação do nosso coração com a passagem das formas que amamos.

Campbell lança um olhar pessimista sobre esse tema, colocando o *final feliz* como uma situação possível somente na *Terra do Nunca* da infância, e traz o amargor do fracasso, da perda, da desilusão e da não-realização irônica para desmascarar a crença no “e foram felizes para sempre”, pois ela nos protege da natureza cruel da realidade.

Para concluir, é relevante citar Gilbert Durand⁶⁴

O ocidente, sacrificando-se às mitologias desmitologizantes dos positivismos, perdeu então, de uma só vez, magistério religioso e magistério político. O que explica que existiu nas nossas sociedades *modernas* uma enorme falta, uma enorme e anárquica falta de ar sobre todos os maravilhosos, todos os sonhos, todas utopias possíveis. Estamos finalmente, nas nossas sociedades européias, na presença de três níveis míticos simultâneos, onde um data pelo menos do último século - o das pedagogias -, onde o outro consiste em uma libertação sustentada por enormes meios tecnológicos, estupefacientes, espirituais e visuais que distribuem as mídias e que permitem suportar as monotonias da vida tecnocrática e burocrática que nos ensinaram as escolas. Enfim, na *solidão da razão*, como escreveu Ferdinand Alquié⁶⁵, mas de uma outra *razão*, mais solitária, existem sábios que perceberam, sem se conhecerem uns aos outros, que eles estão reencontrando as mitologias negligenciadas ou esquecidas, que eles constroem, a Princeton ou por aí, a Gnose⁶⁶ de nossa modernidade. Eles *reencontram* os mitos, pois se trata de *volta*. É uma ilusão superficial acreditar que existem mitos *novos*. O potencial genético do homem, no plano anatomo-fisiológico, assim como no plano psíquico, é constante desde na existência do *homo sapiens sapiens*. É porque, quando um mito se usou e se eclipsa em um *habitus* de saturações, recaímos sobre mitos já conhecidos. O jogo mitológico, com número de cartas

⁶⁴ DURAN, Gilbert. “O retorno do mito – Introdução à mitologia”, REVISTA FAMENCOS, Porto Alegre, n° 23, abril 2004, quadrimestral, p. 17.

⁶⁵ ALQUIÉ, Ferdinand. *Solitude De la Raison*, Paris: Losfeld, 1966.

⁶⁶ RUEYER, R. *La gnose de Princeton*. Paris: Fayard, 1974.

limitadas, é incansavelmente redistribuído, e, desde milênios a espécie pôde esperar e sobreviver por causa deste devaneio contínuo no qual, por saturação intrínseca ou por eventos extrínsecos, se transmite a herança mítica.

Essa análise de Durand reforça a presença do mito no imaginário do homem moderno, e lança o desafio sobre o seu destino. Nesse trabalho buscamos o significado do mito sob o olhar dos peregrinos de Santiago, e qual o seu papel na vida moderna.

2.3 A pesquisa

2.3.1 Objetivo

Nesse capítulo vamos analisar o conjunto de respostas para cada questão com base no objetivo estabelecido na sua elaboração, trazendo todo embasamento teórico contido em cada uma delas. Para isso, elaboramos um questionário que busca explorar a *história de vida* dos peregrinos voluntários através de perguntas abertas que permitam obter insumos para validar as hipóteses propostas por esse trabalho. Esse método trás o benefício de obter o resultado desejado com um número reduzido de voluntários, uma vez que as questões são exploradas em profundidade. Embora não permita a inferência estatística, ele não elimina a possibilidade de articular as respostas dos voluntários dentro do universo dos peregrinos de Santiago.

O peregrino moderno ainda reconhece na realização do Caminho um ritual de passagem, no entanto, os valores religiosos estão se esvaziando. A religião tradicional, enquanto canal com o transcendente, não consegue proporcionar os elementos necessários para satisfazer a fome de significado presente em boa parte desses peregrinos. No entanto, a exposição ao universo de símbolos, sagrados ou

não, é capaz de re-conectar o indivíduo à sua religiosidade.

2.3.2 Questões

Seguem abaixo as dez questões apresentadas aos nove peregrinos que responderam voluntariamente. O perfil do peregrino escolhido para a pesquisa foi cidadãos brasileiros, homens e mulheres de classe média, com idades entre 22 e 65 anos.

1. Para você há alguma relação entre a busca da evolução espiritual e a peregrinação? A religião exerceu algum papel na sua decisão de realizar o Caminho? Qual(s)?
2. Você pode comentar um pouco sobre o momento em que decidiu fazer o Caminho e de que forma isso ocorreu? Qual o caráter dessa decisão (ex. promessa, período “sabático”, turismo de aventura, turismo religioso)?
3. Você percebe algum tipo de unidade entre os peregrinos? Arriscaria dizer quais valores são compartilhados?
4. Você vê distinções entre o peregrino e o turista? Qual(s)?
5. Você reconhece algum símbolo sagrado ao longo do Caminho? Se sim, qual(s) e por que ele(s) é sagrado pra você?
6. A peregrinação te aproximou da dimensão religiosa? Se sim, Como?
7. Descreva um pouco das sensações e sentimentos relacionados ao retorno para casa.
8. Na sua opinião os símbolos tradicionais do Caminho permanecem com os mesmos significados? Se não, você poderia indicar que mudanças percebeu?
9. Você considera a peregrinação a Santiago um rito de passagem? Por que?
10. Você reconhece na peregrinação uma experiência relacionada ao processo de auto-conhecimento? Se sim, De que forma ela foi capaz de auxiliá-lo a ampliar a compreensão de si mesmo e sua relação com o mundo?

2.3.3 Questão 1

Para você há alguma relação entre a busca da evolução espiritual e a peregrinação? A religião exerceu algum papel na sua decisão de realizar o Caminho? Qual(s)?

Essa questão busca entender o papel da religião na decisão de fazer a peregrinação. Como estamos analisando um fenômeno de origem católica, é importante entender se a influência religiosa ainda é forte, ou se o Caminho em si já venceu os limites da religião e assumiu outra identidade própria, ou seja, há peregrinos que partem para a jornada livres de qualquer motivação católica. Na análise desenvolvida no primeiro capítulo nós encontramos evidências de que as motivações são diversas; Nancy Frey apontou sua análise nessa direção e encontrou pela frente o turismo religioso, o turismo ecológico, a aventura pura e simples, e claro, os peregrinos. Na amostra de nove peregrinos utilizada na nossa pesquisa vamos encontrar elementos que corroboram com a análise de Nancy. Podemos classificar as respostas em dois grupos:

Sem motivação religiosa: Quatro peregrinos não declararam motivações religiosas para realizar o Caminho. Nesses casos a religião foi colocada como um aspecto secundário, esvaziada de valor, incapaz de motivá-los a realizar a jornada, pois os reais motivos surgiram por outras razões. Um ponto importante para nossa análise é o fato de dois deles terem encontrado a razão na busca espiritual, independente da religião. Essas respostas encontram ressonância no argumento de Nancy citado acima, no qual ela demonstra a possibilidade de busca da transcendência fora do território da religião.

Com motivação religiosa: Seis peregrinos responderam que entre as motivações estava a busca da religiosidade. Nesse grupo observa-se a formação católica entre todos, porém, eles não são praticantes. A experiência se revelou como um fator determinante para re-conexão com a religiosidade, e nesse sentido os símbolos auxiliaram bastante, pois o repertório dessas pessoas em geral trazia um conteúdo capaz de reconhecer os significados mais profundos desses símbolos. Trata-se de estar aberto a experiência e conectado com a constelação de signos presentes no itinerário, dessa forma o encontro pode se realizar na plenitude, sem filtros de interpretação. É um estado muito favorável a manifestação da sincronicidade de

Jung⁶⁷, pois a relação entre eventos desconexos torna-se evidente.

2.3.4 Questão 2

Você pode comentar um pouco sobre o momento em que decidiu fazer o Caminho e de que forma isso ocorreu? Qual o caráter dessa decisão (ex. promessa, período “sabático”, turismo de aventura, turismo religioso)?

Essa questão possui uma sutileza na abordagem para tentar captar o fato motivador, o despertar para a aventura, enfim, identificar o *chamado* de Campbell, conceito a ser melhor explorado ainda nesse capítulo. Os peregrinos pesquisados não utilizaram nenhum dos exemplos citados na questão, eles apresentaram de maneira espontânea o contexto de vida em que a ida para Santiago ocorreu, e nesses relatos encontramos o “chamado” em sete dos nove casos. O chamado se manifestou de diversas formas: através da perda de um ente querido, da aposentadoria, do encontro com alguém que fizera o Caminho, um chamado do “eu” interior, uma experiência religiosa, um rito para marcar a transição dos quarenta para os cinquenta anos.

Esses relatos mostram manifestações arquetípicas, que serão mais exploradas no último capítulo. Nesse ponto, podemos estabelecer a relação da vivência individual com o mito, pois o momento da decisão de se lançar em uma aventura é marcado por um evento que conecta a pessoa a um outro universo, a um novo conjunto de possibilidades, que invariavelmente proporciona uma ampliação no campo das percepções própria e do mundo.

2.3.5 Questão 3

Você percebe algum tipo de unidade entre os peregrinos? Arriscaria dizer quais valores são compartilhados?

⁶⁷ A coincidência significativa de dois eventos, um interior e psíquico, e o outro exterior e físico. (STEIN, 1998, p. 206)

Essa questão está relacionada ao conceito de *Communitas* (Turner), e tenta estimular os peregrinos pesquisados a dividir um pouco a visão sobre os valores compartilhados entre eles. Partindo do conceito primário de *Communitas*, que descreve um cenário no qual todos envolvidos evoluem no curso natural dos eventos, como grupos de seres humanos, com suas capacidades e necessidades natas, interagindo uns com os outros procurando lidar com o meio ambiente; a questão tenta buscar evidências que validem essa hipótese.

Percorrendo as respostas obtidas encontramos em todas, elementos que corroboram com a hipótese acima. Nesse ponto é oportuno utilizar a citação de um dos peregrinos que captura a essência do conceito: “Acredito que os peregrinos se tornam uma nação a parte...”. Outro aspecto relevante são os valores descritos, que estão muito relacionados a unidade: solidariedade, partilha, tolerância, compaixão, espiritualidade, companheirismo, amizade. Todos valores que reforçam o vínculo e o pertencimento a um grupo extremamente heterogêneo na sua formação, origem e orientação espiritual.

2.3.6 Questão 4

Você vê distinções entre o peregrino e o turista? Qual(s)?

Esta questão foi incluída em função da discussão antropológica proposta por alguns autores, entre eles: Nancy Frey e Edin Abumanssur. Os argumentos apresentados revelam que a linha que separa os conceitos de turista e peregrino é muito tênue, porém neste trabalho vamos restringir o universo àquelas pessoas que fizeram o Caminho de Santiago, pois a abrangência da discussão pode prejudicar o objetivo aqui proposto.

Entre os nove entrevistados, sete vêm claras distinções entre o peregrino e o turista, e três deles utilizaram uma frase comum entre os peregrinos para descrever as diferenças: “O peregrino agradece, o turista exige”. Essas diferenças giram em torno da expectativa que cada um tem sobre a viagem, sobre a experiência. Na essência, o que foi dito é que o peregrino busca a experiência interior e o turista a exterior, ou seja, o turista é estimulado muito mais pelo prazer através dos sentidos

do que pela reflexão interior, enquanto o peregrino busca justamente o inverso.

Em meio as respostas surgiram duas outras possibilidades interpretativas, uma que coloca a religiosidade como condição fundamental para a peregrinação e outra que não distingue peregrinos de turistas, pois o Caminho tem que ser vivido individualmente, independente de qualquer classificação. São duas interpretações individuais que demonstram a pluralidade de visões possíveis sobre o mesmo tema.

Concluindo, a amostra confirma a hipótese de que o peregrino não se vê como turista, ele não reconhece os mesmos valores e tão pouco tem as mesmas atitudes quando expostos a mesma situação. Essa conclusão auxilia o desenvolvimento do raciocínio proposto aqui, pois isola o grupo analisado e permite que nos posicionemos claramente frente as opções teóricas que dividem a questão.

2.3.7 Questão 5

Você reconhece algum símbolo sagrado ao longo do Caminho? Se sim, qual(s) e por que ele(s) é sagrado pra você?

O objetivo dessa questão é explorar um pouco o universo simbólico dos peregrinos, pois uma das hipóteses desse trabalho está relacionada a capacidade do símbolo de conectar o indivíduo com seus conteúdos interiores, inconscientes. O capítulo três desse trabalho vai analisar o comportamento desses peregrinos sob a ótica da psicologia analítica, que tem como um de seus elementos básicos o símbolo.

As respostas a essa questão trouxeram visões interessantes; em quatro casos a seta amarela⁶⁸ surgiu como um símbolo importante, que representa a direção, o sentido que o indivíduo deve seguir, e esse sentido assume um conceito mais amplo, pois os peregrinos estabeleceram uma relação entre a direção do Caminho e a direção da vida.

Os outros seis peregrinos trouxeram uma simbologia diferente, relacionada aos sentimentos despertados ao longo da jornada, como a emoção de pisar no mesmo

⁶⁸ Ao longo de todo o Caminho de Santiago encontram-se setas amarelas pintadas; elas podem estar em paredes, no chão, em pedras, muros, e indicam a direção que o peregrino deve seguir para chegar em Santiago de Compostela.

lugar que São Francisco um dia pisou, a compaixão, o amor incondicional pelo outro e por você mesmo, ou ainda o amor por Deus. Segundo eles, ao mesmo tempo que são sentimentos intensos vividos pelo indivíduo, eles também são facilmente percebidos no outro, através das relações estabelecidas no convívio do dia a dia do Caminho. Nesses casos o símbolo está nas relações humanas e não em um objeto ou lugar, e se faz presente da mesma forma, garantindo a construção de uma referência importante para a continuidade da vida após o Caminho, que é a fé nas emoções positivas, capazes de aproximar os seres humanos pela compaixão e o amor, sentimentos tão empobrecidos de valor em uma era marcada pelo individualismo.

2.3.8 Questão 6

A peregrinação te aproximou da dimensão religiosa? Se sim, Como?

No capítulo anterior trouxemos a tona alguns aspectos que afetam o papel da religião nos dias atuais, porém, apesar disso, o Caminho de Santiago, mesmo tendo sua origem na tradição católica, atrai pessoas de diferentes formações e orientações religiosas. Essa questão tenta explorar exatamente esse ponto entre os peregrinos.

As respostas revelam que apenas dois entre nove peregrinos não se aproximou da dimensão religiosa; todos os outros encontraram, cada um a sua maneira, uma conexão com a fé. Esse encontro revelou a capacidade de renovação frente a um desafio, e a possibilidade de encontrar forças fora dos estímulos externos; não necessariamente na religião em si, mas no contato com a espiritualidade, com a “energia sem nome” ou com “sua própria religião”, conforme descrição de dois deles. Apenas em dois casos a formação católica teve um peso especial, pois a exposição aos símbolos católicos foi capaz de proporcionar uma vivência mais intensa e ativar valores adormecidos.

Essa pequena amostra foi capaz de validar a essência proposta nesse projeto, que é demonstrar que a experiência de peregrinar a Santiago é capaz de re-aproximar o indivíduo à sua fé e o despertar da dimensão espiritual.

2.3.9 Questão 7

Descreva um pouco das sensações e sentimentos relacionados ao retorno para casa.

Uma das hipóteses propostas nesse projeto, com base no poder da liminaridade de Turner e do mito do herói de Campbell, é a de que a experiência da peregrinação a Santiago pode ser transformadora, ela pode ampliar a visão das relações do indivíduo com o mundo e com ele mesmo. E que essas mudanças ficam mais tangíveis no retorno para casa, momento no qual é possível observar novas reações frente a situações já conhecidas.

As respostas obtidas irão nos auxiliar a demonstrar o argumento proposto acima, pois em todos os casos mudanças foram notadas no retorno desses peregrinos para casa, cada um a seu modo, mas todos com uma descoberta interior que vai acompanhá-los pela vida. Podemos traçar um paralelo entre o caráter discriminatório com que o peregrino medieval era visto pela sociedade, marginalizado em alguns casos - aspecto discutido no primeiro capítulo, e a contemporaneidade desse fenômeno na análise sobre os sentimentos observados na volta pra casa. Através dos depoimentos vemos que o fenômeno social se repete na medida em que os peregrinos demonstram desprendimento, compaixão, sinceridade – como declara um deles: “...a sinceridade nem sempre é uma virtude no mundo em que vivemos”. Encontramos entre os depoimentos, o exemplo de uma peregrina que ao descrever sua experiência carregada de significados especiais para um grupo de amigos, se viu em meio a um questionário sobre banalidades do Caminho, com questões como: “Você foi a algum restaurante fino?”, “Fez compras?”. Nesse ponto ela concluiu que as pessoas realmente não estavam preocupadas em ouvir um relato pessoal sobre descobertas interiores, e que se ela continuasse nessa linha provavelmente não seria mais ouvida pelo grupo. Essa é uma forma clara de perceber que o reconhecimento social daqueles que fizeram o Caminho está muito mais na atitude de viajar a um lugar distante em condições adversas, do que o que essa experiência pode trazer como aprendizado interior.

É claro para todos peregrinos entrevistados que é uma questão de tempo para constatar que algo mudou, é necessário um período de “digestão”, mas “a alegria

interior dura muito tempo”.

2.3.10 Questão 8

Na sua opinião os símbolos tradicionais do Caminho permanecem com os mesmos significados? Se não, você poderia indicar que mudanças percebeu?

O tópico símbolo nesse projeto tem um peso especial em função das referências conceituais utilizadas nos capítulos dois e três deste trabalho – Campbell e Jung respectivamente. Nesse sentido pretendemos obter através da pesquisa respostas que nos auxiliem a entender melhor o papel dos símbolos nessa aventura, e estabelecer conexões com a religiosidade e o sagrado dos peregrinos pesquisados.

A maioria dos peregrinos entrevistados reconhece a banalização dos símbolos através do excesso vindo das ações de marketing, o Caminho, assim como outros sítios sagrados, se transformou em um fenômeno mercadológico, atraindo muitas pessoas pela possibilidade de entrar em contato com a tradição comprando um pacote de viagem que inclui: guia bilíngüe, hospedagem em hotel confortável, traslados em ônibus com ar condicionado e um período exclusivo para compras no final. Citando um trecho da introdução da segunda parte do primeiro capítulo: os segmentos educados da população agem de acordo com interesses individualizados, guiados por valores meramente pragmáticos justificadores mais da diferença que da igualdade. Nessa linha a sociedade moderna se apropriou de alguns símbolos do Caminho, usando a peregrinação como pano de fundo para criar valor sobre o status de conhecer o Caminho de Santiago e entrar em contato com o universo dos peregrinos e suas aventuras, dessa forma promovendo um dos grandes fenômenos capitalistas da atualidade, o turismo. Não queremos aqui discutir o turismo religioso enquanto fenômeno da sociedade moderna, mas sim contextualizar as transformações percebidas na simbologia do Caminho a partir dos depoimentos apresentados pelos peregrinos sobre essa questão, como um deles disse: “Existe muito marketing, o que denigre seu real significado [...] alguns usam o Caminho como status, o que prejudica a simbologia. Muitos esquecem qual

motivo levou o primeiro peregrino a ir para Compostela”.

Um dos pontos que queremos analisar com essa questão é a transformação dos símbolos, os efeitos da modernidade sobre as tradições, e como discutimos acima, os símbolos foram impregnados de valores ligados ao consumo, ao status, a diferenciação do indivíduo através da chancela no passaporte. E como ficam os símbolos tradicionais frente a tal movimento? Os peregrinos entrevistados revelam que a essência permanece, porém só a vê e a sente quem quer, como bem podemos notar nesse trecho do depoimento de outra peregrina:

O Caminho se você deixar vira um grande comércio de símbolos...Então prefiro o desenho das nuvens...O canto dos pássaros... O peregrino de um outro país contando em outra língua sua vida...A linguagem dos gestos...Do coração... Isso não muda...Isso para mim é o verdadeiro simbolismo do caminho.

Concluindo, os símbolos de fato sofreram uma grande re-significação e se aproximaram bastante dos aspectos mais explorados pelo turismo, em muitos casos pelo turismo religioso. No entanto, a presença da tradição ainda é muito forte, e continua sendo objeto de veneração e busca daqueles que acreditam no poder original dos símbolos.

2.3.11 Questão 9

Você considera a peregrinação a Santiago um rito de passagem? Por que?

Incluímos essa pergunta com o objetivo de entender melhor o conceito de rito nos dias de hoje. As bases acadêmicas utilizadas trazem referências importantes ao rito, seja na abordagem antropológica apresentada no primeiro capítulo, seja na mítica a ser explorada nos segundo e terceiro capítulos, e isso também está refletido nas hipóteses. Dessa forma, elaboramos essa questão tentando estimular os peregrinos que participaram da pesquisa a trazerem suas visões do rito frente ao Caminho.

Ao analisar as respostas nos deparamos com a amplitude conceitual de rito, pois a questão não esclarece isso para quem está respondendo. Por conta das infinitas possibilidades interpretativas desse conceito vamos analisar as respostas sempre sob a ótica de rito estabelecida nas bases desse trabalho – Turner, Van Gennep, Campbell.

Três peregrinos responderam **sim** à pergunta, seguindo a linha da transformação, ou seja, o peregrino após sua jornada retorna em uma condição diferente da que partiu, pois os efeitos de sua vivência permanecem; os aprendizados, os sentimentos experimentados, os novos valores compartilhados devem perdurar pela existência do indivíduo e afetá-lo nas suas relações pregressas e vindouras. O sentido aqui é realmente de passagem de um momento para outro, e se analisarmos outras três respostas com esse olhar, podemos assumir que apesar desses peregrinos negarem o caráter de rito, a resposta reforça todos atributos descritos acima. Citando um deles, podemos compreender melhor essa colocação:

Eu não considero o Caminho um rito de passagem. A peregrinação abre novos horizontes de entendimento e reflexão. Acho que o Caminho transforma as pessoas, porque lá não importa o que você faz, quem você é no seu dia a dia, que cargo ocupa. A única informação sobre cada um é: de onde você vem, qual o seu nome...valorizando o mais simples, você vê a beleza nas coisas simples e aprende a agradecer.

Outro trecho bastante relevante para essa análise vem de outro peregrino que, ao contrário do anterior, concorda com o caráter de rito: “Sim, é um caminho, é uma passagem importante para conhecer-se melhor, e entender que estamos de passagem nesta terra desde a hora do nascimento até a morte.” Esse depoimento captura totalmente a essência do que exploramos aqui na sua forma mais simples, que trata do movimento de três partes descrito no primeiro capítulo: A separação das atividades cotidianas, o envolvimento em uma passagem através de um estado transitório ou liminar e o retorno as atividades do dia a dia a partida, a aventura e o retorno.

A amostra corrobora com nossa proposta, reforçando o atributo do rito na experiência do Caminho, atributo esse circunscrito ao conceito já citado nessa questão.

2.3.12 Questão 10

Você reconhece na peregrinação uma experiência relacionada ao processo de autoconhecimento? Se sim, de que forma ela foi capaz de auxiliá-lo a ampliar a compreensão de si mesmo e sua relação com o mundo?

Essa questão está relacionada ao terceiro capítulo, em especial ao tema do processo de individuação de Jung. Mais uma vez fizemos uma abordagem sutil, tentando não esbarrar em pré-conceitos que inibissem os peregrinos a dividir suas experiências. O objetivo é descobrir se eles realmente reconhecem a vivência do Caminho como possibilidade de crescimento pessoal, e pelas respostas isso fica claro, pois sete entre oito peregrinos concordaram, e a única que não concordou fez uma descrição profunda do exercício de humanidade e altruísmo que experimentou durante a caminhada, do quanto a possibilidade de amar o outro e ajudá-lo a encontrar um momento que seja, de alegria e felicidade, pode tornar sua existência mais significativa. Entre as respostas obtidas nessa questão percebemos uma carga emocional em quase todas, o que enriquece nossa análise, pois a experiência realmente foi capaz de tocar a alma desses peregrinos. Citando Jung:

Uma diminuição da hipocrisia e um aumento do autoconhecimento só podem resultar numa maior consideração com o próximo, pois somos facilmente levados a transferir para nossos semelhantes a falta de respeito e a violência que praticamos contra nossa própria natureza.⁶⁹

A nossa hipótese aqui é que o autoconhecimento pode acontecer na medida em que somos expostos a novas situações, e nesses momentos temos a oportunidade

⁶⁹ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2004, p. 18.

de observar comportamentos nunca antes observados. O isolamento do mundo, proporcionado pela peregrinação a Santiago, auxilia nesse processo, pois a jornada ocorre em um ambiente distante da realidade cotidiana do peregrino, e traz preocupações com questões físicas e psíquicas não encontradas normalmente. Para demonstrar isso podemos começar pelo corpo, afinal o peregrino precisa estar em condições mínimas de saúde e condicionamento para caminhar uma distância diária que pode variar de um a trinta quilômetros, portanto o autoconhecimento se inicia nas limitações do organismo, por exemplo, a simples constatação de que você está em condições físicas para realizar seu desafio pode causar um entusiasmo capaz de aumentar a distância a ser percorrida naquele dia, porém o contrário pode gerar uma frustração emocional profunda e fazer com que a aventura encerre prematuramente. O fato do peregrino ter que lidar com suas fortalezas e fraquezas, capazes de criar situações com consequências as vezes irreversíveis em um ambiente inóspito e sem uma retaguarda conhecida, cria uma realidade paralela na qual ele experimenta a emoção no seu estado mais puro, beirando o instinto. Tudo isso cercado por uma constelação de símbolos (sagrados ou não) e pessoas, que como ele, estão dispostas ao mesmo desafio, transporta o indivíduo para o contexto ao qual podemos chamar de *Communitas*, um conceito já discutido no primeiro capítulo e ao longo das questões anteriores.

2.4 A estrutura do mito da jornada do herói segundo Campbell

2.4.1 O primeiro passo

Segundo Campbell⁷⁰, o primeiro passo, a separação ou afastamento, consiste numa radical transferência da ênfase do mundo externo para o mundo interno, do macrocosmo para o microcosmo, uma retirada, do desespero da terra devastada, para a paz do reino eterno que está dentro de nós.

⁷⁰ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.27.

Os poderes divinos, procurados e perigosamente obtidos, sempre estiveram presentes no coração do herói. A partir desse ponto de vista, o herói simboliza aquela divina imagem redentora e criadora, que se encontra escondida dentro de todos nós e apenas espera ser conhecida e transformada em vida. Os dois – o herói e seu deus último, aquele que busca e aquele que é encontrado – são entendidos, por conseguinte, como a parte externa e interna de um único mistério auto-refletido, mistério idêntico ao do mundo manifesto. A grande façanha do herói supremo é alcançar o conhecimento dessa unidade na multiplicidade e, em seguida, torná-la conhecida. O milagre desse fluxo pode ser representado, em termos físicos, como a circulação da substância alimentar; em termos dinâmicos, como um jorro de energia; e espiritualmente, como manifestação de graça.

Cousineau⁷¹ complementa esse raciocínio, analisando o ser humano ao falar de Deus, de gênios, de heróis e de lugares sagrados, lembrando que esses são apenas nomes de mistérios inefáveis atrás dos quais alguma coisa na alma humana deseja estar em contato. Nenhuma filosofia prática explica essa ânsia. É uma força do misterioso mundo das sombras que pode, por seu lado, estar ansiando pelo encontro com a humanidade. Nesse trabalho, Cousineau inclui uma citação do escultor Henry Moore (o escultor) quando perguntado sobre a existência de um segredo para viver:

Consiste em ter uma tarefa, alguma coisa a que você devote sua vida inteira, à qual se dedique por inteiro, a cada minuto do dia, por toda sua vida. E o mais importante de tudo é que deve ser alguma coisa que você possivelmente não possa realizar.

Campbell⁷² escreve sobre a idéia de um lugar sagrado onde as muralhas e as leis do mundo temporal podem ceder para revelar uma maravilha aparentemente tão antiga quanto a raça humana. A crença em certo lugar como templo sagrado, um planalto isolado ou um arquivo de conhecimento sobrenatural instila esperança na alma do peregrino; um encontro lá pode transfigurá-la. A perspectiva agita a alma,

⁷¹ COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação* – Para o viajante em busca do que lhe é sagrado. São Paulo: Ágora, 1999, p. 96.

⁷² CAMPBELL, Joseph. *The Mythic Image*, Princeton, 1990.

pede um salto da fé e desperta alegria nas encruzilhadas. Se feita com esse espírito, a peregrinação pode metaforicamente se assemelhar a uma curva na estrada para o significado.

O peregrino **Manuel** dividiu o momento que o tocou profundamente e o levou a realizar a jornada:

Quando o seu cotidiano sofre uma brusca mudança você fica fragilizado apesar de não perceber. A mudança deixa você aberto e vulnerável ao novo e desconhecido mesmo que o seu modo de vida seja fechado.

A descoberta do Caminho de Santiago foi repentina através matéria jornalística no ano de 1994, e inicialmente com um sentimento de aventura. No período seguinte até a partida em 1996 tornou-se também religiosa pelos fatos acontecidos ao longo da preparação da viagem.

Mas porque gastar tempo e dinheiro, e arriscar a vida indo tão longe, a lugares tão remotos, se de acordo com Martin Buber⁷³, o tesouro – a verdade de nossa vida – está tão ao nosso alcance. Por que é tão difícil despertarmos, abriremos os olhos e estender o corpo para tê-lo em nossos braços? Trata-se de uma questão incômoda, pois segundo ele, o tesouro que põe fim aos nossos sofrimentos, nunca está muito longe. Não devemos jamais procurá-lo em terras distantes, porque ele jaz enterrado no mais secreto recesso da nossa própria casa; em outras palavras, do nosso próprio ser. Mas permanece o estranho fato de que somente após uma piedosa jornada a uma região distante, numa terra estranha, num novo país, o significado da profunda voz que guia nossa busca pode nos ser revelada. O fato *estranho* está no âmago do misterioso poder de decifrar da peregrinação. As respostas estão todas dentro de nós, mas é tão grande nossa tendência a esquecer que algumas vezes precisamos nos aventurar a uma terra distante para despertar nossa memória. “A imagem arcaica da alma parece estar profundamente oculta em nosso corpo”, escreveu Mircea Eliade.⁷⁴

⁷³ BUBER, Martin. *Tales of Hassidim*. New York: Schocken Books, EUA, 1991

⁷⁴ ELIADE, Mircea. *O sagrado e o profano*. São Paulo: Martins Fontes, 2003.

A força atrás dos mitos, dos contos de fada, das parábolas e das belas histórias de viagens revela os infinitos modos como o sagrado rompe a resistência e brilha em nosso mundo. A peregrinação sustenta a promessa do contato pessoal com aquela força sagrada. Segundo Colman e Elsner: “As antigas peregrinações não somente celebram a identidade, mas fazem isso ligando-a a um lugar especial⁷⁵”.

A peregrinação a Santiago nasceu, conforme descrito no primeiro capítulo, com um caráter de redenção dos pecados, pelo sacrifício e pela oração, uma pessoa pode conquistar o perdão. Nas tradições budistas e hinduístas temos a crença no *merecimento* adquirido na peregrinação, assim como a noção de transformação implícita nas peregrinações seculares, como a dos escritores a Paris e a dos pintores a Roma. Todos esses elementos estão presentes hoje na peregrinação a Santiago, uma viagem a dimensões passadas e futuras conforme observamos ao longo das respostas obtidas na pesquisa. A constelação do sagrado, a busca transcendente, o sacrifício, a passagem para outra fase da vida, todos esses fatores povoam o imaginário dos peregrinos contemporâneos e se misturam a diversas tradições, num exercício de sincretismo constante. Cada indivíduo ao longo do Caminho assume um papel que permanecerá para sempre na jornada pela vida.

Podemos aproximar esse trecho à liminaridade de Turner, a vivência na soleira, quais as experiências, encontros, imprevistos ocorridos durante a jornada que são capazes de marcar esse tempo, e que posteriormente revelam aspectos da personalidade até então intocados. Nesse ponto trazemos o depoimento da peregrina **Joana**, que ao ser perguntada se reconhecia na realização do Caminho de Santiago um caráter de rito de passagem, respondeu:

Acho que o Caminho transforma as pessoas, porque lá não importa o que você faz quem você é no seu dia dia, que cargo ocupa, se tem grana ou não. A única informação sobre cada um é: de onde você é e qual seu nome, às vezes nem o nome era necessário, bastava reencontrar um rosto que já tinha visto antes para se abrir o sorriso e se tornarem amigos, solidários.

⁷⁵ COLEMAN & ELSNER. *Pilgrimage – Past and present in the world religions*. Harvard University Press, 1997.

Na medida em que o meio influencia o comportamento do indivíduo, o momento da liminaridade no Caminho de Santiago proporciona o contato com um ambiente completamente diferente do seu ambiente de origem. As reações nesse cenário passam a surpreender pela imprevisibilidade tanto do estímulo quanto da resposta, e nesse processo é possível reconhecer um aprendizado, pois o ritual tem o papel de marcar o tempo fixando um momento na memória para sempre.

2.4.2 O chamado

O primeiro estágio da jornada mitológica – denominado por Campbell como “o chamado da aventura” – significa que o destino convocou o herói e transferiu-lhe o centro de gravidade do seio da sociedade para uma região desconhecida. Aprisionado pelo tédio, pelo trabalho duro ou pela “cultura”, o sujeito perde o poder da ação afirmativa dotada de significado e se transforma numa vítima a ser salva.

Campbell atribui o chamado da aventura a uma figura metafórica chamada arauto ou agente que anuncia a aventura. Essa figura costuma ter um caráter sombrio, repugnante ou aterrorizador, considerado maléfico pelo mundo. No entanto, na medida em que prosseguimos no caminho através dos muros do dia, que levam à noite, poderemos encontrar o brilho da iluminação. O arauto pode ser um animal, como a pomba descrita na lenda do Monastério de Santa Maria La Real no primeiro capítulo, representante da fecundidade instintiva que está dentro de nós. Pode ser igualmente uma figura misteriosa coberta por um véu – o desconhecido.

O arauto pode anunciar o chamado para algum grande empreendimento histórico, assim como pode marcar a alvorada da iluminação religiosa. Conforme o entende o místico, ele marca aquilo a que se deu o nome de “despertar do eu”. Dois sonhos serão suficientes para ilustrar o surgimento espontâneo da figura do arauto na psique que está pronta para a transformação.⁷⁶ A aventura pode começar por um erro – aparentemente um mero acaso – revelando um mundo insuspeito, o indivíduo entra numa relação com forças que não são plenamente compreendidas,

⁷⁶ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.63.

conforme a citação de Freud no primeiro capítulo.

Como o chamado foi um dos objetos explorados na pesquisa, apresentamos aqui a resposta que o peregrino **Manoel** deu quando perguntado sobre a sua motivação para realizar o Caminho, como se deu o seu “chamado da aventura”:

Quando você abandona uma atividade em que consumia a maior parte de seu tempo a sua vida se modifica e um grande vácuo é formado no seu cotidiano. É o caso da aposentadoria que permite um sentido mais aguçado que permite visualizar a vida sobre vários aspectos. Na maioria das vezes a depressão pode se tornar companheira, e aí surge a religião que foi postergada ao longo do tempo. O despertar do Caminho de Santiago é um caso individual que alguns escolhidos abraçam de diversas formas. Mesmo querendo falar que o sentimento religioso não está presente ele aflora na decisão final.

Muitos renegam e até se dizem agnósticos, mas são aqueles que às vezes choram e mais se emocionam nas liturgias ao longo do caminho.

Outro depoimento sobre a mesma pergunta respondida pela peregrina **Joana**:

Quando estive em Santiago de Compostela em 1996, tive um choro convulsivo ao entrar na catedral. Anos depois em 1999, ao ver uma exposição de peregrinos num shopping em Recife, comprei um livro e comecei a ler, a cada trecho só tinha a certeza de que um dia faria o Caminho. Os motivos até hoje não sei, não foi promessa e nem turismo religioso, só sentia que precisava fazê-lo.

Mais um depoimento sobre a mesma pergunta, respondida pela peregrina **Márcia**:

Minha mãe desde pequena tinha o sonho de realizar este caminho depois que um professor de história no primário comentou sobre ele! Em 1999, após ficar viúva (em 1998) ela perguntou se eu iria com ela... E acabamos indo em 3 gerações. Minha mãe, eu e meu filho, então com 16 anos. Eu fui sem saber o que esperar...Só sabia que iria caminhar...

Mas, pequeno ou grande, e pouco importando o estágio ou grau de vida, o chamado sempre descerra as cortinas de um mistério de transfiguração – um ritual, ou momento de passagem espiritual que, quando completo, equivale a uma morte seguida de um nascimento. O horizonte familiar da vida foi ultrapassado; os velhos conceitos, ideais e padrões emocionais, já não são adequados; está próximo o momento da passagem por um limiar. “As mesmas imagens arquetípicas são ativadas”.⁷⁷

Campbell resgata nas tradições a imagem do primeiro encontro para aqueles que não recusaram o chamado, o herói se encontra com uma figura protetora (que com frequência, é uma anciã ou um ancião), que fornece ao aventureiro amuletos que o protejam contra as forças titânicas com que ele está prestes a deparar-se. A anciã solícita e fada-madrinha é um traço familiar das lendas e dos contos de fadas europeus; nas lendas dos santos cristãos, o papel costuma ser desempenhado pela Virgem, que, pela sua intercessão, pode obter a misericórdia do Pai. Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente do seu lado.

2.4.3 A aventura

Tendo respondido ao seu próprio chamado, e prosseguindo corajosamente conforme se desenrolam as conseqüências, o herói encontra todas as forças do inconsciente ao seu lado. No início de sua campanha russa Napoleão disse: “Senti-me levado na direção de um objetivo que eu desconhecia. Assim que o alcançasse, assim que eu me torna-se desnecessário, bastaria um átomo para me derrotar. Até então, nenhuma força da humanidade poderia agir contra mim”.⁷⁸

As mitologias mais elevadas desenvolvem o papel na grande figura do guia, do mestre, do barqueiro, do condutor de almas para o além. No mito clássico, esse

⁷⁷ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.60.

⁷⁸ SPLENGER, Oswald. *The decline of the West*. Alfred A. Knopf, Inc., 1926-28, vol. I, p. 144 *apud* CAMPBELL, Joseph. 1998, p.77.

guia é Hermes-Mercúrio; no mito egípcio, costuma ser Tot (o deus em forma de babuíno); e na tradição cristã, o Espírito Santo. Tendo as personificações do seu destino a ajudá-lo e a guiá-lo, o herói segue em sua aventura até chegar ao “guardião do limiar”, na porta que leva à área da força ampliada. Esses defensores guardam o mundo nas quatro direções – assim como em cima e embaixo –, marcando os limites da esfera ou horizonte de vida presente do herói. Além desses limites, estão as trevas, o desconhecido e o perigo, da mesma forma como, além do olhar paternal, há perigo para a criança e, além da proteção da sociedade, perigo para o membro da tribo. A pessoa comum está mais do que contente, tem até orgulho, em permanecer no interior dos limites indicados, e a crença popular lhe dá todas as razões para temer tanto o primeiro passo na direção do inexplorado. As regiões do desconhecido (deserto, selva, fundo do mar, terra estranha, etc.) são campos livres para a projeção de conteúdos inconscientes. A aventura é sempre e em todos os lugares, uma passagem pelo véu que separa o conhecido do desconhecido; as forças que vigiam no limiar são perigosas e lidar com elas envolve riscos; e, no entanto todos os que tenham competência e coragem verão o perigo desaparecer.⁷⁹

A lenda narrada a seguir explora exatamente o aspecto discutido acima, revelando o momento em que o herói supera o medo e parte para sua conquista de peito aberto. Como símbolo do mundo ao qual os cinco sentidos nos prendem, prisão de que não nos podemos furtar pelas ações dos órgãos físicos, Cabelo Pegajoso⁸⁰ só foi subjugado quando o futuro Buda, não mais protegido pelas cinco armas do seu nome e aparência física momentâneos, recorreu à arma não nomeada invisível: o divino relâmpago do reino fenomênico dos nomes e formas. Nesse momento, a situação mudou. Ele já não estava preso, mas liberto, pois aquele que ele lembrou ser está sempre livre. A força do abnegado. Assim ele assumiu um caráter divino – um espírito encarregado de receber oferendas, tal como ocorre com o próprio mundo quando encarado, não como o final, como um mero nome e forma daquilo que transcende, e, no entanto, é imanente a todos os nomes e formas.

⁷⁹ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.77-81.

⁸⁰ BULINGAME, Eugene W. *Buddhist Legends Part One*: Introduction, Synopses, Translation of Books One and Two. Yale: Kessinger Publishing, 2007.

O “Muro do Paraíso”, que oculta Deus das vistas humanas, é descrito por Nicolau de Cusa⁸¹ como constituído pela “coincidência dos opostos”, sendo seu portão guardado enquanto não for superado”. Os pares de opostos⁸² (ser e não-ser, vida e morte, beleza e feiúra, bem e mal, e todas as outras polaridades que ligam as faculdades à esperança e ao temor e que vinculam os órgãos de ação a tarefas de defesa e aquisição) são as rochas em colisão, que esmagam os viajantes, mas pelas quais os heróis sempre passam.

A idéia de que a passagem do limiar mágico é uma passagem para uma esfera de renascimento é simbolizada na imagem mundial do útero, ou ventre da baleia. O herói, em lugar de conquistar ou aplacar a força do limiar, é jogado no desconhecido, dando a impressão de que morreu. O interior do templo, ou ventre da baleia, e a terra celeste, que se encontra além, acima e abaixo dos limites do mundo, são uma só e mesma coisa. Eis por que as proximidades e entradas dos templos são flanqueadas e defendidas por colossais gárgulas: dragões, leões, matadores de demônios com as espadas desembainhadas, anões rancorosos e touros alados. Eles são guardiões do limiar, a quem cabe afastar todos os que forem incapazes de encontrar os silêncios mais elevados no interior do templo. Uma vez no interior do templo, pode-se dizer que ele morreu para a temporalidade e retornou ao Útero do Mundo, Centro do Mundo, Paraíso Terrestre. “Nenhuma criatura pode atingir um grau mais alto da natureza sem cessar de existir”.⁸³

Tendo cruzado o limiar, o herói caminha por uma paisagem onírica povoada por formas curiosamente fluidas e ambíguas, na qual deve sobreviver a uma sucessão de provas. Essa é a fase favorita do mito-aventura, o herói é auxiliado, de forma encoberta, pelo conselho, pelos amuletos e pelos agentes secretos do auxiliar nessa região.

⁸¹ CUSA, Nicholas of. *Selected spiritual writings*. New Jersey: Paulist Press, 1997.

⁸² Termos ou objetos que, quanto ao seu significado, estão ligados por uma relação de exclusão, mas quanto à sua força de significação estão ao contrário ligados por uma relação de tipo polar que os mantém em estado de tensão. Jamais chegando a uma síntese total, tal estado de tensão está entendido na base do dinamismo psíquico enquanto estruturação contínua dos significados de si e do mundo. (PIERI, 2002, p. 355-356)

⁸³ COOMARASWAMY, Ananda K. *Akimcanna* - Self-naughting, New Indian Antiquary, vol. III, Bombain, 1940, p. 6, nota 14 Citando e discutindo Tomás de Aquino, Suma theologia, I, 63, 3.

2.4.4 O retorno

Essa etapa da jornada pode ser bem ilustrada iniciando com o depoimento do peregrino **Alejandro**, um dos voluntários da pesquisa, descrevendo as sensações e sentimentos relacionados ao retorno para casa:

Impactante. Percebi que os outros às vezes não conseguem ver através dos olhos das pessoas, e quantas máscaras temos, e quão ruim é viver com elas. A abertura que se consegue no Caminho a partir de agora se torna seu templo, uma forma de ser, uma marca eterna, que nem sempre se pode mostrar, pois as vezes por incrível que pareça é mal vista. A sinceridade nem sempre é uma virtude no mundo que vivemos.

O retorno e reintegração à sociedade, que é indispensável à contínua circulação da energia espiritual no mundo e que, do ponto de vista da comunidade, é a justificativa do longo afastamento, pode se afigurar ao próprio herói como requisito mais difícil. Pois se ele conseguiu alcançar, tal como o Buda, o profundo repouso a iluminação completa, há perigo de que a bem-aventurança de sua experiência aniquile toda lembrança, interesse ou esperança ligados aos sofrimentos do mundo; do contrário, o problema de tornar conhecido o caminho da iluminação junto a pessoas envolvidas com problemas econômicos pode parecer muito difícil de resolver. Por outro lado, se o herói, em lugar de submeter-se a todos os testes da iniciação, tiver simplesmente, tal como Prometeu, alcançado seu alvo (pela violência, pelo engenho ou pela sorte) e levado a graça obtida para o mundo que ele desejou, então os poderes que desequilibrou podem reagir tão violentamente que ele será destruído tanto a partir de dentro como de fora – crucificado, tal como Prometeu, no rochedo do próprio inconsciente violado.⁸⁴

⁸⁴ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo, Cultrix/Pensamento, 1998, p. 41.

A peregrina **Joana** deu seu depoimento sobre o retorno e a questão da transformação:

Senti-me estranha, as conversas não tinham muito sentido, nas rodas de amigos se discutiam, quem casou quem se separou o que se comprou... e tudo isso me parecia tão vazio...Os amigos me fizeram as perguntas mais esdrúxulas, você foi em algum restaurante fino? Você comprou o que? Ou então: Como foi o Caminho? Quando eu respondia que tinha sido maravilhoso, a conversa já mudava de rumo, voltando aos papos fúteis, sobre roupas, carros... Enfim, não estavam querendo saber nada, porque não tinha “glamour”.

O retorno é marcado por descobertas significativas, respostas a perguntas que nunca haviam sido feitas, perguntas eternamente sem respostas. Nesse momento o *desencantamento* do mundo, como vimos em alguns depoimentos, é incisivo e pode afetar as relações do herói com o mundo.

Concluindo, o choque do retorno frente as re-significações do mito causa uma estranheza ao herói, pois a confusão generalizada de valores e símbolos juntamente com a distância da sociedade moderna da discussão mais profunda, afeta o julgamento sobre o habitat e seus personagens. Mais no cerne da questão o herói reconhece seu crescimento e a realização de sua meta, que era a busca da revitalização de seu Eros, de sua energia vital.

3. OS NOVOS PEREGRINOS – CAMPBELL SOB A ÓTICA JUNGUIANA

3.1 Introdução

“O autoconhecimento de cada indivíduo, a volta do ser humano às suas origens, ao seu próprio ser e à sua verdade individual e social, eis o começo da cura da cegueira que domina o mundo de hoje.”⁸⁵

Nesse capítulo iremos explorar a intersecção entre as manifestações arquetípicas e a mitologia de Campbell, utilizando também elementos da pesquisa para validar as hipóteses do projeto além dos símbolos do Caminho encontrados a partir do primeiro capítulo. A presença intensa de símbolos ao longo do Caminho reflete as transformações da consciência através da re-significação desses símbolos. “Para uma cultura ainda nutrida na mitologia, a paisagem, assim como cada fase da existência humana, ganham vida através da sugestão simbólica.”⁸⁶ Essa análise será reforçada pela transformação também observada na religiosidade.

A jornada a Santiago pode revelar feridas, perda, fracasso, medo, vergonha, vícios deixados infectados pela vida cotidiana; experiências ao longo do Caminho geralmente atuam como catalisadores que permitem a elas serem expostas. Tem sido, e parece continuar a ser uma trilha de esperanças e milagres de completude de uma ordem diferente. Alguns peregrinos, referindo-se a si mesmos, se referem ao Caminho como a rota da terapia.⁸⁷

Segundo Campbell⁸⁸:

Os ousados e verdadeiramente marcantes escritos da psicanálise são indispensáveis ao estudioso da mitologia. Isso ocorre porque, como quer que encaremos as interpretações detalhadas, e por vezes contraditórias, de casos e problemas específicos, Freud, Jung e seus seguidores sugeriram que a lógica, os heróis e os feitos do mito mantiveram-se vivos até a época moderna.

⁸⁵ JUNG, Carl Gustav. *Psicologia do Inconsciente*. Vozes, 2004, p. IX.

⁸⁶ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.47.

⁸⁷ FREY, N. *Pilgrim Stories – On and Off the Road to Santiago*. Univ. da Califórnia, 1998, p. 45.

⁸⁸ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.16.

Trata-se de uma visão muito próxima da trazida por Durand no segundo capítulo.

O poder do mito pode permanecer insuspeito ou, por outro lado, alguma palavra casual, o odor de uma paisagem, o sabor de uma xícara de chá ou algo que vemos de relance pode tocar uma mola mágica, e eis que perigosos mensageiros começam a aparecer no cérebro, perguntas como: por que você trocou o conforto do lar por essa cabana fria? Ou ainda: Todo esse esforço, essas bolhas, calos, serão recompensados? Esses mensageiros são perigosos porque ameaçam as bases seguras sobre as quais construímos nosso próprio ser ou família. Mas eles são, da mesma forma, diabolicamente fascinantes, pois trazem consigo chaves que abrem portas para todo o domínio da aventura, a um só tempo desejada e temida, da descoberta do eu.

3.2 Inconsciente pessoal e inconsciente coletivo

É importante destacar a importância dos conceitos que vamos apresentar a seguir para o objetivo desse trabalho, uma vez que pretendemos estabelecer uma relação entre a peregrinação a Santiago, a jornada do herói e o arquétipo. O tema das consciências pessoal e coletiva é fundamental para a construção do conceito de arquétipo e por conta disso acrescentamos esse tópico ao capítulo.

Quem progredir no caminho da realização do *si-mesmo*⁸⁹ inconsciente trará inevitavelmente à consciência conteúdos do inconsciente pessoal, ampliando o âmbito de sua personalidade. Pode-se acrescentar que essa ampliação se refere, em primeiro lugar, à consciência moral, ao autoconhecimento, pois os conteúdos do inconsciente liberados e conscientizados pela análise são em geral desagradáveis e por isso mesmo foram reprimidos. Figuram entre eles desejos, lembranças, tendências, planos. Tais conteúdos equivalem aos que são trazidos à luz pela confissão de um modo mais limitado. O restante, em regra geral, aparece mediante a análise dos sonhos. É muito interessante observar como às vezes os

⁸⁹ O termo denota o conjunto complexo dos fenômenos psíquicos de cada indivíduo. Em particular, o Si-mesmo, de um lado, reúne os objetos da experiência e, portanto, os fenômenos da consciência e os conteúdos e os fatores conscientes, do outro pressupõe aquilo que ainda não se encontra no âmbito da consciência e, portanto, os conteúdos e os fatores do inconsciente, ou seja, os fenômenos daquela outra parte da psique que permanece ainda incognoscível e não delimitável. (PIERI, 2002, p.462)

sonhos fazem emergir os pontos essenciais, um a um, em perfeita ordem. Todo esse material acrescentado à consciência determina uma considerável ampliação do horizonte, um aprofundamento do autoconhecimento e principalmente humaniza o indivíduo, tornando-o modesto. Entretanto, o autoconhecimento, considerado pelos sábios como o melhor e o mais eficaz para o homem, produz diferentes efeitos sobre os diversos caracteres.

A partir do estudo realizado por Jung⁹⁰ sobre os sonhos de uma paciente, ele se depara com evidências do surgimento inconsciente em uma pessoa civilizada de uma imagem divina autêntica e primitiva, produzindo um efeito vivo, que poderia despertar uma grande discussão com um psicólogo da religião. Nessa imagem nada há que possa ser considerado pessoal; *trata-se de uma imagem totalmente coletiva*, cuja existência étnica há muito é conhecida. Trata-se de uma imagem histórica que se propagou universalmente e irrompe de novo na existência através de uma função psíquica natural. É o caso de um arquétipo reativado, nome com o qual Jung designou as imagens primordiais reveladas no seu estudo sobre os sonhos. Mediante a forma primitiva e analógica do pensamento peculiar aos sonhos, essas imagens arcaicas são restituídas à vida. Não se trata de idéias inatas, mas de caminhos virtuais herdados. Jung concluiu com essa análise que a partir desses fatos pode-se afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas também impessoal, coletiva, sob forma de categorias herdadas ou arquétipos. Nessa linha Jung propõe a hipótese de que o inconsciente, em seus níveis mais profundos, possui conteúdos coletivos em estado relativamente ativo, designado como *inconsciente coletivo*. Trata-se de um exercício sobre a visão de que a psique consciente e pessoal repousa sobre a ampla base de uma disposição psíquica herdada e universal, cuja natureza é inconsciente; a relação da psique pessoal com a psique coletiva corresponde, em grandes linhas, à relação do indivíduo com a sociedade. Na psique coletiva abrigam-se todas as virtudes específicas e todos os vícios da humanidade e todas as outras coisas. A repressão da psique coletiva foi uma condição necessária para o desenvolvimento da personalidade. Jung também analisa o momento em que o conteúdo individual se aproxima do coletivo.

⁹⁰ JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2003, pg. 7.

3.3 O Arquétipo

“Ao que parece, há nessas imagens iniciatórias algo que, de tão necessário para a psique, se não for fornecido a partir do exterior, através do mito e do ritual, terá de ser anunciado outra vez, por meio do sonho, a partir do interior...”⁹¹.

Jung, por sua vez, enfatizou as crises da segunda metade do ciclo de vida humano – quando, para evoluir, essa esfera brilhante deve submeter-se a descer e desaparecer, finalmente, no útero noturno do túmulo. Os símbolos normais dos nossos desejos e temores transformam-se, nesse entardecer da vida, em seus opostos; pois, nesse ponto, já não é a vida, mas a morte, que constitui o desafio. E, da mesma forma, a mitologia não tem como seu maior herói o homem meramente virtuoso. A virtude não é senão o prelúdio pedagógico da percepção culminante, que ultrapassa todos pares de opostos. A virtude subjuga o ego voltado para si mesmo e torna possível a convergência transpessoal; mas, quando esse estado é obtido, o que ocorre com a dor ou com o prazer, com o vício ou a virtude, do nosso próprio ego ou de qualquer outro? “Através de tudo, a força transcendente – que vive em tudo, que em tudo é prodigiosa, que em tudo é valiosa – da nossa profunda obediência é então percebida”.⁹²

A literatura psicanalítica apresenta abundantes exemplos dessas fixações desesperadas. Essas fixações representam uma impotência em abandonar o ego infantil, com sua esfera de relacionamentos e ideais emocionais. Estamos aprisionados pelos muros da infância; o pai e a mãe são guardiões das vias de acesso, e a atemorizada alma, temendo alguma punição, não consegue passar pela porta e alcançar o nascimento no mundo exterior.⁹³

3.4 O despertar da consciência e a individuação

A psique reserva muitos segredos, que só são revelados quando necessário. E

⁹¹ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998, p.22.

⁹² Ibid., p. 48.

⁹³ FREUD, Sigmund. *Inibições, sintomas e ansiedade*. Imago, Rio de Janeiro, 2002.

assim, às vezes, o castigo que se segue a uma recusa obstinada ao chamado mostra ser a ocasião da providencial revelação de algum princípio insuspeitado de liberação. A introversão voluntária, na realidade, é uma das marcas clássicas do gênio criador e pode ser empregada deliberadamente. Ela impulsiona as energias psíquicas para as camadas profundas, e ativa o continente perdido das imagens inconscientes infantis e arquetípicas. O resultado, com efeito, pode ser uma desintegração mais ou menos completa da consciência (neurose, psicose); mas por outro lado, se a personalidade for capaz de absorver e integrar as novas forças, experimentará um grau quase sobre-humano de autoconsciência e de autocontrole superiores.⁹⁴

Banni Shorter⁹⁵ nos auxilia a compreender que não é difícil imaginar que se alguém está engajado em um certo nível de profundidade e se comunicando intensamente, poderia saltar rapidamente de alma para alma. Mas as mensagens rituais também estabelecem comunicação em um nível mais distante e incompreensível. Qual a gênese da necessidade de interpretar completamente uma mensagem expressa por alguém para uma audiência fora da frequência além do som? Isso pertence, sem dúvida, ao tipo de audição preparatória implícita aos neófitos pelos pastores; esse processo é necessário aos iniciantes antes de serem apresentados a mensagens mais profundas.

Talvez ninguém tentaria seriamente falar através de tal vácuo, a não ser se estivesse motivado por um impulso irreconhecível em qualquer outra forma. Psicologicamente, nossos deuses são criados por um medo consciente ou inconsciente da solidão entre ilimitadas e intransponíveis possibilidades. Isolamento, além das fronteiras, movido por uma exigência íntima, mas inflexível, um sentimento de solidão quase impossível de suportar. Isso, claro, acontece imediatamente em ocasiões de separações e perdas.

Tal estranhamento primário pode levar a Deus ou ao Diabo, ao paraíso ou ao inferno, mas no isolamento não há libertação, não há movimento. O tempo para; relutantemente, um deles tenta colocá-lo para frente, apesar da ansiedade e do medo. Expressar a si mesmo é um risco, um risco que alguém se submete apenas quando parece não haver outra saída. Ainda assim, faz-se a tentativa tendo no

⁹⁴ CAMPBELL, Joseph. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, S1998, p.71.

⁹⁵ SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. London: Routledge, 1996, p. 20.

mínimo uma fé rudimentar na perspectiva de ter o seu choro acolhido, caso contrário o ato não seria real. Nem todas observações ocorrem em igrejas; nem todas são performadas por fiéis. Tais observações são raramente estruturadas conscientemente, no entanto nascem da necessidade de encarar os parâmetros da liberdade divina/humana e a disciplina em si encoraja a humildade, a atitude de respeito pelo mistério e obediência. Um ritual que é controlado e elaborado a partir da própria consciência não terá a condição de evidenciar sua gênese como um sopro oriundo da necessidade humana de se comunicar com a autoridade do desconhecido.

Estabelecendo uma conexão entre o raciocínio desenvolvido acima e a questão proposta na pesquisa a respeito da possibilidade de ampliar o autoconhecimento através da peregrinação a Santiago, é oportuno comentar sobre algumas das respostas obtidas; o peregrino **Alejandro** nos traz uma contribuição relevante:

Você precisa ficar com você mais tempo do que estava acostumado, e o silêncio externo no começo da peregrinação significa gritaria interna em você, e quanto mais você vai avançando no Caminho, mais você vai entendendo e acalmando esses gritos, gritos que nunca haviam sido ouvidos, porque acreditávamos mais em falar do que ouvir, e com o decorrer dos dias esses gritos vão baixando e desaparecendo até que conseguimos o silêncio absoluto, podendo assim olhar sem julgar, sentir o vento, rir, chorar, simplesmente observar o mundo e sentir realmente o significado de paz.

Analisando esse depoimento percebemos a presença da real possibilidade de crescimento psíquico, da aproximação da consciência do si-mesmo através do ritual, vivenciada pelo peregrino. Nessa mesma linha, a peregrina **Cintia** faz uma boa contribuição:

[...] ao me ver sozinha, sempre diante do inesperado e desconhecido tive que me observar a cada instante, estar presente no aqui e agora para não me perder no Caminho (inclusive fisicamente). Ao estar atenta, automaticamente este processo de autoconhecimento apareceu, os sentidos ficaram mais

aflorados e a capacidade de observar o mundo e a mim mesma aumentou. Pessoalmente acho que nosso maior desafio em vida é justamente o processo de evolução, o autoconhecimento é a base *sine qua non* para esse processo. Concluo dizendo que o Caminho de Santiago para mim foi uma oportunidade de acelerar minha evolução.

Ainda segundo Shorter, a psicologia junguiana alega que as experiências através da vida são ao mesmo tempo conscientes e inconscientes, psicológicas e religiosas, materiais e espirituais. Na prática ela sustenta que com a integração da dicotomia simbolizada pela visão integrada do indivíduo, o equilíbrio é ativado. Essa força é identificada como um dos arquétipos intra-psíquicos e é chamada de *si-mesmo*. Em relação a ela nós damos expressão a uma fonte sagrada do ser. A função simbólica da psique é aceita como transcendente aos propósitos do ego consciente, e permite que um processo compensatório tome lugar garantindo o equilíbrio e reconciliando as demandas dos dois lados, o ego, o qual é capaz de tomar consciência, e o arquétipo central, o *si-mesmo* não realizado.

Através da ritualização é possível para uma terceira parte ser ativada na personalidade, uma posição que se posiciona entre a presença do ego a consciência do *si-mesmo*. Isso atua como um contra-balanço entre a tônica dominante do consciente coletivo do mundo racional e ao mesmo tempo representa o pedido legítimo de um ponto de referência extra-mundano. Um *modus vivendi* é obtido e mutuamente acomodado entre as demandas interiores e exteriores. Tal interação prove uma efetiva fonte de moral e ética. A seguir apresentamos mais um depoimento que corrobora com o pensamento acima, trata-se da resposta do peregrino **Manuel** (um dos voluntários da pesquisa):

A peregrinação abre novos horizontes de entendimento e reflexão. Acho que o Caminho transforma as pessoas, porque lá não importa o que você faz, quem você é no seu dia a dia, que cargo ocupa. A única informação sobre cada um é: de onde você vem, qual o seu nome...valorizando o mais simples, vê a beleza nas coisas simples e aprende a agradecer.

Jung⁹⁶ nos chama atenção sobre a influência do meio sobre nossa alma, observando com atenção, sempre nos admiramos com o que há de coletivo na nossa assim chamada psicologia individual. É de tal ordem, que o indivíduo pode desaparecer por completo atrás desse aspecto. Entretanto, como a individuação é uma exigência psicológica imprescindível, esta força superior do coletivo permite-nos compreender a atenção especialíssima que devemos prestar à delicada planta da “individualidade”, se quisermos evitar que seja totalmente sufocada pelo coletivo.

O homem possui uma faculdade muito valiosa para os propósitos coletivos, mas extremamente nociva para a individuação: sua tendência a imitação. A psicologia social não pode prescindir da imitação, pois sem ela seriam simplesmente impossíveis as organizações de massa, o Estado e a ordem social. A base da ordem social não é a lei, mas a imitação, este último conceito abarcando também a sugestionalidade, a sugestão e o contágio mental. Porém, a riqueza de possibilidades da psique coletiva confunde e ofusca. Com a dissolução da *persona* - invólucro das modalidades expressivas das quais o indivíduo é revestido nas relações que mantém com o mundo⁹⁷ - desencadeia-se a fantasia espontânea, a qual, aparentemente, não é mais do que a atividade específica da psique coletiva. Tal atividade traz a tona conteúdos, cuja existência era antes totalmente ignorada. Na medida em que aumenta a influência do inconsciente coletivo, a consciência perde seu poder de liderança. Imperceptivelmente, vai sendo dirigida, enquanto o processo inconsciente e impessoal toma controle. Assim, sem que o perceba, a personalidade consciente, como se fora uma peça entre outras num tabuleiro de xadrez, é movida por um jogador invisível. Sempre que surja uma dificuldade aparentemente insuperável, é inevitável ter-se que mergulhar nesse processo.⁹⁸

Todavia, a imitação descrita acima pode ter um efeito contrário na experiência da peregrinação a Santiago, pois a atitude positiva de solidariedade e compaixão presente nos peregrinos contagia e cria uma conexão com a dimensão humana do outro. O que pode ser observado no depoimento do peregrino **Alejandro**:

⁹⁶ JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 2003, pg. 29.

⁹⁷ Para saber mais: (PIERI, 2002, p. 377.)

⁹⁸ JUNG, Carl Gustav. *O eu e o inconsciente*, Petrópolis: Vozes, 2003, pg. 35.

Mesmo buscando coisas diferentes, a peregrinação nos deixa mais abertos e dispostos a ajudar e ser ajudado, o ego é deixado um pouco de lado, fazendo transluzir nossa essência, que acredito é bem parecida entre as pessoas. Mas também existem os grupos, o que é normal, por questão de afinidades.

3.5 O ritual e o sagrado

Segundo Shorter⁹⁹, um registro de participação ritual altera profundamente o ser e estimula a renascimento da consciência. E nesse tópico, padres e psicólogos concordam, ainda que suas teologias possam diferir. Entretanto, eles têm conhecimento que através da vivência pessoal nós empreendemos um grande esforço para estabelecer contato com algo que sentimos ser superior, mas fundamental para a compreensão de nós mesmos, apesar do desejo de se envolver, ignorar ou venerá-lo à distância. Isso é para dizer que nós não aceitamos a vida meramente como ela é; nós a demandamos o tempo todo e no extremo, buscamos um poder complementar a nossa condição humana que indique algum significado. Não nos satisfazemos com um simples desafio ou encontro; nós nos colocamos além e constantemente em busca de significados mais profundos e amplos para satisfazer questões individuais e interiores. A significação sagrada das coisas, entretanto, vai além do puro caráter pessoal e prove o sentido de um pedaço para o todo. Nessa instância a palavra relevante inicialmente, seja verbal ou não, é o gesto, a implicação da qual não é clara nem para nós mesmos. Mas, atrás da palavra está a súplica e está embutido reconhecimento por uma entidade superior e divina. O peregrino **Alejandro** nos auxilia a entender melhor esse efeito na prática:

No Caminho você precisa ficar com você mais tempo do que estava acostumado, e o silêncio externo no começo da peregrinação significa gritaria interna em você, e quanto mais você vai avançando no Caminho, mais você vai entendendo e acalmando esses gritos, gritos que nunca haviam sido ouvidos,

⁹⁹ SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. Routledge, 1996, p. 22-23.

porque acreditávamos mais em falar do que ouvir, e com o decorrer dos dias esses gritos vão baixando e desaparecendo até que conseguimos o silêncio absoluto, podendo assim olhar sem julgar, sentir o vento, rir, chorar, simplesmente observar o mundo e sentir realmente o significado de paz.

Qualquer tentativa de comunicação com o mistério é única em você mesmo, e ao mesmo tempo uma forma de buscar tradução para a transferência de significados verticais e horizontais. Tentando dar voz para uma condição estranha, nós lutamos com uma mensagem não premeditada que expressa essa condição, mas também transcende a ocasião.

Iniciamos os depoimentos com a resposta de **Rafael** quando perguntado se via no Caminho um rito de passagem: “Sim, é um caminho, é uma passagem importante para conhecer-se melhor, e entender que estamos de passagem nesta terra desde a hora do nascimento até a morte”.

A peregrina **Joana** deu a seguinte resposta quando perguntada sobre os símbolos sagrados do Caminho:

O Caminho em si é sagrado. Por diversas vezes enquanto caminhava sozinha, pensava: Estou pisando no mesmo lugar que São Francisco pisou, e isso enchia meu coração de amor e meus olhos de lágrimas. Para mim tudo ligado ao Caminho é sagrado, penso que a partir do momento que uma pessoa resolve a percorrer o Caminho, ela já tem amor no coração, é uma pessoa diferente, especial. Quando estava em um albergue escutei um espanhol já de idade dizer que os brasileiros vão pro Caminho fazer turismo barato. No que respondi calmamente, quanto eu tinha gasto para estar ali, com passagens, equipamentos e as dificuldades que tinha passado e arrematei: Você não acha que com esse dinheiro eu poderia estar nas Ilhas Gregas, pegando sol? Ele ficou surpreso e pediu-me desculpas.

Segue a resposta do peregrino **Manoel** quando perguntado sobre o mesmo tema: “Um símbolo do caminho que marca para sempre o peregrino é a Seta Amarela. A Seta Amarela representa a direção correta, o rumo a seguir, a segurança, o segue-me da vida. Ninguém jamais esquecerá a sua Seta Amarela”.

Idem para a peregrina **Sandra**: “O símbolo mais significativo para mim foram os marcos do Caminho, indicando a direção correta e que você se aproxima do objetivo traçado”.

3.6 O reencontro com a religiosidade

Segundo Bani Shorter¹⁰⁰, o ritual ocorre enquanto interface entre a psicologia e a religião e é em si mesmo o condutor das duas vozes. No fino espaço entre o indivíduo e o que é percebido como sendo Deus, a tradução ocorre. Trata-se de uma tentativa única de distinguir o significado da presença de si mesmo e da presença divina, entendida como tal. O peregrino **Alejandro** traz um depoimento relevante ao tema: “Enxerguei melhor minha própria religião, lapidando-a a cada passo, sentindo-a a cada gole d’água, acreditando mais a cada gota de lágrima.”

Se o indivíduo percebe que um fluxo de envio de mensagens foi ativado, um senso de significado pessoal, de autoridade e relevância passa a estar presente. Essa intuição pode ou não ser determinada; pode ou não ser duradoura, mas o fato é que na medida que essas mensagens são comunicadas simbolicamente, a sua ressonância está garantida. Isso não diminui o poder do símbolo, pois se ela não é lida como um sinal, a metáfora sugerida ressonará pela eternidade. Isso pode ser observado no depoimento do peregrino **Rafael**:

A peregrinação sob o ponto de vista espiritual e religioso nos faz compreender que estamos sempre a caminho nesta vida, e que devemos escolher as melhores trilhas para sermos felizes, com a ajuda do apóstolo Santiago e sob as bênçãos de Deus.

O impulso arquetípico ou propensão a ser comunicar com uma imagem de Deus é universalmente observável, e os sistemas rituais que nasceram em função disso são incontáveis. Dessa forma, uma análise psicológica do ritual deve avançar sobre

¹⁰⁰ SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. London: Routledge, 1996, p. 24.

algumas noções das necessidades que provocam tais comunicações através desse vazio.

Através do depoimento da peregrina **Joana** observamos o poder do rito e seus símbolos representados no sofrimento:

Sim, me senti mais “purificada”, as dores, o cansaço, as tendinites, as bolhas e a sensação de ter superado todos eles, me fez ver que sou capaz de enfrentar os obstáculos da vida. Aumentou a minha fé, esperança, de que um problema sempre tem solução, e isso é uma obra divina.

Jung define símbolos como “idéias intuitivas que ainda não podem ser melhor formuladas em nenhuma outra forma¹⁰¹”. A comunicação simbólica age como um tipo de linguagem de sinais a qual apela para o limite da compreensão, selecionada não para agradar a audiência, mas usada como o único recurso apropriado disponível naquele momento.

As nossas experiências simbólicas mais básicas e duradouras transcendem o momento, e ao mesmo tempo transformam o lugar das interpretações literais imediatas. No ritual, identificamos uma ponte que tenta ligar dois idiomas, duas culturas, ou ainda, dois movimentos importantes do ser que vêm a tona juntos. O movimento de construção da identidade do indivíduo que ocorre na esperança de estabelecer uma comunicação com as energias ocultas ou arquetípicas de transformação, não resulta em uma liturgia instantânea, mas na metafísica do instante. Essa idéia pode ser ilustrada com o depoimento da peregrina **Cintia**:

A peregrinação para mim é uma das maneiras da evolução espiritual; como também poderia mencionar o silêncio, a meditação, o jejum e outras formas.

Encaro a religião como algo um pouco diferente da difundida atualmente. Em sua origem religião significa re-ligare, ou seja, ligar novamente, ligar consigo mesmo, unir-se, unificar-se. Neste sentido a religião exerceu um papel muito importante na minha decisão (de fazer o Caminho).

¹⁰¹ JUNG, Carl Gustav. *The Spirit in Man – Art and literature*. London: Routledge and Kegan Paul, 1971, para. 105.

E finalizamos com depoimento do peregrino **Manuel**, que resume bem a conclusão da experiência explorada nesse capítulo:

Ao longo dos anos tenho percebido que fiquei conhecendo um pouco melhor de mim mesmo, pois os caminhos silenciosos através dos campos floridos, chuva, neve e outras ocasiões levam você a planos superiores de entendimento que fazem você perceber melhor o que tem ao seu redor. Nenhuma pergunta fica sem resposta nestas ocasiões.

A análise feitas no primeiro capítulo considerando os aspectos abordados por Frey e Carneiro sobre as etapas do rito, nos permite estabelecer uma relação importante com o papel do isolamento (a soleira de Turner) na jornada rumo ao autoconhecimento discutido nesse capítulo. Outro ponto relevante é o retorno do peregrino ao seu meio de origem, e o reflexo das transformações nas relações cotidianas.

Concluindo, a estrutura da jornada do herói narrada por Campbell cria condições para compreendermos melhor de que forma essa estrutura pré-estabelecida no imaginário coletivo se conecta com o imaginário do peregrino-herói, permitindo a revelação do símbolo e a aproximação do si-mesmo.

CONCLUSÕES

Iniciamos o primeiro capítulo preparando um pano de fundo que visa situar a história do apóstolo Tiago, seu papel e o papel da Igreja no surgimento do fenômeno da peregrinação ao sítio onde foram encontrados seus supostos restos mortais. Esse prólogo permite que analisemos o fenômeno nos dias de hoje, sem perder de vista as diferentes fases pelas quais a peregrinação a Santiago passou, pois uma vez que as tradições e os ritos fazem parte do objeto de estudo desse trabalho, é fundamental entender suas origens.

Muitas dessas lendas e rituais permanecem intocados, e são transmitidos da mesma maneira há séculos, como o galo que cantou em Santo Domingo de la Calzada, o ritual de atirar uma pedra na Cruz de Ferro e a Missa dos peregrinos. Apesar de estarmos diante de um fenômeno social, religioso, aventureiro, trata-se também de um fenômeno midiático, pois o alcance da divulgação do Caminho na era digital é intangível, e isso também afeta o símbolo social de realizar a jornada.

Não precisa se acreditar em nenhum dos valores presentes no itinerário, basta ter o desejo de se aventurar pelo norte da Espanha caminhando ou pedalando até Santiago para pertencer ao seletivo grupo de pessoas que realizaram o percurso. Nesse ponto nos deparamos com a tensão do peregrino e do turista, e diante das análises feitas pelos autores selecionados nesta dissertação, juntamente com os depoimentos colhidos na pesquisa, constatamos que a diferença entre as duas atitudes justifica a sua separação. Via de regra, o peregrino está concentrado em sua viagem interior, no como o seu contato com a natureza e com os símbolos será capaz de responder a perguntas intocadas; em contrapartida, o turista está em busca de experiências visuais que ampliem seu universo de referências, sem necessariamente expandir o seu autoconhecimento, pois o pacote de viagem normalmente garante conforto e previsibilidade, sem grandes desafios.

Ao utilizar a referência da jornada do herói de Campbell nesse trabalho, inevitavelmente estabelecemos uma relação estreita entre o peregrino e o herói.

Nesse sentido, ao percorrer a história do Caminho de Santiago podemos inferir as transformações ocorridas através dos séculos, e chegar ao século XX munidos dos símbolos que povoaram e povoam o imaginário desses peregrinos-heróis. Ao relatar algumas das lendas presentes, observamos a presença de estruturas familiares a outras tradições, com o elenco de personagens e papéis vividos na jornada do herói. O Caminho de Santiago foi o berço dessas histórias, pois todas estão interligadas a ele de alguma forma, como por exemplo a saga de Santa Felícia, já descrita. Arrependido, Guillermo imediatamente após seu crime hediondo é compelido a realizar a caminhada em direção a Santiago, onde, assim como a irmã, experimenta o sabor da transformação e dedica o resto de sua vida penitente à continuidade dos trabalhos solidários deixados por ela. Trata-se de um relato carregado de símbolos, que conectam o indivíduo à humildade, a penitência, o desprendimento e a caridade, símbolos estes que somente puderam ser revelados a partir de um erro fatal. Nesse caso o erro representa a possibilidade de crescimento através da dor profunda da perda.

Em seguida realizamos a análise sob a ótica antropológica, aprofundando o entendimento da peregrinação na pós-modernidade e os desdobramentos do desencanto da religião. Nesse ponto a peregrinação se revelou como uma real possibilidade de reconectar o indivíduo a seus valores espirituais e em alguns casos religiosos, como veremos nas conclusões da pesquisa. A migração do caráter público da religião para o privado abre muitas possibilidades para que o encontro com o transcendente se dê fora do âmbito estritamente religioso.

A religiosidade é assim tocada nesse contexto, e encontra ressonância na discussão proposta acima, pois há uma clara divisão entre os peregrinos motivados pela religião institucionalizada, entendida aqui como doutrina, e os motivados pela busca espiritual, que tratam a religião enquanto manifestação individual.

Ampliando a discussão, chegamos a Liminalidade de Turner, que descreve a possibilidade de transformação do indivíduo através do isolamento das distinções seculares de status e posição social, nesse instante elas desaparecem ou são homogeneizadas. O poder desse aspecto pode ser visto no depoimento da peregrina **Márcia**:

[...] O que acredito é que sem contas para pagar e com a mente relaxada prestamos mais atenção aos sinais que todos os dias tentam nos passar na nossa vida aqui. Tem gente que aprende aqui, outros precisam se isolar, não importa como. Cada um recebe o que precisa esteja onde estiver, se vai prestar atenção também é de cada um.

Dando continuidade ao raciocínio de Turner, a exposição do Caminho através da mídia e de livros consagrados internacionalmente, como o *Diário de um Mago* de Paulo Coelho, auxiliaram a expandir o acesso à história e a despertar o interesse por realizar a jornada em indivíduos não religiosos, democratizando a peregrinação e criando um ethos específico. Apesar da ausência do vínculo religioso, a sensação de pertença no grupo é grande, trata-se de um recorte do fenômeno no qual podemos observar a manifestação do conceito de *Communitas* de Turner, que descreve o encontro com o “nós essencial” de Buber, marcado pela forte e singular coletivização, um estado destituído de individualidade.

Os peregrinos entrevistados revelaram a presença de um forte vínculo entre eles ao longo da jornada, sentimentos como: compaixão, solidariedade, partilha, tolerância, fraternidade, são claramente identificados nas suas respostas. São valores importantes na composição do conceito de *Communitas*, o qual se caracteriza pela criação de uma anti-estrutura: um grupo que transcende as formas sociais pré-determinadas e assume identidade própria.

As lendas narradas no primeiro capítulo mostram muitos elementos encontrados em todas as etapas da aventura sob o olhar do mito. O segundo capítulo fez uso dos conceitos de Campbell na descrição de cada uma dessas etapas, e através da pesquisa entre os peregrinos de Santiago validamos a vivência de cada uma delas. O chamado para a jornada pode ser identificado de muitas formas, que podem ou não ocorrer conscientemente. Nos depoimentos obtidos isso é demonstrado através de eventos como: aniversário de cinquenta anos, a viuvez, um e-mail apresentando o Caminho num momento de indecisão na vida, a aposentadoria. A citação de Campbell utilizada no segundo capítulo cabe novamente aqui, pois nesse momento o objetivo é retirar-se da cena mundana e iniciar uma jornada

pelas cenas causais da psique, onde residem efetivamente as dificuldades, e torná-las claras, erradicá-las em favor de si mesmo. Uma radical transferência do mundo externo para o mundo interno.

Em seguida tem início a aventura, momento no qual o herói se lança rumo ao desconhecido. Ele terá que enfrentar as provas que serão reveladas, e superar seus medos. O indivíduo comum vive a segurança de permanecer cercado de suas verdades e limites indicados, além disso, a sociedade tende a classificar como perigoso todo terreno declarado inexplorado. Nesse sentido, o desconhecido é um terreno fértil para a projeção de conteúdos inconscientes, e a aventura abre uma grande possibilidade de atravessar essa fronteira, no entanto as forças que guardam o limiar são sombrias e envolvem riscos, por isso o herói precisa de coragem para vencer os obstáculos rumo a iluminação. Segundo Campbell, o portal é simbolizado pela imagem universal do útero, e a passagem por ele representa o renascimento. Conforme descrito no primeiro capítulo na lenda do monastério de Santa Maria La Real.

Por fim, o herói retorna, se reintegra a sociedade carregado de uma experiência revigorante, que todavia, não é reconhecida por quem o recebe. E aí que reside a maior dificuldade do retorno, a diferença de frequências entre quem chega e quem ficou. Isso fica evidente em vários depoimentos obtidos na pesquisa. Os peregrinos narram que a compreensão do significado da experiência por parte daqueles que os recebem é complicada, pois a vivência no Caminho transporta o indivíduo para uma soleira que o isola do mundo que vive, e o aproxima de dimensões pouco experimentadas no mundo moderno, como a solidariedade e o desapego do mundo material.

No terceiro capítulo construímos um caminho iniciando pela exploração das possibilidades de aproximação do arquétipo e do mito, isso se deu através da apresentação do conceito de arquétipo proposto por Jung, que toma a forma primitiva e analógica do pensamento peculiar aos sonhos, imagens arcaicas que são restituídas à vida. Não se trata de idéias inatas, mas de caminhos virtuais herdados. Jung concluiu com essa análise que a partir desses fatos pode-se afirmar que o inconsciente contém, não só componentes de ordem pessoal, mas

também impessoal, coletiva, sob forma de categorias herdadas ou *arquétipos*. Em seguida, na obra de Bani Shorter encontramos elementos da psicologia analítica que corroboram com o papel do ritual proposto nesse trabalho. As mensagens transmitidas no ritual atingem níveis incompreensíveis, e ecoam em instâncias inconscientes, trata-se de uma terceira parte ativada na personalidade posicionada entre o ego e a consciência do si-mesmo. Ela atua como um contra-balanço entre o consciente coletivo do mundo racional e o universo inconsciente. Os conteúdos arquetípicos exercem um papel importante no processo de ampliação da consciência, pois partindo de uma imagem primordial fixada no inconsciente coletivo, um símbolo significativo para o arquétipo pode ativar um conteúdo adormecido no inconsciente do indivíduo.

A palavra chave usada para designar o crescimento psíquico na pesquisa foi *autoconhecimento*, ela aparece em muitas repostas dos peregrinos entrevistados e é uma referência para a conclusão sobre a capacidade do Caminho de despertar a consciência para novas capacidades e limitações. Todos peregrinos, perguntados sobre qual o papel do ritual da peregrinação a Santiago no seu crescimento pessoal, afirmaram terem sido tocados na forma de encarar a vida. O indivíduo ao realizar a peregrinação percebe seus sentidos mais aflorados e uma maior capacidade de observar o mundo e a si mesmo, conseqüentemente cria-se condições para acelerar o autoconhecimento.

A exposição aos símbolos sagrados do ritual também exerce influência sobre a espiritualidade e o contato com o transcendente, citando um trecho do depoimento de uma peregrina: “A peregrinação para mim é uma das maneiras da evolução espiritual...”; notamos que a colocação de Shorter no terceiro capítulo é bastante precisa nesse sentido, pois segundo ele, um registro de participação ritual altera profundamente o ser e estimula a renascimento da consciência. Através da vivência pessoal nós empreendemos um grande esforço para estabelecer contato com algo que sentimos ser superior, mas fundamental para a compreensão de nós mesmos, apesar do desejo de se envolver, ignorar ou venerá-lo à distância.

O trabalho, como um todo, conseguiu aprofundar e validar as principais hipóteses, combinando elementos dos principais autores com os resultados obtidos com a

pesquisa. Nesse campo o horizonte se encontra no aprofundamento maior da análise do ritual do Caminho dentro do universo Junguiano, ainda pouco explorado na literatura. Um trabalho de pesquisa com uma amostra representativa pode revelar aspectos ainda inexplorados. Os limites foram estabelecidos por trabalhos anteriormente propostos, que já abordaram o fenômeno da peregrinação a Santiago sob a ótica antropológica (Frey e Carneiro) e pelo mito do herói de Campbell (Cousineau).

BIBLIOGRAFIA

ABUMANSSUR, Edin Sued (Org.). *Turismo Religioso – Ensaios antropológicos sobre religião e turismo*. São Paulo: Papirus, 2003.

ALQUIÉ, Ferdinand. *Solitude De la Raison*. Losfeld, 1966.

BUBER, M. e FRIEDMAN, M. *Between Man and Man*. London: Routledge, 2002.

CAMPBELL, Joseph. *A Jornada do Herói*. São Paulo: Agora, 2002.

_____. *As Transformações do Mito Através do Tempo*. São Paulo: Cultrix, 1994.

_____. *O Herói de Mil Faces*. São Paulo: Cultrix/Pensamento, 1998.

_____. *O Poder do Mito*. São Paulo: Palas Athena, 2005.

CARNEIRO, Sandra de Sá. *A pé e com fé – Brasileiros no Caminho de Santiago*. Rio de Janeiro: CNPq/Pronex, 2007.

_____. *No Caminho de Santiago de Compostela: significados e passagens no itinerário comum europeu*. Curitiba, IV Reunião de Antropologia do Mercosul, nov. 2001. Disponível em: <<http://www.caminhodesantiago.com.br/estudos.htm>>. Acessado em 5 out. 2005.

_____; FREIRE-MEDEIROS, B. *Antropologia, Religião e Turismo: Múltiplas interfaces*. *Religião e Sociedade*, Rio de Janeiro, Vol. 24, n. 2, p. 101-125, set/dezembro 2004.

COUSINEAU, Phil. *A Arte da Peregrinação: Para o viajante em busca de que lhe é sagrado*. São Paulo: Ágora, 1999.

CUSA, Nicholas of. *Selected spiritual writings*. New Jersey: Paulist Press, 1997.

DAMATTA, Roberto. *Individualidade e Liminalidade: Considerações sobre os ritos de passagem e a Modernidade*. Rio de Janeiro, 1999. 23 f. Conferência Castro Faria – Museu Nacional URFJ.

DAVIES, H.; DAVIES M. H. *Holy Days and Holydays: The Medieval Pilgrimage to Compostela*. London: Associate University Press, 1982.

DOUGLAS, Mary. *Purity and Danger*. Routledge and Kegan Paul, London, 1966.

DURAND, Gilbert. *O retorno do mito*: Introdução à mitologia. Mitos e sociedades. Revista Famecos, Porto Alegre, nº 23, abril 2004, p. 7-22.

EADE, John. *Contesting the Sacred: The Anthropology of Christian Pilgrimage*. University of Illinois Press, 2000.

ELIADE, Mircea. *O Mito do Eterno Retorno*. São Paulo: Edições 70, 1999.

_____. *O sagrado e o profano*, São Paulo: Martins Fontes, 2003.

FREUD, Sigmund. *The psychopathology of everyday life*. London: Penguin books, 2002.

FREY, Nancy. *Pilgrim Stories: On and Off the Road to Santiago*. University of California, 1998.

JUNG, Carl Gustav. *A Natureza da Psique*. Petrópolis: Vozes, 1991.

_____. *O Eu e o Inconsciente*. Petrópolis: Vozes, 1996.

_____. *Os Arquétipos e o Inconsciente Coletivo*. Petrópolis: Vozes, 2002.

_____. *Psicologia e Religião*. Petrópolis: Vozes, 2004.

LAHELMA, Antti. A short guide for pilgrims to Santiago de Compostela. Disponível em: <http://koti.welho.com/alahelm2/Santiago_Guide.pdf> Acessado em 13 jun. 2006.

MacCANNEL, Dean. *The Tourist*. University of California, 1999.

_____. *The Tourist*. University of California, 1999.

MARARDONES, José M^a. *El Retorno del Mito*: La racionalidad mito-simbólica. Síntesis, 2005.

NAGY, Marilyn. *Questões Filosóficas na Psicologia de C. G. Jung*. Petrópolis: Vozes, 2003.

NOVO Testamento, *Atos dos Apóstolos*, cap. 11-12.

PFAFFENBERGER, Bryan. *Pilgrimage and traditional authority in Tamil Sri Lanka*, Tese (Ph.D. em Antropologia). University of California, Berkeley, 1977.

PIERI, Paolo Francesco. *Dicionário Junguiano*. Petrópolis: Vozes, 2002.

PIERUCCI e PRANDI, *A Realidade Social das Religiões no Brasil*. São Paulo: Hucitec, 1996.

PORTAL do Peregrino. In: Lendas e Curiosidades. Disponível em: <<http://www.caminhodesantiago.com.br/lendas.htm>>. Acessado em 5 out. 2005.

SHORTER, Bani. *Susceptible to the Sacred – The Psychological Experience of Ritual*. London: Routledge, 1996.

STEIN, Murray. *O Mapa da Alma*. São Paulo: Cultrix, 2000.

TEIXEIRA, Faustino. *No Limiar do Mistério – Mística e Religião*. São Paulo: Paulinas, 2004.

TENÓRIO, Robinson Moreira. *Lógica Clássica: Um problema de identidade*. Feira de Santana: Sitientibus, 1993, n. 11, p. 15-19.

TURNER, V; TURNER, E. *Image and Pilgrimage in Christian Culture*. Columbia University, 1978.

TURNER, Victor. *The Ritual Process*. New York: Aldine de Gruyter, 1995.

VAN GENNEP, Arnold. *The Rites of Passage, Anthropology and Ethnography*. London: Routledge Library Editions, 1960, p. 1-14.

VARAZZE, Jacopo. *A Legenda Áurea*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003.

APÊNDICE

DADOS DA PESQUISA

Apresentamos a seguir, as respostas do questionário respondidas pelos nove peregrinos que participaram voluntariamente da pesquisa.

1) Para você há alguma relação entre a busca da evolução espiritual e a peregrinação? A religião exerceu algum papel na sua decisão de realizar o Caminho? Qual(s)?

Alejandro: Acredito que não existe motivo de fato (consciente), nem religioso, nem de busca espiritual para que se decida fazer o Caminho, o que acredito é que existe em cada um de nós um peregrino que necessita se reencontrar e sentir de novo o que o Caminho nos faz sentir. No meu ponto de vista, a religião, no sentido de fé a um culto não influenciou, pois o conhecimento interno que se adquire é tão grande que ele ajuda a que criemos nossa própria religião, desapegada de tantas tradições, cultos, imagens e templos, nós somos nosso próprio templo, sabendo discernir o que é realmente importante, e não estar a mercê de pessoas que pregam que são professores de Deus, ou seus ouvintes, fazendo-nos acreditar que eles são a nossa conexão com Ele. Aprendemos a nos conectar direto com Deus, sem “intermediários”.

Cíntia: A peregrinação para mim é uma das maneiras da evolução espiritual; como também poderia mencionar o silêncio, a meditação, o jejum e outras formas.

Encaro a religião como algo um pouco diferente da difundida atualmente. Em sua origem religião significa re-ligare, ou seja, ligar novamente, ligar consigo mesmo, unir-se, unificar-se. Neste sentido a religião exerceu um papel muito importante na minha decisão.

Elza: Poderá até ter, mas não no seu caso.

Joana: Sim. Sim, tenho formação católica, estudei 08 anos em Colégio de Freiras, meu pai era extremamente católico, atribuo ao meu desejo de fazer o caminho a

um “chamado”.

Manuel: Sim. Quando você abandona uma atividade em que consumia a maior parte de seu tempo a sua vida se modifica e um grande vácuo é formado no seu cotidiano. É o caso da aposentadoria que permite um sentido mais aguçado que permite visualizar a vida sobre vários aspectos. Na maioria das vezes a depressão pode se tornar companheira, e aí surge a religião que foi postergada ao longo do tempo. O despertar do Caminho de Santiago é um caso individual que alguns escolhidos abraçam de diversas formas. Mesmo querendo falar que o sentimento religioso não está presente ele aflora na decisão final.

Muitos renegam e até se dizem agnósticos, mas são aqueles que às vezes choram e mais se emocionam nas liturgias ao longo do caminho.

Márcia: Não... Nem evolução espiritual, nem religião...

Murilo: Meu motivo foi... aventura e curiosidade. Não senti nenhuma espiritualidade antes, durante e depois do caminho. Achei que foi uma experiência fantástica, embora com seus momentos de chatice e repetição. Faria de novo.

Rafael: A peregrinação ajudou em muito a minha evolução espiritual. Sou católico, e isto certamente exerceu um papel importante para a minha ida ao Caminho.

Sandra: Sim. Passamos a viver mais o aqui e agora, sem expectativas e isso nos torna pessoas melhores e mais felizes. Nenhuma.

2) Você pode comentar um pouco sobre o momento em que decidiu fazer o Caminho e de que forma isso ocorreu? Qual o caráter dessa decisão (ex. promessa, período “sabático”, turismo de aventura, turismo religioso)?

Alejandro: Acredito que quem decide quando é a hora, é o próprio Caminho, e não nós, pois sempre soubemos que ele existiu, mas só vamos ao encontro dele quando ele nos chama.

Cintia: Sempre ouvi falar sobre o Caminho, mas nunca com muitos detalhes. Naquela época trabalhava numa multinacional da área de informática daquelas bem americanas, com metas, prazos, pressão total. Ao mesmo tempo estudava Machado de Assis e Camões na Faculdade de Letras. E nenhuma das duas coisas

era o que eu realmente gostava de fazer, ou seja, aos 23 anos estava perdida.

Além disso, outras razões me motivaram:

Em 1999 tinha passado 6 meses na Espanha para conhecer parte da minha família materna (em Madrid e em Barcelona) e também para estudar espanhol. Para os estudos fui para o sul do país onde pude ficar sozinha e amadurecer bastante. Viajei muito, mas não pude conhecer o norte da Espanha, justamente por onde passa o Caminho Francês, um dos percursos do Caminho de Santiago que escolhi fazer em 2001.

Queria praticar o idioma espanhol; sabia que encontraria gente de todo o mundo mas o espanhol seria a base da comunicação e isso me agradava.

Sempre pratiquei esportes e o fato de andar todos esses 800km em 30 dias me parecia um belo desafio.

E o principal é que eu queria ficar sozinha, fazer silêncio, refletir e ver minha vida de outra perspectiva, afastada da rotina e dos problemas cotidianos.

Quando tudo isto estava presente, recebi, até hoje não sei de quem, um e-mail sobre o Caminho de Santiago e fui pesquisar na internet. Lembro-me como se fosse hoje, eram duas da tarde, estava em pleno expediente, e aquele site me fascinou. As quatro horas já tinha no papel os dias que iria pedir de férias, de onde sairia, o preço da passagem e a lista das coisas que iria levar.

Elza: Vi uma entrevista da Ana Shart sobre o caminho. Ela tem um livro, quase que uma brochura. Naquela hora senti um desejo imenso de fazer o caminho, onde eu teria oportunidade para refletir sobre meus comportamentos. No caminho chorei pelas coisas que fiz que não deveria ter feito e pelas coisas que deixei de fazer ...

Joana: Quando estive em Santiago de Compostela em 96, tive um choro convulsivo ao entrar na catedral. Anos depois em 99, ao ver uma exposição de peregrinos num shopping em Recife, comprei um livro e comecei a ler, a cada trecho só tinha a certeza de que um dia faria o Caminho. Os motivos até hoje não sei, não foi promessa e nem turismo religioso, só sentia que precisava fazê-lo.

Manuel: Quando o seu cotidiano sofre uma brusca mudança você fica fragilizado apesar de não perceber. A mudança deixa você aberto e vulnerável ao novo e desconhecido mesmo que o seu modo de vida seja fechado.

A descoberta do Caminho de Santiago foi repentina através matéria jornalística no ano de 1994, e inicialmente com um sentimento de aventura. No período seguinte até a partida em 1996 tornou-se também religiosa pelos fatos acontecidos ao longo da preparação da viagem.

Márcia: Minha mãe desde pequena tinha o sonho de realizar este caminho depois que um professor de história no primário comentou sobre ele! Em 1999, após ficar viúva (em 1998) ela perguntou se eu iria com ela... E acabamos indo em 3 gerações. Minha mãe, eu e meu filho, então com 16 anos. Eu fui sem saber o que esperar... Só sabia que iria caminhar...

Murilo: Meu irmão e sua esposa tinham decidido fazê-lo, e nos convidou (eu e minha esposa) para acompanhá-los naquele projeto. Após ter achado que era uma idéia “de índio”, cheguei à conclusão que poderia ser uma experiência interessante. E fomos juntos. Repito, o que me encantou foi a aventura de andar 800 km e atravessar todo o norte da Espanha.

Rafael: O comentário partiu de um parente e após ver um programa na televisão. Coloquei como meta que iria fazer a peregrinação até o ano que completaria 50 anos. E de fato ocorreu, pois em 2000 completei-os. Não houve nenhum caráter de promessa ou coisa que valha. Mas sim, um objetivo de crescimento espiritual em local histórico-religioso muito especial, vivenciando experiências de vida com peregrinos de todo o mundo, e experiências de Deus através de sinais marcantes.

Sandra: Conheci o caminho por meio de uma amiga que o havia feito. Procurei o grupo amigos do caminho em Brasília e a partir daí não perdi mais o contato. As pessoas que haviam feito o caminho pareciam ter uma luz diferente, pareciam vibrar só em ouvir falar no caminho. E a maioria fez mais de uma vez. Alguma coisa de especial deveria ter. Participei como ouvinte durante 3 anos e a vontade aumentou cada vez mais até fazer em maio de 2007. E farei tudo para retornar no próximo ano.

3) Você percebe algum tipo de unidade entre os peregrinos? Arriscaria dizer quais valores são compartilhados?

Alejandro: Mesmo buscando coisas diferentes, a peregrinação nos deixa mais

abertos e dispostos a ajudar e ser ajudado, o ego é deixado um pouco de lado, fazendo transluzir nossa essência, que acredito é bem parecida entre as pessoas. Mas também existem os grupos, o que é normal, por questão de afinidades.

Cintia: Percebo que há sim uma unidade muito forte entre os peregrinos, principalmente entre os que seguem a pé o percurso, nos ciclistas já não há tanto este sentimento. Acho que o sofrimento físico, o cansaço, a dor e o desconforto em geral despertam no peregrino um sentimento de solidariedade, até diria de compaixão uns com os outros. Compaixão de compadecer, padecer com e é isso que gera esta unidade positiva durante o Caminho.

Elza: Fui testemunha de muita solidariedade ; Tanto que fiz uma boa parte do caminho sozinha pois eu havia convidado uma colega de trabalho que estava muito depressiva,mas ela terminou me deixando e comecei a andar sozinha .. Havia um belga que estava sempre de olho em mim,preocupado comigo . E tb um casal de holandes que sempre sorria para mim quando eu chegava no albergue,Muitas vezes jantavamos todos juntos e cantavamos tb .Comemorava-se aniversarios,etc.

Joana: Fraternidade, solidariedade, amor. No caminho todo mundo se ajuda, independente da idade e idioma. Percebi que quando há boa vontade de se fazer entender e entender o que outro peregrino fala, o idioma não é uma barreira.

Manuel: A união principal entre todos os peregrinos é que foram chamados a percorrer o Caminho de Santiago. Todos estão reunidos em um objetivo único.

Caminhar a Santiago de Compostela. O objetivo único energiza de forma fantástica a todos.

Como o objetivo é único a solidariedade, a disponibilidade, a amizade, a espiritualidade e o convívio de uma família diária e até então desconhecida traz uma união nova e diferente. O cotidiano de cada um fica nulo, e cada momento novo abre perspectivas de crescimento humano e espiritual.

Márcia: Acredito que os peregrinos se tornam uma nação à parte...

Essa compaixão que envolve os peregrinos é que há de mais bonito no caminho... Valores de ajuda mútua... de atenção... de tentar decifrar o que o outro quer e precisa....

Murilo: Minha experiência pessoal - considerando as pessoas que encontrei ao longo do caminho, e com quem tive a oportunidade de conversar a respeito - foi a de que a grande maioria dos caminhantes não era de peregrinos, mas de turistas. (Vi que Você está tentando estabelecer a diferença na pergunta abaixo.) Como eu. Mas imagino que devem haver muitos peregrinos, se é que a definição de peregrino neste caso é a de quem faz o caminho motivado por razões religiosas. Não sei se poderia falar de “valores compartilhados”, mas há um espírito de camaraderie que envolve os caminhantes, cada qual reconhecendo o valor de quem está caminhando, independentemente de os espíritos e motivações serem diferentes.

Rafael: Pela experiência que tive nas 3 vezes, posso afirmar tranquilamente que notei uma ótima unidade entre os peregrinos, na sua grande maioria. Os valores que mais me chamam a atenção são: solidariedade, partilha e tolerância.

Sandra: Muita unidade. Solidariedade, companheirismo, alegria, incentivo, amizade, amor, carinho, compartilhamento.

4) Você vê distinções entre o peregrino e o turista? Qual(s)?

Alejandro: Todas. O turista busca o externo, o peregrino o interno.

Cintia: Justamente pelo sentimento descrito anteriormente é clara a diferença entre o peregrino e o turista convencional. O peregrino está muito mais aberto a novas situações e abdica do conforto de um hotel ou de um trem em nome do que se programou a cumprir durante sua viagem.

Elza: Os que faziam turismo, eram os primeiros a chegar e os primeiros na saída, iam por ser um turismo barato, na verdade não se integravam, pois não ter nada a acrescentar.

Joana: Tem uma frase muito comum nos albergues, que é mais ou menos assim: O peregrino agradece o turista exige. Peregrinos não buscam conforto, tudo que lhes vêm é presente e aceito de coração. A gente valoriza uma toalha, um lençol, água quente, a cama quentinha pra dormir.

Manuel: Não. Todos são peregrinos apesar de que atualmente algumas pessoas queiram diferenciar peregrinos por classes com intuito comerciais e de proveito próprio. O caminho é individual a ser vivido da forma que cada um deseje.

Márcia: Sim... O turista em geral viaja para comprar, para ver... O peregrino vai para descansar dos valores materialistas que tanto busca no dia a dia... (Se não vai para isso acaba aprendendo isso!) Não acho que abandone o interesse pela matéria depois que volta... Mas, passa a dar mais valor a todos os tipos de pessoas... Abre um pouco a visão e o destino da compaixão... Perde um pouco do egoísmo...

O turista viaja para ele e para os seus e volta com informações para contar sem necessariamente interiorizar nada...

O Peregrino viaja para ele e volta cheio de amigos, sentindo-se parte do mundo... Volta para os outros...

Murilo: Creio que já respondi nos comentários acima.

Rafael: O peregrino preocupa-se com o Caminho, com o espiritual, troca experiências; enquanto o turista está mais por fazer simplesmente o Caminho, gastando pouco e conhecer o mesmo, colocando como meta o chegar em Santiago.

Sandra: A maior de todas e que ouvimos sempre: turista exige e peregrino agradece, sempre!

5) Você reconhece algum símbolo sagrado ao longo do Caminho? Se sim, qual(s) e por que ele(s) é sagrado pra você?

Alejandro: O amor incondicional ao próximo e a você mesmo, isso se vê cada vez mais que você anda, a cada dia ele aumenta um pouco, até você chegar a se sentir parte do Caminho, tão importante como uma árvore ou uma pedra que está ali.

Cintia: Para mim o sagrado do Caminho de Santiago foi aquela árvore no meio de uma tarde ensolarada, aquela nuvem que encobriu o sol por alguns minutos e aliviou os olhos ou aquele riacho onde pude molhar o rosto e matar a sede quando tudo parecia tão difícil. É isso que guardo como sagrado.

Elza: A Cruz, pois representa Aquele que também fez sua perignação aqui na Terra.

Joana: O Caminho em si é sagrado. Por diversas vezes enquanto caminhava sozinha, pensava: Estou pisando no mesmo lugar que São Francisco pisou, e isso enchia meu coração de amor e meus olhos de lágrimas. Para mim tudo ligado ao Caminho é sagrado, penso que a partir do momento que uma pessoa resolve a percorrer o Caminho, ela já tem amor no coração, é uma pessoa diferente, especial. Quando estava em um albergue escutei um espanhol já de idade dizer que os brasileiros vão pro Caminho fazer turismo barato. No que respondi calmamente, quanto eu tinha gasto para estar ali, com passagens, equipamentos e as dificuldades que tinha passado e arrematei: Você não acha que com esse dinheiro eu poderia estar nas Ilhas Gregas, pegando sol? Ele ficou surpreso e pediu-me desculpas.

Manuel: Um símbolo do caminho que marca para sempre o peregrino é a Seta Amarela. A Seta Amarela representa a direção correta, o rumo a seguir, a segurança, o segue-me da vida. Ninguém jamais esquecerá a sua Seta Amarela.

Márcia: A Compaixão... É Sagrada! Sem ela a humanidade não é nada...

Simbolos, já não posso indicar...

Pois, não acredito, embora respeite, em nada que não se pode tocar, que seja proibido... Nada que seja mais, que o amor unido à compaixão, possa fazer...

Porém, acredito que não faça mal algum, para quem precisa canalizar os sentimentos através de símbolos...

Uma concha, uma imagem santa... São Thiago... Tudo faz parte da canalização das energias...

Sagrado é o amor universal!!!

Murilo: Existem símbolos sem dúvida marcantes. O principal deles é a concha, mas também as setas amarelas que orientam e acompanham todos os caminhantes, os cajados etc. Não os vejo como sagrados, mas são símbolos fortes de qualquer forma. Imagino que os reais peregrinos (= motivação religiosa) talvez os vejam como sagrados. Who knows (SIC).

Rafael: Sinceramente, não me preocupo na busca de algum símbolo sagrado no Caminho. O sagrado está na relação do interior da pessoa humana com Deus.

Sandra: O símbolo mais significativo para mim foram os marcos do caminho, indicando a direção correta e que você se aproxima do objetivo traçado!

6) A peregrinação te aproximou da dimensão religiosa? Se sim, Como?

Alejandro: Sim. Enxerguei melhor minha própria religião, lapidando-a a cada passo, sentindo-a a cada gole d'água, acreditando mais a cada gota de lágrima.

Cintia: Sim, me aproximou bastante, mas novamente lembro que considero a dimensão religiosa mais abrangente do que determina uma ou outra religião constituída. Pude exercitar princípios que podemos encontrar em diversas religiões como Amizade, Prudência e Respeito.

Elza: não, pois havia feito minha escolha pela religião católica .

Joana: Sim, me senti mais “purificada”, as dores, o cansaço, as tendinites, as bolhas e a sensação de ter superado todos eles, me fez ver que sou capaz de enfrentar os obstáculos da vida. Aumentou a minha fé, esperança, de que um problema sempre tem solução, e isso é uma obra divina.

Manuel: Sim. Pois ao longo do caminho a sua religiosidade desperta, e sem perceber você modifica conceitos, e ao longo do caminho você aprende a reflexionar melhor a sua religião.

Márcia: Confesso que passei a respeitar mais a energia que vem das pessoas ligadas à religião... Apenas aprendendo a traduzir para o que eu entendo como certo... A energia sem nome ou imagem...

Murilo: Não

Rafael: Sem dúvida, pois ver “in loco” os locais que milhões de pessoas em mais de 10 séculos passaram por acreditar em algo transcendental, eleva a nossa dimensão em todos os sentidos.

Sandra: Um pouco mais, por ter visitado muitas igrejas e assistido a muitas missas. Não tem a ver com o catolicismo, mas com a espiritualidade, em conversar mais com Deus.

7) Descreva um pouco das sensações e sentimentos relacionados ao retorno para casa.

Alejandro: Impactante. Percebi que os outros às vezes não conseguem ver através dos olhos das pessoas, e quantas máscaras temos, e quão ruim é viver com elas. A abertura que se consegue no Caminho a partir de agora se torna seu templo, uma forma de ser, uma marca eterna, que nem sempre se pode mostrar, pois as vezes por incrível que pareça é mal vista. A sinceridade nem sempre é uma virtude no mundo que vivemos.

Cintia: Sem dúvida foi a valorização do que temos a mais do que realmente precisamos. Lembro que nos primeiros banhos aproveitei a sensação de me secar com aquela toalha enorme e felpuda. Dirigir e ver o mundo passar a 70 ou a 80km/h era muito estranho... e eu pensava: “quanta coisa a gente deixa de ver com essa velocidade da vida cotidiana!”

Trabalhar, vestir meia-calça, almoçar e jantar no mesmo lugar todo dia, tudo fica com outro sabor. Os dias passam, a rotina é novamente incorporada e aquela sua experiência de peregrino fica viva na lembrança de uma viagem tão especial.

Elza: o retorno foi na França, mais precisamente em Marseille, onde morava uma das minhas filhas. Foi uma sensação de que não voltei a mesma. Vitória também, porque andei os 800 kms ao “pé da letra”. Andei a pé mais 80 kms até Finisterre. Uma experiência inusitada, dormindo ao relento e celeiros, por falta de albergues. Tenho o certificado de Finisterre.

Joana: Senti-me estranha, as conversas não tinham muito sentido, nas rodas de amigos se discutiam, quem casou quem se separou o que se comprou... e tudo isso me parecia tão vazio... Os amigos me fizeram as perguntas mais esdrúxulas, você foi em algum restaurante fino? Você comprou o que? Ou então: Como foi o Caminho? Quando eu respondia que tinha sido maravilhoso, a conversa já mudava de rumo, voltando aos papos fúteis, sobre roupas, carros... Enfim, não estavam querendo saber nada, porque não tinha “glamour”.

Manuel: A sensação de retorno é paralisante, pois o seu “velho cotidiano” está te aguardando no aeroporto! É uma questão de tempo maior ou menor para você perceber que algo mudou apesar de que seu amigo que te aguardava no aeroporto

a todo o momento te lembra que você voltou a realidade.

Márcia: No primeiro Caminho adorei voltar... Foi como voltar para "digerir"... Muitas situações bonitas... Muita coisa falando não sei de onde... Acredito que a natureza fale... Acredito que exista vida em outra dimensão... Que ninguém se acaba com a morte... Então foi tantas pequenas provas de que eu estava certa que precisei de bastante tempo para "digerir"...

A parte de integração com outros peregrinos só aconteceu depois do segundo caminho para mim...

Murilo: Mais uma experiência legal, no meu caso, única. Muitas histórias a contar. Muitas perguntas a responder.

Rafael: Na primeira vez foi mais difícil, pois ficar por mais de 30 dias alheio ao mundo competitivo de hoje, mas vivenciando aquilo que se acha que seria o ideal, como a confraternização, e ainda, descobrir que vive-se feliz e muito bem com apenas com os bens que se carrega na mochila, é uma experiência única e de difícil assimilação ao retornar à rotina...

Sandra: Permanece uma imensa alegria interior que dura muito tempo e que podemos alimentá-la indefinidamente e uma grande saudade do caminho.

8) Na sua opinião os símbolos tradicionais do Caminho permanecem com os mesmos significados? Se não, você poderia indicar que mudanças percebeu?

Alejandro: Acredito que para os peregrinos sim, mas também acredito que existe muito marketing encima do Caminho, o que acaba denegrindo seu real significado. Inclusive acredito que alguns peregrinos usam essa experiência por status, o que no meu ponto de vista prejudica a simbologia real do que é tanto para ela mesma como para outros que tiveram a experiência de ir. Muitos se esquecem do motivo que levou o 1º peregrino ir a Santiago. Essa é a real simbologia de Compostela.

Cintia: Os símbolos tomam mais importância e ganham valor pelo peso que vão adquirindo durante o percurso. Ao ver, por exemplo, uma flecha amarela em qualquer parte do mundo, não há como não pensar que aquilo nos leva a Santiago de Compostela, mesmo que seja um desenho infantil ou um sinal de trânsito em um país qualquer.

Elza: Até a época que fui, sim .Depois não posso afirmar se houve mudanças .Fiz em 2001 a Ruta De la Plata,saindo de Sevilha, mas não exigimos muito de nós mesmas (fui com uma amiga)Foi,por assim dizer um reconhecimento de um caminho novo.Meio deserto,com poucos albergues.

Joana: Sim. Os peregrinos de uma maneira geral têm respeito por tudo ligado ao Caminho.

Manuel: Sim. Permanecem com os mesmos significados

Márcia: O Caminho se você deixar vira um grande comércio de símbolos... Então prefiro o desenho das nuvens...O canto dos pássaros... O peregrino de um outro país contando em outra lingua sua vida...A linguagem dos gestos...Do coração... Isso não muda... Isso para mim é o verdadeiro simbolismo do caminho...

Murilo: Não sei responder.

Rafael: Tenho reparado desde a 1ª vez até agora um certo desvirtuamento do Caminho. Em determinados trechos especialmente, havendo uma exploração imobiliária inadequada no meu ver.

Sandra: Não respondeu a essa questão.

9) Você considera a peregrinação a Santiago um rito de passagem? Por que?

Alejandro: Não, porque a marca que ele deixa é eterna.

Cintia: Depende de cada um, o Caminho em si não é nada, depende de como cada peregrino encara a viagem. Para mim foi um período importante, não vou dizer que mudei minha vida da água para o vinho, mas até hoje sinto as conseqüências deste percurso que me ensinou muito a valorizar as coisas simples da vida e a diminuir o tamanho dos problemas vividos pelo homem comum.

Elza: O que paasei foi muito forte . Se voce entende "rito de passagem" como uma mudança de comportamentos. foi o que aconteceu comigo .

Joana: Acho que o Caminho transforma as pessoas, porque lá não importa o que você faz quem você é no seu dia dia, que cargo ocupa, se tem grana ou não. A única informação sobre cada um é: de onde você é e qual seu nome, às vezes nem o nome era necessário, bastava reencontrar um rosto que já tinha visto antes para

se abrir o sorriso e se tornarem amigos, solidários. Para quem tem uma vida super ocupada sem ter tempo pra família, pros amigos, quem se mata de trabalhar pra ter mais, termina por rever todos esses conceitos e acaba mudando o estilo de vida. Valorizando mais o simples, vê beleza nas coisas simples e aprender a agradecer. Coisas que numa vida atribulada passam despercebidas.

Manuel: Não. A peregrinação de Santiago abre novos horizontes de entendimento e de reflexão. Já realizei desde 1996 doze caminhadas a Santiago de Compostela por diversas rotas e cada uma delas traz um conhecimento diferente. Seriam doze ritos de passagem?

Márcia: Não... Porque não acredito que você evolua espiritualmente em razão deste ou daquele caminho... Isso é uma coisa de cada um... Muitos fazem o caminho e em espiritualidade voltam iguais...Piores.... Como passar por qualquer fato na vida... Muitos aprendem, outros não...

Não acho que o Caminho de Santiago seja diferente do nosso dia a dia...

O que acredito é que sem contas para pagar e com a mente relaxada prestamos mais atenção aos sinais que todos os dias tentam nos passar na nossa vida aqui...

Tem gente que aprende aqui... Outros precisam se isolar... Não importa como...

Cada um recebe o que precisa esteja onde estiver... Se vai prestar atenção também é de cada um...

Murilo: Para mim não.

Rafael: Sim, é um caminho, é uma passagem importante para conhecer-se melhor, e entender que estamos de passagem nesta terra desde a hora do nascimento à morte.

Sandra: Considero porque somos uma pessoa antes do caminho e outra depois que fazemos o caminho.

10) Você reconhece na peregrinação uma experiência relacionada ao processo de auto-conhecimento? Se sim, De que forma ela foi capaz de auxiliá-lo a ampliar a compreensão de si mesmo e sua relação com o mundo?

Alejandro: Você precisa ficar com você mais tempo do que estava acostumado, e

o silêncio externo no começo da peregrinação significa gritaria interna em você, e quanto mais você vai avançando no Caminho, mais você vai entendendo e acalmando esses gritos, gritos que nunca haviam sido ouvidos, porque acreditávamos mais em falar do que ouvir, e com o decorrer dos dias esses gritos vão baixando e desaparecendo até que conseguimos o silêncio absoluto, podendo assim olhar sem julgar, sentir o vento, rir, chorar, simplesmente observar o mundo e sentir realmente o significado de paz.

Cintia: Não poderia deixar de ser, ao me ver sozinha, sempre diante do inesperado e desconhecido tive que me observar a cada instante, estar presente no aqui e agora para não me perder do Caminho (inclusive fisicamente). Ao estar atenta, automaticamente este processo de auto-conhecimento apareceu, os sentidos ficaram mais aflorados e a capacidade de observar o mundo e a mim mesma aumentou. Pessoalmente acho que nosso maior desafio em vida é justamente o processo de evolução, o auto-conhecimento é a base sine qua non para este processo. Concluo dizendo que o Caminho de Santiago para mim foi uma oportunidade de acelerar minha evolução.

Elza: Com disse no item dois passei por um processo de auto conhecimento que me valeu muito .Naquela época tinha 65 anos .Fui com uma amiga que depois reslveu adar sozinha. E esta foi a minha oportunidade .Esta minha amiga teve muitas bolhas .Fomos jjuntas ao médico.Ela ficou no albergue e eu segui em frente. Mais adiante encontrei uma brasikeira,que morava em Madri .Uma companhia maravilhosa,muito alegre e aodorava cantar fazendo dueto com um suíço.Tínhamos tb por companhia um peregrino a cavalh qie nos povoados smpe procurava um trabalho para custear suas despesas ,Doei a ele umas botas e um casaco .As botas que ele usava estava soltando o solado.

Joana: O fato de estar sozinha e com tempo sem pensar nas questões diárias, a não ser onde vai dormir e comer, nos dá uma grande oportunidade de nos avaliarmos e também a nossa vida, como somos, ter uma dimensão de nossos defeitos e virtudes. Olhar as pessoas com amor, não só amigos, mas pessoas que encontramos no dia a dia, a caixa do supermercado, o porteiro do prédio... pessoas que muitas vezes nem olhamos no rosto. A humildade se torna latente. Aprendi a exercitar mais do que antes a capacidade de me colocar no lugar do outro, de

ajudar, de ter compaixão. Um ano depois que voltei resolvi voltar à faculdade e fazer Serviço Social (me formo no fim do ano).

Manuel: Ao longo dos anos tenho percebido que fiquei conhecendo um pouco melhor de mim mesmo, pois os caminhos silenciosos através campos floridos, chuva, neve e outras ocasiões levam você a planos superiores de entendimento que fazem você perceber melhor o que tem ao seu redor. Nenhuma pergunta em estas ocasiões fica sem resposta.

Márcia: Não senti isso... Talvez porque cresci tentando ouvir os sinais da vida...E aprendendo que eram importantes... Então no caminho só recebi o que já costumava receber... Diferente ou não... No mesmo ritmo...

A vida é para ser vivida... Amada e as outras pessoas se não servem como exemplo positivo, servem como negativo... E sempre que puder ajudar a alguém que se encontra no escuro a enxergar...Faça... Pq se vc pode ser mais feliz que o outro é pq vc tem obrigação de ajudar os outros a serem felizes tb!!! A ser... Aprendendo...Não facilitando a cegueira...Acho que é obrigação de quem ama ensinar a amar e respeitar os limites de quem não sabe...

Murilo: Mesmo para mim, turistando pelas plagas secas e marrons do norte espanhol, como poderia estar andando de bicicleta pela Alemanha, só o fato de se ficar trinta dias imerso em uma aventura longa e, de certo modo solitária, acaba se tornando uma oportunidade para reflexões sobre nossa vida e nosso mundo. Nesse sentido, concordo com ter sido a caminhada (resisto a dizer “peregrinação”) um processo de auto-conhecimento. E isso foi uma das coisas marcantes da experiência.

Rafael: Acredito que sim, principalmente dando-se conta disso no retorno. A peregrinação sob o ponto de vista espiritual e religioso nos faz compreender que estamos sempre a caminho nesta vida, e que devemos escolher as melhores trilhas para sermos felizes, com a ajuda do Apóstolo Santiago e sob as bênçãos de Deus.

Sandra: Com toda certeza é um processo de auto-conhecimento uma vez que temos todo o tempo do mundo para pensar em nós mesmos, em como nos relacionamos com os outros peregrinos e com a natureza que nos acompanha intimamente todo o tempo.